FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 15 DE AGOSTO DE 1959

ANO 39.º — NÚMERO 13 17

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE
NÚMERO AVULSO: UM ESCU

ACTUALIDADE DO ULTRAMAR

Ao agradecer, ontem, em Santa Margarida, durante os exercícios militares que ali estão a decorrer, os cumprimentos que lhe foram dirigidos, o ministro do Exército fez algumas declarações que nem por serem breves deixam de se revestir de menor importancia e actualidade. Depois de enaltecer as qualidades do soldado português e de fazer, em traços largos, o balanço de um ano de actividade no exercício do seu cargo, o sr. coronel Almeida Fernandes dirigiu ás forças armadas e ao País um aviso solene que não pode deixar de constituir um tema de meditação para todos os Portugueses.

Em tudo quanto respeita aos trabalhos em curso para adaptar o Exército ás tarefas que lhe competem, e o esperam num prazo mais breve do que se pode supor, segundo afirmou, impõe-se proceder com prudência, mas com determinação:

«Perseverança e concentração de todos os nossos esforços — *acrescentou* —, tanto mais necessários quanto é certo que as circunstan-

(Continua na 14.ª página)

Malogrou-se a experiência com o balão-satélite

CAPE CANAVERAL, 15 — A Agência Nacional da Aeronáutica e do Espaço anunciou que o balão-satélite, destinado a ser visível a olho nu, se enchera de gás, como fôra previsto e que «vogava no espaço». O foguetão-portador foi o «Juno II».

Não será, no entanto, possível saber, antes de algumas horas, se o balão foi colocado na sua órbita.

O seu enchimento, porém, constitui, só por si, um grande êxito técnico. Uma garrafa de azoto que se abre, faz inchar a esfera em 4 minutos, no momento em que o terceiro lanço do foguetão lançou no espaço o conjunto de instrumentos. Pouco a pouco, o azoto vai saindo do balão, que conservará a sua rigidez graças ao seu invólucro recoberto de alumínio. Mesmo perfurado por micro-meteoros, a esfera não poderá esvaziar-se. Se o baião for colocado na sua órbita, será denominado «Beacon» (Farol). — (F. P.).

Malogrou-se a experiência

WASHINGTON, 15 — O balão-satélite não foi colocado na sua órbita. Pode considerar-se que a experiência se malogrou.—(F. P.).

Perdeu-se a cápsula do «Discoverer V»

WASHINGTON, 15 — Confirma-se o malogro da tentativa de recuperação da cápsula do «Dicoverer V». — (F. P.).

Duas mulheres e o marido comum viviam em harmonia

PORT ELIZABETH (União Sul Africana), 15. — «Temos o mesmo marido» confessaram duas mulheres no tribunal desta cidade, onde compareceram sob a acusação de roubar artigos de vestuário masculino.

Joyce Senbenge e Nora Sana — as duas esposas — argumentaram que as roupas se destinavam ao marido comum, que se encontra doente.

No tribunal, descreveram a «harmonia» em que há quatro anos os três vivem.

O juiz condenou ambas em três meses de prisão, com a pena suspensa. — (A. N. I.).

DEZENAS DE MORTOS e duzentos feridos causou no Brasil o furacão tropical?

RIO DE JANEIRO, 15. — Dezenas de mortos e duzentos feridos teria causado o furacão tropical que flagelou o sul do Brasil.

A zona atingida — a cerca de 800 quilómetros do Rio de Janeiro — encontra-se práticamente isolada, por se encontrarem as vias de comunicação interrompidas pelas inundações e as linhas telefónicas terem sido derrubadas pelo vento.

As primeiras notícias, não confirmadas, dizem que milhares de pessoas ficaram sem abrigo.

Entretanto, o governador do Estado de Paraná mandou aviões para Palmas, a fim de lançarem alimentos e remédios. — (A. N. I.).

Há pelo menos 66 mortos

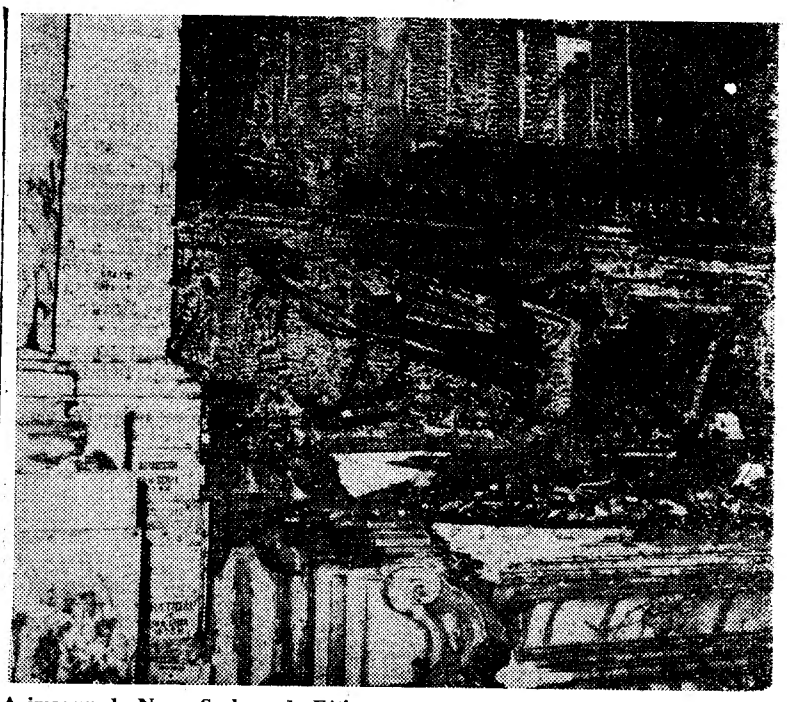
RIO DE JANEIRO, 15.—Morreram pelo menos 66 pessoas, entre elas 14 crianças, e há muitas outras feridas, devido ao furacão que devastou a região fronteiriça dos Estados do Paraná e de Santa Catarina, no sul do Brasil. Há muitas casas destruídas.—(F. P.).

O «Georgia» segue para a Rússia

TÓQUIO, 15. — O tufão «Geórgia» não flagelou a ilha de Hokkaido e dirige-se á razão de 56 quilómetros horários para e península de Kamchatka, na Russia. Os meteorologistas nipónicos consideram aftsado o perigo — (A. N. I.).

Vaga de calor na Áustria

VIENA, 15.—Uma vaga de calor, que obrigou a população a invadir as piscinas publicas, faz-se sentir na Áustria a seguir a uma série de inundações catastróficas que causaram oito mortes e elevados danos materiais, calculados em centenas de milhão de xelins austríacos.—(A. N. I.).



A imagem da Nossa Senhora de Fátima, que se encontra agora á porta da sacristia de S. Domingos, foi retirada, completamente carbonizada, do montão de destroços fumegantes

Das ruinas de S. Domingos ergueram-se ainda hoje pequenos focos de incêndio logo extintos pelos bombeiros de piquete

Era estranho e impressionante o aspecto que hoje ofereciam as ruínas da histórica igreja de S. Domingos, num contraste flagrante entre o sol quente — símbolo da vida — as paredes calcinadas — imagem da destruição.

Já se passaram quase 48 horas após o pavoroso incêndio que provocou o desaparecimento do rico e majestoso templo e a multidão que acorre ainda a contemplar aquele emocionante espectáculo de desolação parece não cessar. As velhas portas de mogno, que resistiram ao fogo cerraram-se, mas o povo continua a desfilar, em religioso silêncio, boquiaberto, pelas artérias que circundam as paredes nuas da igreja, contido a distancia por grupos de polícias, que o não deixam aproximar talvez por se temer ainda qualquer funesta derrocada. São aos milhares as pessoas que por ali continuam a passar, a maioria aproveitando a liberdade do feriado de hoje.

Pequenos focos de incêndio ainda nascem entre as ruinas

A unica entrada para a igreja que agora se utiliza é a da Rua D. Duarte, nas traseiras, que serve de acesso também á residência paroquial. Guardas da P. S. P. vigiam-na rigorosamente e só permitem o ingresso a entidades devidamente autorizadas.

Lá dentro, o mesmo quadro impressionantemente vazio da véspera, agora ainda mais saliente pelo contraste proporcionado pelo Sol. Apenas um piquete do Centro de Instrução de Recrutas do B. S. B., constituído por nove recrutas e comandado pelo cabo de 2.ª classe sr. Francisco Rodrigues Gomes e o unico sinal de vida. Fora, um

(Continua na página central)

Diario de Lisbôa
publica hoje
32
páginas
nas quais se incluem
TRÊS SUPLEMENTOS:
MAGAZINE
*
JUVENIL
*
DE UMA SEMANA
PARA A OUTRA

200 Negros que atacavam uma cidade do Natal foram dispersos pela Polícia e civis

JOHANNESBURGO, 15 — Trezentas mulheres e crianças, uma centena delas europeias, refugiaram-se ontem no hospital da pequena cidade de Harding, no Natal, enquanto os homens se preparavam para combater um forte grupo de Africanos que marchavam contra a cidade. Todavia não se disparou nenhum tiro, e ao cair da noite, o incidente parecia terminado.

Em Martizburg, 200 Africanos reunidos perto de uma fábrica de cerveja, atacaram a Polícia com tijolos, mas foram obrigados a dispersar.

Finalmente, em vários pontos do Natal, mulheres africanas recusaram-se a levar as suas cabeças de gado aos banhos antiparasitas. — (F. P.).

VISADO PELA CEN

A XXII VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

O circuito de Vila do Conde foi ganho ao "sprint" por Alves Barbosa (Sangalhos)

(Dos nossos enviados especiais)

VILA DO CONDE, 15 (Pelo telefone) — Grande multidão assistiu ao circuito que se disputou nesta vila e o qual começou ás 18 horas. O publico aglomerou-se especialmente junto da meta. Atmosfera de entusiasmo e colorido inusitados. Os veraneantes, particularmente, interessaram-se a fundo pela actuação dos «voltistas».

O circuito, no total de 58 quilómetros, disputou-se em linha.

Antes do começo da tirada, Sousa Cardoso, grande favorito da Volta, que um acidente no Marão coagiu á desistência, surgiu junto da meta, sendo muito acarinhado pelo publico.

A primeira volta, feita em 4 m. e 22 s., foi ganha por Agostinho Brás, distanciado cerca de uma dezena de metros do pelotão.

Atrasado por avaria numa roda, passou Francisco Marinho.

Na segunda volta, Sousa Santos ia á frente, trazendo na sua cola Alves Barbosa.

Na terceira volta, percorrida em melhor «tempo», 4 m. e 15 s., os

(Continua na ultima página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO..

Explicação do sofrimento

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A vida é movimento, o futuro, o sonho, a realização presente e a distância, enquanto a morte é o passado, a ausência, sinais distantes através dos quais a vida se renova todos os dias. Não há morte sem vida. Esta existe em todas as moléculas. Tudo se apresenta na existência com dois aspectos, duas fachadas. O grande problema, o insolúvel enigma dos nossos dias reside no hermético segredo das coisas e dos seres. O cimento que ainda une os homens é o enigma da vida e o mistério da morte. «Tout le monde s'entend quand on parle de la vie et de la mort».

A salvação reside no regresso, no retorno à tranquilidade dos dias idos da infância; atravessar o mun-

(Continua na 14.ª página)

2.ª TIRAGEM

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

As ligações marítimas
entre Lisboa e a Madeira
vão ser muito melhoradas

E' conhecida a deficiência das ligações marítimas entre Lisboa e o Funchal, deficiência a que várias vezes temos aludido. O problema está agora a ser encarado de frente de modo a encontrar-se a solução mais conveniente, embora transitória. O sr. ministro da Marinha está empenhado no caso prestando-lhe a maior atenção.

Sabemos que no gabinete do ministro têm decorrido conversações nesse sentido, com a participação, além do ministro, do sr. presidente da Junta da Marinha Mercante, administradores da Empresa Insulana de Navegação e ainda os srs. B. M. Straniky, presidente dos Bolindeus Gruvaktiebolas, da Suécia, e ainda o sr. José Syder, representante de uma firma portuguesa.

Podemos acrescentar que de momento tem muita viabilidade a hipótese de a Insulana vir a fretar uma unidade estrangeira para ser utilizada nessas carreiras. Esta medida justifica-se inteiramente, pois só nos primeiros seis meses embarcaram e desembarcaram mais passageiros que em igual período de 1956, 1957 e 1958.

Poucas transacções
na Feira de Beja

BEJA, 15 (Pelo telefone) — A Feira de Beja teve hoje o seu segundo dia, registando a cidade grande concorrência de forasteiros, embora inferior aos anos anteriores. No que respeita a transacções voltaram a manifestar-se os efeitos do mau ano agrícola, pelo que as transacções foram escassas e de pouca monta. O gado ovino, apesar de estar a baixos preços, não teve muitos compradores e o gado suíno com altos preços, não encontrou também numero apreciável de compradores.

A CIDADE

Pelos hospitais

ATROPELAMENTO — Recolheu á sala de observações do Hospital de S. José o pintor João Filipe Mendinhas, de 46 anos, morador na Rua de Olivença, 32, rés-do-chão, Moscavide que foi colhido por um automóvel em Sacavém.
Sacavém.

MORREU NO HOSPITAL — Faleceu no Hospital de S. José, para onde entrara há oito dias, o estudante Fernando Jorge Martins Bengala, de 15 anos, residente no Poço do Borratém, 33, 4.°, que fracturara a coluna, ao mergulhar na praia de S. Amaro de Oeiras.

ACIDENTE DE VIAÇÃO — No Hospital de S. José, receberam tratamento Evaristo Nunes, de 48 anos, trabalhador da A. G. P. L., sua mulher Ausenda Marques Nunes, de 47 anos, efilho, Vítor Manuel Marques Nunes, de 14 anos. moradores na Rua Chaby Pinheiro, 19, cave, e uma sobrinha, Maria Teresa Mendes Nunes, de 18 anos, residente na Travessa do Conde da Ponte, 41, rés-do-chão que tiveram um desastre de automóvel, perto de Leiria, quando seguiam em direcção ao Carregal do Sal: a direcção partiu-se e o carro despenhou-se por uma ribanceira.

Exceptuando Ausenda Marques Nunes, todos os outros ficaram internados no hospital, apresentando contusões pelo corpo.

NOVA FASE
dos exercícios
em Santa Margarida

CAMPO DIVISIONARIO DE SANTA MARGARIDA, 15 — (Pelo telefone)— Após os exercícios de patrulhamento, efectuados durante a noite, iniciou-se esta manhã, ás 6 horas, uma fase muito importante do ataque, integrado no plano de manobras de Outono. Foram alcançados os objectivos intermédios e as tropas procederam á sua instalação e reorganização nas zonas conquistadas, aguardando ordens. O «inimigo» parece ter retirado para novas posições.

Chegou esta manhã, ás 8 e 30, um grupo de oficiais da S.H.A.P.E., que visitou o aquartelamento e esteve na zona de manobras.

Amanhã, prossegue o ataque e o exercício de patrulhas.

ROTARY CLUBE

A reunião do Rotary Clube de Lisboa, da próxima terça-feira, ás 13 horas, na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, será dedicada a companheirismo, havendo, em vez da palestra habitual, sugestões, observações e esclarecimentos.

O 104.° ANIVERSÁRIO
DA ACADEMIA RECREIO ARTÍSTICO

A Academia Recreio Artístico comemorou hoje o 104.° aniversário da sua fundação.

A's 11 horas, houve uma romagem ao monumento ao glorioso actor António Pedro, há pouco inaugurado no Jardim do Campo Grande. De tarde, na sua sede, na Rua dos Fanqueiros, 286-1.°, a cada um dos 30 pobres, foram distribuidos géneros no valor de 30 escudos e 20 escudos em dinheiro, seguindo-se um acto de variedades.

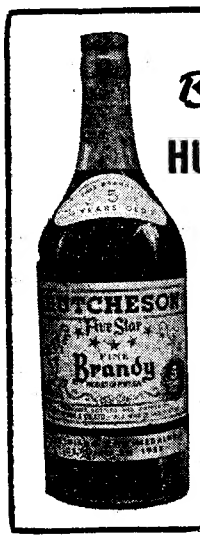
SEGUNDA-FEIRA

UMA LIQUIDAÇÃO COMO NUNCA SE VIU!
Descontos superiores a 50%

POR MOTIVO DE TRESPASSE E MUDANÇA DE RAMO, JOQUEI CAMISEIROS liquida as suas preciosas colecções de Camisas, Meias, Gabardines, Cintos; Pullovers, Luvas, Slips, Lenços e um número infindável de artigos do seu ramo e de 1.ª qualidade,
A PREÇOS COM REDUÇÕES QUE ULTRAPASSAM 50 %

JOQUEI CAMISEIROS
R. NOVA DO ALMADA, 60 — LISBOA

AIA



Prefira Brandy HUTCHESON

Medalha de Ouro 1955

DEPOSITÁRIOS:
T. VILARINHOS, L.da
Rua de Santarem, 145 a 151-B
TELEFONE, 663209
LISBOA-2

SAB-932

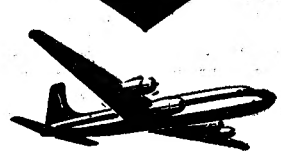
FEIRA DE AMOSTRAS DE PRODUTOS PORTUGUESES

F A P P

LEOPOLDVILLE
DE 15 A 29 DE SETEMBRO DE 1959

Pela SABENA viajará com a maior rapidez e comodidade

EM SUPER DC-6 E SUPER DC-7C



Consulte o seu Agente de Viagens ou a
SABENA LINHAS AÉREAS BELGAS
Praça da Alegria, 58, 1.° — Lisboa — Telef. 33538 - 28401

Clínica Dentária Santa Joana
RUA BRAAMCAMP, 88, 1.°, ESQ. TELEFONE 733257
Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA
Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS
DIAS ÚTEIS — das 9 à Meia-noite
DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

Tágide Lisboa — Palm Beach Cascais — Concha Praia das Maçãs
NOS VOSSOS RESTAURANTES «MUSIC-HALL»
DEO MAIA
Walter Machado — Irmãos Guarás
O RANCHO DANÇAS E CANTARES DA NAZARÉ
Brevemente (M/17 anos)
MARJANE
Palm Beach Tágide Concha

De ontem para hoje

ALA DOS NAMORADOS

NOS terrenos onde há 574 anos se travou a batalha de Aljubarrota houve ontem um acampamento da Mocidade Portuguesa, missa campal e almoço de camaradagem. A mocidade de hoje celebrou a vitória que assegurou a nossa independência, nesse campo sagrado assinalado pela capela de S. Jorge, e onde agora crescem os milhos, a vinha, as oliveiras e os pinheiros e que era, na altura, coberto de mato rasteiro permitindo as manobras de exércitos. O génio de Nun'Alvares viera reconhecer os terrenos na antevéspera e seu olhar de águia bem vira a posição que lhe convinha; de madrugada, trouxera toda a sua gente de Porto de Mós e ali a formara, esperando o embate dos castelhanos. O sistema de trincheiras abertas em poucas horas está a ser posto a nu, quase cinco séculos decorridos. Actividade febril a desse homem que no espaço de algumas horas, salvava um País! Ao centro da hoste, a dar-lhe animo, coesão e energia, a Ala dos Namorados. Os jovens de Portugal ali estiveram ontem, lembrando os feitos «grandes e sonoros» dos de antanho. O subsecretario da Educação anunciou ao acampamento as comemorações do centenário do nascimento do Condestável no ano próximo. E melhor exemplo não poderá ser dado aos namorados de hoje: «O Mundo não vai nesta feição mas nós continuamos convencidos de que não há outra forma de preparar homens para a vida senão caldeando-os varonilmente, em existência dura, em espírito de sacrifício conscientemente aceite e em criadora insatisfação».

FEIXE DE NOTICIAS

NÃO se sabe ao certo o numero de mortos na batalha de Aljubarrota. Os cálculos andam á roda de três mil, alguns havendo que vão ao exagero Os mortos; que os prisioneiros foram muitos. Quase o mesmo que na batalha de Aljubarrota ceifaram as armas portuguesas e castelhanas, ceifam por ano nas estradas os desastres de viação. Ontem foram nada menos de cinco vidas. Em 365 dias, serão 1.725 vidas... Há que voltar aos tempos de Nun'Alvares!

✱ A camioneta pesada descia o mundo de ferro-velho que é a íngreme Rua do Alvito, Vinha do forno da cal Tudo corria bem, que o motorista António de Sousa Lopes, de 23 anos, é prudente. Em determinada altura o motorista mete os travões e eles não obedecem. Angustia mortal e suores frios. Mete segunda e terceira vez. Nada. Os travões não obedecem e a camioneta desliza e ganha velocidade. E' um mastodonte á desfilada. O motorista grita — unica coisa que pode fazer. E o veículo resfolegando, como um toiro, vai enfeixar-se contra uma loja de ferro-velho que tem o n. 15. Esmagados contra a parede ficaram dois desditosos trabalhadores Luís António Bernardes e António Cardoso Semedo, que regressavam da faina diária...

✱ Antonio Viegas Cavaco, de 31 anos, era um electricista de Olhão. Trabalhava no Alentejo por conta da Aliança Eléctrica do Sul. Ontem regressava a casa, em bicicleta motorizada, para aproveitar o fim de semana com a família. Perto de Aljustrel apanhou-o uma furgoneta e matou-o. Ia para casa, mas ficou, cadáver, no hospital de Aljustrel. A mulher e os filhos, de 3, 6 e 8 anos, que o esperavam com alegria, receberam a notícia de estarem sós...

✱ Em Elvas, uma camioneta atropelou e matou Matias da Conceição Valeriano Poejo, de 6 anos. Brincava na rua, como se podia brincar nos tempos em que não havia automoveis e camionetas. A gora os veículos são piores que os trons castelhanos, em 1385...

✱ Na estrada marginal, Parede. O movimento é intenso. De Cascais para Lisboa vinham dois carros, guiados pelo sr. Manuel Sequeira Rodrigues, funcionário da Marconi, e pelo eng. Couto dos Santos, correio-mor. Atrás vinha uma furgoneta guiada pelo sr. Manuel Rodrigues Figueiredo. Vinha em pulgas, que lhe não sofre o animo ver outros á sua frente e vá de os ultrapassar, passando por entre os dois. Chocou com os dois, perdeu a direcção do veiculo e acabou por chocar com a vedação da estrada, galgá-la e cair nos rochedos que debruam as águas do mar. De lá a retiraram os bombeiros e, felizmente, não há que lamentar mais uma vítima das ultrapassagens.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência os srs. José da Costa Magalhães, vice-consul de Portugal na Baia, e dr. António Luís Gomes. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos os srs. brigadeiro Emílio Ramos Afonso, 2.º comandante da II Região Militar; brigadeiro Abel Sotto-Mayor, presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, e Luís José de Oliveira Nunes, consul português em Nairobi. ✱ Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam os srs. ministros das Finanças e das Comunicações. ✱ Ao Instituto de Medicina Legal recolheu José Noura Rodriguez, de 54 anos, empregado no comércio, de naturalidade espanhola, residente na Rua das Canastras, 25 2.º, que teve morte subita, quando tomava banho, em casa. ✱ No depósito de lixo da Camara Municipal da Covilhã foi ateado incêndio. Destruído o barracão e grande quantidade de estrume e 14 suinos que lá pernoitavam. ✱ Em Alvações do Corgo, Santa Marta de Penaguião, o fogo destruiu parte da casa do sr. Horácio de Carvalho. ✱ Em Lagares da Beira, Oliveira do Hospital, houve um incêndio que destruiu a casa de arrumação do sr. Manuel Mendes Miranda.

SHELL

SHELL PORTUGUESA, S. A. R. L.

comunica aos seus prezados Clientes e ao Público em geral que, a partir do próximo dia ***1 de Setembro,*** *os seus Escritórios Centrais ficarão instalados no* ***Edifício Shell*** *situado na*

Avenida da Liberdade, 249, Lisboa-2

Telefones { *733141 (10 linhas)* / *734141 (10 linhas)*

para onde agradece que seja dirigida toda a correspondência.

Mais informa que a inauguração oficial do Edifício Shell se realizará no dia 30 de Setembro.

Hidro-Eléctrica Portuguesa

S. A. R. L.

CAPITAL AUTORIZADO — 125:000.000$00

Sede no Porto
Rua Dr. Alves da Veiga, 57-1.º

Delegação em Lisboa
Rua de S. Bento, 644-3.º

RATEIO

Da emissão de 200.000 acções, no valor de 20.000 contos

Em virtude de as acções subscritas pelo público terem excedido as acções oferecidas, houve necessidade de se proceder a rateio que, nos termos dos anúncios oportunamente publicados, se estabelece da forma seguinte:

Subscrições até	500		acções.....	100 %
»	de 501 a	2.000	»	90 %
»	» 2.001 a	4.000	»	80 %
»	» 4.001 a	8.000	»	70 %
»	» 8.001 a	10.000	»	50 %
»	de mais de	10.000	»	30 %

com arredondamento para a dezena mais próxima.

A partir de 17 até 22 do corrente mês de Agosto, podem os Senhores Subscritores proceder à troca dos documentos provisórios da subscrição pelas respectivas cautelas, nos estabelecimentos de crédito onde efectuaram as suas subscrições, contra a liberação total dos títulos que lhes couberem em rateio.

A ADMINISTRAÇÃO

ESTABELECIMENTO TERMAL DO ESTORIL

AGUA MINERO-MEDICINAL CLORETADA SÓDICA E RÁDIO ACTIVA

Em uso interno nas doenças do estômago e intestinos (Gástricos)
Em uso externo nos reumatismos, ciáticas, escrofulose, doenças de pele e das senhoras, etc.
Banhos CARBO-GASOSOS
Todas as variedades de duches
FISIOTERAPIA: Ondas Curtas, raios infra-vermelhos, e ultra-violetas, ultra-sons, correntes eléctricas, luz, calor, ar quente, etc.
Massagens e Mecanoterápia
Ginástica Médica e Educativa
Laboratório e Análises Clínicas

HORÁRIO DOS TRATAMENTOS

Inscrição e Consulta Médica — das 10,30 ás 12,30
Hidroterapia e Fisioterapia — das 8 ás 12,30 e das 15 ás 18
Massagens — a hora a combinar
Ginástica Médica — ás 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs — das 9 ás 18
De Julho a Outubro aberto também aos Domingos
Pessoal técnico especializado sob direcção Clínica
Informações:
Telefone Est. 060400 — Estabelecimento Termal
Telefone Est. 060409 — Laboratório de Análises Clínicas

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

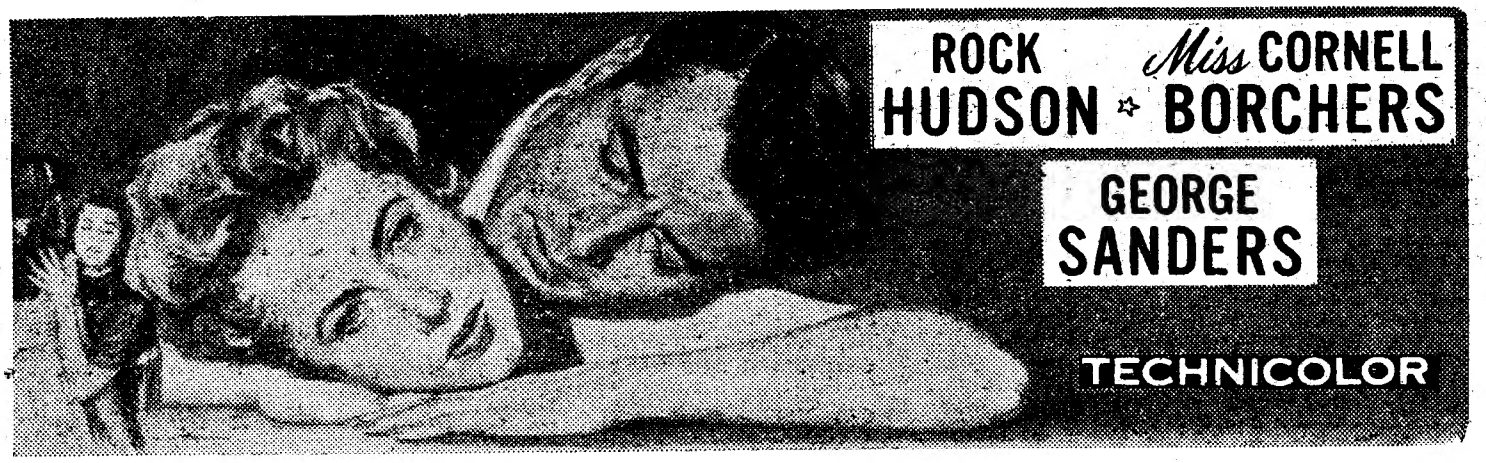
O «DIARIO DE LISBOA» vende-se, em MOSCAVIDE, na Agencia de Jornais de Jaime Santos, Rua Laureano de Oliveira, 40-A

Restaurante «IMPERIAL»
CARREGADO
Nova gerencia — Novo serviço
NOVAS INSTALAÇÕES

EM SEGUNDA SEMANA

UM DOS MAIS HUMANOS E DRAMÁTICOS FILMES DE AMOR DO NOSSO TEMPO REPETE EM LISBOA O ÊXITO COLOSSAL QUE OBTEVE EM TODAS AS CAPITAIS EUROPEIAS

TRÊS INTERPRETAÇÕES EXCEPCIONAIS DE TRÊS GRANDES ARTISTAS



NUNCA DIGAS ADEUS

ÀS 15.30 E 21.45 NO **AVIS**

BILHETES À VENDA PARA TODA A 2.ª SEMANA

MAIORES DE 12 ANOS

TALMA FILMES

---

no teatro MONUMENTAL

Telef. 55133
(Para maiores 12 anos)

HOJE e AMANHÃ

À TARDE, ÀS 16 H.
A NOITE, ÀS 21,45 H.

LAURA ALVES

NUM EXITO DE SENSAÇÃO!

O BAILE

notável interpretação de

RUI DE CARVALHO e **PAULO RENATO**

PREÇOS DE VERÃO
DESDE 5$00

AR REFRIGERADO

Sport Algés e Dafundo

HOJE, ÀS 21,45 HORAS
APRESENTAÇÃO
DA COMPANHIA DO
TEATRO **A B C**
nos melhores numeros das Revistas

VINHO NOVO
— E —
MULHERES À VISTA!

PARA 12 ANOS

Cine-Teatro S. José

CASCAIS

JOSÉ MIGUEL APRESENTA
AMANHÃ
DOMINGO, ÀS 21,45 HORAS
A REVISTA

MULHERES À VISTA!

Com **LEÓNIA MENDES** ● **AIDA BAPTISTA** ● **JOSÉ VIANA** ● **RAUL SOLNADO** ● **CARLOS COELHO,** NO «COMPÈRE» ● AS ATRACÇÕES INTERNACIONAIS **BERTA LOREN** ● **LINA BELMONTE** ● **MAX**

12 CORISTAS

Parelha de baile, **MARIANO** e **MATILDE**

ORQUESTRA DO **A B C**
sob a direcção do maestro VASCONCELOS. ● **Em ensaios no Teatro A B C uma nova revista de Fernando Santos e Nelson de Barros**

Emp.ª Teatral A B C, Lda.

Para adultos — Maiores/17 anos

UM ÊXITO DE SENSAÇÃO — **RITZ CLUB** — **LOTAÇÕES ESGOTADAS**

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS — M. 17 ANOS)

COM A NOTAVEL ATRACÇÃO ALEMÃ

BALLET VISON

10 ESCULTURAIS MULHERES NUM NOVO ESTILO DE DANÇAS

O MAIOR ACONTECIMENTO TRIUNFAL DO ANO!

E, AINDA, UM GRANDIOSO ELENCO COM

ANA MARIA y su BALLET

A ARREBATADORA RUMBISTA **MARY MISTRAL**

VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO: ESMERADO SERVIÇO DE CEIAS com FADOS e GUITARRADAS

FIGUEIRA DA FOZ

Domingo, 16, às 17,30 horas
CAVALEIROS

Francisco Mascarenhas
Pedro Louceiro

ESPADAS

António dos Santos
— E —
Alfredo Sanchez

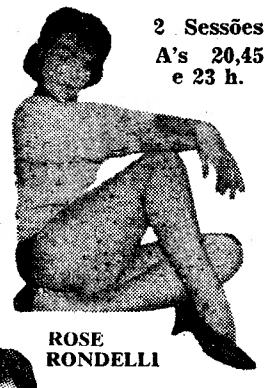
Toiros de Silva Vitorino
Forcados Amadores de Vila Franca

● Espectáculo para maiores de 6 anos ●

P.ª AD
M/ 17 ANOS **HOJE no COLISEU**

Emp.ª Ricardo Covões (Filhos) e Teatral Avenida, Lda.
TELEF. 31997

2 horas de franca gargalhada!



2 Sessões A's 20,45 e 23 h.

ROSE RONDELLI

D. Marques

M. Domingas

O MAIOR ÊXITO DE REVISTA DE TODOS OS TEMPOS PELA MAIOR COMPANHIA DOS ÚLTIMOS ANOS!

HÁ FEIRA NO COLISEU!

A REVISTA
DA GRAÇA, DO LUXO
E DAS MULHERES BONITAS

AMANHÃ, ás 16 Horas
Espectáculo á tarde!

UMA AUTÊNTICA PARADA DE ALEGRIA COM MAIS DE 100 PESSOAS EM CENA!!!

Esplanada do Rato

Unica no género em Lisboa
COZINHA A PORTUGUESA
R. S. FILIPE NERY 23

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

ATENÇÃO-CALDAS DA RAINHA

CIRCO ARRIOLA PARAMÉS

O circo de luxo com o espectáculo mais moderno do Mundo. Depois de sua digressão por América do Norte, Sul, Europa e as principais capitais do País, encontra-se nesta localidade.

HOJE E AMANHÃ (DOMINGO) MATINÉES E NOITE

ESPECTÁCULOS

MATINÉES — Maiores de 6 anos **NOITE — Maiores de 12 anos**

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

A companhia Maria Della Costa termina, no dia 30, a temporada no seu teatro em S. Paulo. Irá depois, ao Rio de Janeiro, efectuar quatro espectáculos no Teatro Municipal, embarcando, no dia 7 do próximo mês, para Lisboa, no paquete «Louis Lumière».

—Na TV, está em ensaios a peça «O improviso do Barba-Azul», na versão de Luís Francisco Rebelo.

—Encontra-se em Itália o actor-empresário Eugénio Salvador.

—Nos estudios do Lumiar, estão a realizar-se as «dobragens» do novo filme «O primo Basílio».

—Está a actuar em Beja o Grande Circo Mariano.

—Na nave do Palácio de Cristal, no Porto, começa hoje o I Festival Folclórico Internacional.

—Perante o juri do Concurso de Arte Dramática para Amadores, treze grupos do Norte começaram ontem a prestar provas.

—Faz hoje anos o popular actor António Silva.

—«Delírio em Lisboa», ainda não

(Continua na 13.ª página)

Estalagem do Senhor da Serra

FIXE a sua RESIDÊNCIA ou faça férias num dos **20 APARTAMENTOS** com: — *Banho*, Aquecimento, *Música* e Telefone, da

No *Verão* No Outono No *Inverno* Na Primavera **VÁ**, com a família ou amigos, *Almoçar*, Tomar chá, *Jantar* e Cear, na

Estalagem do Senhor da Serra

Telefs. 960175 960176 - **BELAS** - a 6 km. de Lisboa

Vários e amplos locais para

CASAMENTOS, BAPTISADOS e BANQUETES

Ambiente delicioso - Preços acessíveis

CORUCHE

Festas do Castelo

DIA 16 de AGOSTO

Com assistência dos Srs. Ministros do Interior e do Exército
Touros dos Srs. António Teixeira e Dr. António Silva
CAVALEIROS
Simão e **David R. Telles**
ESPADAS
J Trincheira e **Armando Soares**
Forcados de Montemor

Dia 17

Dia do Campino

Touros das melhores ganadarias
CAVALEIROS
F. Mascarenhas Alberto L. Lopes, David R. Teles e **José B. Nuncio**
2 Grupos de Forcados

Dia 18

Novilhada Popular
Cavaleiro
Rui Mourão
Novilheiros
Jorge Marques e **Joaquim Barroca**

Bilhetes á venda na Agência ABEP Restauradores
Sombra, 40$00, Sol, 20$00

Sociedade «ESTORIL»

Venda de bilhetes para os comboios dos domingos

Esta venda começar-se-á a fazer aos sábados na estação do Cais do Sodré, a partir das 12 horas, até aviso em contrário

Ás 22 horas
NOITE DO TEJO
Ás 23 horas
MÚSICA E LUZ
Hoje, entradas desde 5$00; estudantes e soldados 2$50. O mesmo bilhete dá direito a assistir aos dois espectáculos.
para 6 anos

Em ALGÉS o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na AGÊNCIA CULTURAL. Av. Combatentes da Grande Guerra.

ALGÉS DIA 19 às 22 horas

CATEGORIA E CARIDADE

Num magnífico FESTIVAL taurino em benefício do Hospital da Santa Casa da Misericórdia da Golegã

MANUEL DOS SANTOS
ANTÓNIO DOS SANTOS
CHICO MENDES e **JOSÉ JÚLIO**
CAVALEIROS
José Barahona Núncio e **José Samuel Lupi**
Forcados amadores capitaneados por JOÃO RAMALHO

Toiros especialmente apartados e generosamente oferecidos pelos Ex.mos Ganadeiros José Infante da Camara, Alberto Cunhal Patrício, Dr. António Silva, António Durão, Manuel Coimbra e D. Duarte Atalaya

Para maiores de 12 anos

Esta corrida não será televisionada

MARIA PEREIRA

Marque a sua mesa pelo telefone 029233

HOJE NA «BOITE» DO **NAUTICO** A SALA DE VISITAS DE **SESIMBRA**

A "BOITE" ONDE LISBOA NUNCA FALTA

Pasapoga

Telef. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

OS TRÊS ÊXITOS DE QUE MAIS SE FALA:

A ESCULTURAL ATRACÇÃO
BALLET PANTERITA Y SUS MODELOS

O incomparável **TRIO LA CAVA**

A fascinante **MILY ZUÑIGA**

EM BREVE: ESTREIA DE UMA NOTÁVEL E FAMOSA ATRACÇÃO

Baile por **ESTEVÃO** e sua orquestra, com **Manuel Serrano**

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL. 27173
15,15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Um filme realizado com sóbria dignidade como é timbre do cinema inglês
A EPOPEIA DE DUNQUERQUE
com John Mills e milhares de figurantes

EDEN TEL. 28768
15,30, 18,30 e 21,45
Erika Remberg e Adrian Hoven
Novamente juntos num filme que nos conta os amores de uma princesa por um jovem compositor
VIENA, CIDADE DOS MEUS SONHOS
em AGFACOLOR
(M/12 anos)

AVALADE Telefone 63080
A's 15.45 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
O filme escolhido para ser exibido á rainha Isabel II, no espectáculo de gala «Royal Comand»
A EPOPEIA DE DUNQUERQUE
com John Mills e milhares de figurantes

ODEON Telefone 262B2
15,15, 18,15 e 21,30 (M/17 anos)
Uma complicada comédia de luas de mel
VIAGEM DE NOIVOS
com Fernando Fernan Gomez e Anália Gadé, em Agfacolor

ROYAL TEL. 845037
21,00 (M/17 anos)
Em cinemascope
A ARMA DE UM BRAVO
RAPSÓDIA

CINEMA REAL
21,00 (M/12 anos)
Em cinemascope
HERCULES
LINHA BRANCA

TERRAS D'EL TEL. 90017
21,00 (M/17 anos)
BALADA SANGRENTA
GARRAS DE MULHER

TIVOLI TEL. 50595
3 e 6,15 da tarde e 9,30 da noite (M/12 anos)
Um engraçadissimo filme francês
2 DIABOS EM FÉRIAS
com Sophie Desmarets e Philippe Day

POLITEAMA TEL. 26301
15,15, 18,15 e 21,30
Grande êxito
Um filme de «suspense» baseado num mistério que apaixonou o Mundo
O ABOMINÁVEL HOMEM DAS NEVES
com Forrest Tucker e Peter Cushing
REGAISCOPE (M/12 anos)

CONDES TEL. 22525
15,15, 18,15 e 21,30 (M/17 anos)
Ferraniacolor
A história fantástica de um homem que aterrorizou as ruas de Paris
OS MISTÉRIOS DE PARIS
com Frank Villard e Lorella de Luca

AVIS Tel. 47163
A's 15,30 e 21,45 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Uma história de amor excepcionalmente dramática
NUNCA DIGAS ADEUS
com Rock Hudson e George Sanders em Technicolor

RESTELO Telefone 610375
21,15 (M/12 anos)
Em cinemascope
O SEGREDO DO CULPADO
com Tony Curtis

LIZ TEL. 48560
21,00 (M/12 anos)
O REGRESSO DE ROBIN DOS BOSQUES
O MUNDO É DAS MULHERES

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
AS AVENTURAS DE TOM SAWYER
com Tommy Kelly

IMPÉRIO Tel. 55134/5
15,15, 18,15 e 21,30 (M/17 anos)
Elisabeth Muller Curd Jurgens na admirável realização de **G. W. Pabst**
A CONFISSÃO DE INA KAHR
Um romance impressionante num filme admirável
AR CONDICIONADO
Em complemento: Imagens de Portugal, com a reportagem do incêndio da Igreja de S. Domingos

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
A's 15,15, 18,15 e 21,30 (M/12 anos)
Grande êxito
JOEL McCREA
em
FORTE MASSACRE
Uma epopeia de heroísmo, sangue e glória
Cinemascope e Cor de Luxe
AMBIENTE REFRIGERADO

MONUMENTAL TEL. 55131
15,15, 18,15 e 21,30 (M/12 anos)
Uma obra cinematográfica verdadeiramente excepcional
ADEUS, MR. CHIPS
com Robert Donat e Greer Garson

CAPITÓLIO TEL. 27493
NO TERRAÇO:
21,15 (M/12 anos)
TAMBORES AO LONGE
com Audie Murphy
S. O. S. METALUNA
com Jeff Morrow

RAVILHÃO PORTUGUÊS (Parque Mayer)
21,30 (M/12 anos)
TÓTÓ E AS NOTAS FALSAS
com Tótó
Em cinemascope
CONGRESSO QUE DANÇA
com Johana Matz

ESPLANADA PORTUGÁLIA
21,30 (M/17 anos)
DEZ DIAS DE PESADELO
INGÉNUA... ATÉ CERTO PONTO...

A volta a Portugal em bicicleta

O MAIS REGULAR CICLISTA

"Apesar de tudo, a Volta ainda não acabou!" —afirma Fernando Henriques da Silva

Sem duvida que o maior caso de regularidade verificado até aqui é o do Sangalhense, Fernando Henriques da Silva. O já popular corredor «azul» tem, desde o começo da competição, sido um dos homens que com mais frequência é visto na cabeça do pelotão ou integrado em grupos de fugitivos. E' certo que ainda não ganhou nenhuma etapa, mas a verdade é que Fernando Henriques da Silva é um dos homens com melhor média de rendimento nesta dura prova. Não fosse um violento ataque de furunculose que já o fez perder vários quilos, e do qual felizmente já está recuperado, e o sangalhense já se teria, por certo, distinguido ainda mais. No entanto, e tendo em vista a sua principal característica — a regularidade — é natural que Henriques da Silva alcance uma classificação mais elevada, até porque nos ultimos dias da prova atravessará uma região que tão bem conhece.

Há dias, tivemos ocasião de falar com o correcto ciclista. Depois de nos dizer que é a 5.ª vez que vem á Volta e que a sua melhor classificação, verificada em 1958, foi um 4.º lugar, apreciou assim a 22.ª edição da prova:

— Sinceramente, e atendendo ás condições deficientes de saude em que tenho andado, o meu comportamento não pode deixar de me satisfazer. Já o mesmo não digo quanto ao factor sorte. Nesse aspecto, tem sido uma calamidade. Muitos têm tentado a sua sorte e conseguido êxito. Pois eu, que tenho estado presente em quase todas as fugas ainda não consegui aquela aragem de sorte que é sempre tão necessária a quem faz desporto. Mas — prosseguiu — eu não perco a calma e continuarei a lutar até ao fim. Até por que estou convencido de que, apesar de tudo, a volta ainda não está resolvida.

— Isso quer dizer?...

— Que ainda há homens, no numero dos quais me incluo, que ainda não «disseram» tudo. Depois do abandono do infeliz Sousa Cardoso, num ponto de vista reforçar-se-á. A Volta ainda não acabou!

— Mas não acredita na equipa do Porto?

— Longe de mim tal pensamento! O Porto tem um grande, mesmo o melhor conjunto. Agora, o considerar-se vencedor antecipado, é que é ir longe de mais. Eu, como alguns camaradas, estamos ainda dispostos á luta!

E assim terminou o nosso diálogo com Fernando Henriques da Silva, o maior caso de regularidade desta 22.ª Volta a Portugal.

NUNO MOTA

Sem ser indiscreto...

1 — Quanto dinheiro pensa ganhar na Volta?
2 — Corre por gosto ou para ganhar dinheiro?
3 — Quando um adversário foge, que lhe apetece fazer?
4 — Qual o adversário que mais teme?
5 — Se não alinhasse pelo seu actual clube, em qual o seu actual clube, em qual gostaria de o fazer.

Fernando Henriques da Silva

1 — Se tudo correr bem 13 ou 14 contos.
2 — Se não tivesse gosto não estava disposto a tantos sacrifícios, mas se não ganhasse dinheiro também os não poderia fazer.
3 — Conforme a sua categoria. Se me pode prejudicar ir buscá-lo, caso contrário, deixá-lo ir.
4 — Depende do momento. Se todos têm pernas...
5 — No Sporting, porque desde garoto que sou sportinguista.

Agostinho Ferreira

1 — Talvez 5.000$00.
2 — Agora... apenas por dinheiro; por gosto corri até 1955.
3 — Se tenho força tento apanhá-lo; se não tenho... deixo-o ir.
4 — Os novos pelas surpresas que sempre causam.
5 — No Sporting.

Cartão de visita

Quem é Alberto Carvalho

O academista Alberto Carvalho, irmão do veterano e excelente corredor que foi e ainda é Joaquim Carvalho, é um novo valor que desponta para o desporto do pedal.

Embora não seja um dos «novos» desta «Volta», o academista justifica, pela sua juventude e boas provas já prestadas, o seu aparecimento nos nossos «cartões de visita».

— Seu nome completo?

— Alberto Fernando Gomes de Carvalho.

— Idade?

— 19 anos.

— Naturalidade?

— Nogueira da Regedora.

— Profissão?

— Mecanico de bicicletas.

— Por que veio para o ciclismo?

— Porque gostava imenso de ver o nome do meu irmão nos jornais e apreciava muito a sua forma de correr.

— Quem pretende ou pretendeu imitar?

— Nos meus anos de garoto o meu ídolo era o Joaquim Costa, o antigo corredor do F. C. Porto. Hoje, gostava de ser como o Alves Barbosa.

— Que pensa de seu irmão?

— É um bom corredor mas a quem a sorte não sorri. Quando ele ataca vai toda a gente e nunca se concretiza uma fuga; quando ele não participa é certo e sabido que a fuga tem êxito.

— Já veio á «Volta»?

O ano passado, em que me classifiquei em 17.º lugar. Poderia ter sido melhor mas choquei com um polícia e magoei-me muito num braço.

— O que nos diz do seu comportamento deste ano?

— De início fui um tanto infeliz. Muitas avarias na etapa de Tavira, um balde com água na cabeça perto de Moura e três furos consecutivos na tirada seguinte. Agora estou a melhorar e espero ainda uma boa classificação.

— Ambições?

— Poder vir a ser um bom corredor. Sei que será dificil mas como a «carne é tenra»...

N. M.

Antes do circuito de Vila do Conde

VILA DO CONDE, 15. (Pelo telefone) — Não será porventura inédito haver, numa só equipa, mais do que u mhomem apto a lutar pela posse da camisola amarela, mas nesta «Volta-59» o acontecimento, numa altura em que se não vislumbra, de contorno delinido, o provável vencedor final, a questão reveste-se de uma importancia singular. Presentemente, o F. C. do Porto, sem Sousa Cardoso, conta com o apetecido símbolo no tronco de Carlos Carvalho, enquanto Artur Coelho, cuja forma é excelente, e Sousa Santos, o corredor que não pode mostrar os seus reais méritos, figuram como unidade fundamentais para a classificação da equipa.

Qualquer deles, no entanto, pedemeças no valor atlético e na perícia técnica e qualquer deles, como é óbvio, pensa no êxito da sua candidatura, sem prejuízo dos interesses do clube.

Artur Coelho, interpelado sobre a momentosa questão, esclareceu-nos de que não há, por ora, ordens especiais para indicar este ou aquele para conquistar definitivamente a camisola. Cada qual, ao que parece, goza de plena liberdade para tentar a sua «chance». O 1.º exemplo foi fornecido na tirada Pedras Salgadas-Braga, mas a contradição despontou na etapa de ontem, quando Carlos Carvalho «furou» e á sua espera ficou... Sousa Santos. No pelotão, pedava Artur Coelho que não deu o mínimo sinal de reacção.

Custa a acreditar que a cinco dias do termo da «Volta» se projecte uma luta sem quartel entre homens da mesma equipa — uma espécie de três galos numa mesma capoeira — quando um deles, Carlos Carvalho goza da ridícula vantagem de 13 segundos e, para mais, com o benfiquista Henrique Castro á espera de uma «deixa» providencial.

No entanto, as contingências da prova, num impressionante acastelamento de sobressaltos, provocam ao F. C. do Porto uma situação deveras delicadíssima. A designação do «melhor» constitui um labirinto fechado pelo que as futuras tiradas são aguardadas como se de um saboroso pitéu se tratasse.

Decerto, o problema não terá passado despercebido aos mentores das equipas adversárias. E pode suceder até que um «franganote» se esgueire, lesto e matreiro, ao incêndio que prometer lavrar na estrada... — F. S.

"Barbosa, mostra o que vales!"...

E', realmente, espantoso o caso da popularidade de que desfruta o bairradino Alves Barbosa, mesmo em locais onde os corredores do F. C. Porto beneficiam de incondicional favoritismo.

Na ligação, Braga-Vila do Conde, além de dísticos de incitamento ao clube das Antas e ao Benfica, alguns entusiastas empunhavam cartazes com legendas de incitamento dirigidas ao popular ciclista. Um deles, em letras garrafais, dizia: «Barbosa mostra o que vales».

Em Esposende, um grupo de banhistas, com o predomínio do elemento feminino, num local visível, ostentava um letreiro com o nome de Barbosa. Este, que vinha integrado no pelotão, deu nota do estímulo e, galantemente, tirou as mãos do guiador para saudar com a mão as gentis admiradoras. Foi um delírio. Barbosa agradeceu a apoteótica manifestação com um sorriso de plena felicidade.

Em palmas, não há ninguém que leve a palma «ao mais querido» dos corredores portugueses. Esclarece-se que ele recebe estas manifestações de simpatia com a mais extraordinária das modéstias.

Classificação geral

ao iniciar-se a etapa de hoje

Individual

		H.	M.	S.
1.º	C. Carvalho (F.C.P.)	47	38	50
2.º	Henr. Castro (Bfc.)	47	39	03
3.º	Art. Coelho (F.C.P.)	47	44	31
4.º	Jorge Corvo (Tav.)	47	46	59
5.º	António Pisco (Ág.)	47	51	26
6.º	Sou. Santos (F.C.P.)	47	51	34
7.º	Fern. Silva (Sang.)	47	52	33
8.º	L. Fernandes (Ág.)	47	52	37
9.º	A. P. Junior (Spt.)	47	53	42
10.º	J. P. Carvalho (Spt.)	47	54	07
11.º	Aq. Santos (Sang.)	47	54	07
12.º	Agost. Correia (Ág.)	47	54	31
13.º	Alcido Neto (Tav.)	47	59	29
14.º	Ag. Ferreira (Ac.)	47	59	53
15.º	Emd. Pinto (F.C.P.)	47	59	56
16.º	Antonino B. (Sang.)	48	00	36
17.º	Al. Barbosa (Sang.)	48	02	51
18.º	M. Guedes (Salg.)	48	02	59
19.º	Art. Carreira (Bel.)	48	03	38
20.º	Man. Castro (Ac.)	48	05	41
21.º	Ant. Santos (Ac.)	48	08	10
22.º	Arl. Carvalho (Spt.)	48	08	35
23.º	J. Carvalho (Acad.)	48	08	55
24.º	Calquinhas (Sang.)	48	09	03
25.º	A. Carvalho (Acad.)	48	14	23
26.º	Manuel Graça (Spt.)	48	14	54
27.º	Ilídio Rosário (Bfc.)	48	15	21
28.º	M. Almeida (F.C.P.)	48	16	48
29.º	Sérg. Páscoa (Tav.)	48	18	59
30.º	Mário Sá (F. C. P.)	48	24	14
31.º	Agost. Brás (F.C.P.)	48	26	21
32.º	Fern. Maltês (Bfc.)	48	26	49
33.º	Arm. Ramos (Bfc.)	48	28	13
34.º	Az. Maia (F. C. P.)	48	30	07
35.º	Alb. Silva (Sang.)	48	31	44
36.º	J. Bárbara (Tav.)	48	37	27
37.º	José Firmino (ind.)	48	42	43
38.º	Man. Perna (Loul.)	48	43	36
39.º	Manuel Melo (Ac.)	48	46	19
40.º	J. Anastácio (Bfc.)	48	51	17
41.º	José Ribeiro (Salg.)	48	58	45
42.º	F. Marinho (Acad.)	48	58	20
43.º	Man. Amaro (Salg.)	49	02	11
44.º	Arm. Melo (Sang.)	49	03	35
45.º	V. Ferreira (Acad.)	49	13	48
46.º	Santos Junior (Bel.)	49	20	14
47.º	Mário Jordão (Ág.)	49	29	16

Por equipas

		H.	M.	S.
1.º	F. C. P. (1.º, 3.º, 6.º)	143	14	57
2.º	Águias (5.º, 8.º, 12.º)	143	38	34
3.º	Sang. (7.º, 11.º, 16.º)	143	47	16
4.º	Sport. (9.º, 10.º, 22.º)	143	56	24
5.º	Tavira (4.º, 13.º, 29.º)	144	05	27
6.º	Acad. (14.º, 20.º, 21.º)	144	13	44
7.º	Benf. (2.º, 27.º, 32.º)	144	21	13
8.º	Salg. (18.º, 41.º, 43.º)	146	03	55

Flagrantes

● **Em Pedras Salgadas, a equipa do Alpiarça registou o seu 28.º «furo». Embora o precalço, no ciclismo moderno, já não constitua óbice de maior, o certo é que em determinados momentos representa uma arrelia tremenda, principalmente quando o carro de apoio não está próximo.**

● **A propósito, informámos que na famosa fuga de Sousa Cardoso, a caminho de Mirandela, o infortunado corredor «portista» sofreu um «furo» e com o atraso só perdeu 17 segundos — o que deve ser um «record».**

● **O abalroamento do carro do Sangalhos com o do Belenenses provocou a este um prejuízo de cerca de 5 contos.**

● **Suspeita-se que na equipa do F. C. Porto três corredores aspiram a entrar no Estádio «José Alvalade», com a camisola amarela colada ao tronco. A confirmar-se o rumor, a «Volta» terá outro despique bastante curioso.**

● **O Minho, na tirada do «gancho», entre Braga e Vila do Conde, exultou com a presença dos corredores que andam a disputar a «Volta». Em muitas localidades o foguetório estrondeou em sinal de alegria. O bom povo português é assim. Sente os acontecimentos alheios como seus se tratassem.**

● **Carlos Carvalho, o «camisola amarela», «furou» no «passeio» até Vila do Conde. Imediatamente, Sousa Santos ficou para trás para rebocar o companheiro e mais adiante Azevedo Maia e Mendes de Almeida manifestaram o mesmo propósito. Mas Carlos Carvalho, que pedalou no pequeno grupo durante umas três centenas de metros, abalou para apanhar o pelotão. Os colegas ficaram a vê-lo...**

● **O juri esfregou as mãos de contentamento quando, em Vila do Conde, averbou a chegada do pelotão constituido por 46 unidades. Se houvesse junto da meta a possibilidade de se comprar um foguete seria um momento de festa...**

Carlos Carvalho, o «camisola amarela», com o orientador técnico da sua equipa, Onofre Tavares, á partida da tirada de Vila do Conde

DOIS BRASILEIROS pretendidos pelo Vitória de Guimarães

SALVADOR (Baía), 15 — Dois jogadores brasileiros, Matos e Nelinho são pretendidos pelo Vitória de Guimarães. Ambos são jogadores de primeiro plano do futebol da Baía e já estiveram para serem transferidos para clubes cariocas. — (L.).

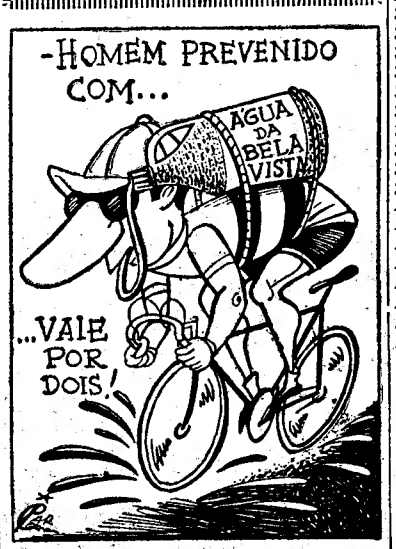
Coitaditos...

Arcos de Valdevez. Oito horas da manhã. A aragem fresca não desanimou os habitantes que, curiosos, assomaram ás janelas, envergando ainda os pijamas. Na rua, os madrugadores e a gente que começa cedo a sua labuta diária seguiam interessadíssimos a passagem da caravana. Numa curva, despontaram os corredores agrupados, por sinal, em marcha moderada.

Uma mulher do povo, descalça, rosto sulcado de rugas e cabelo em desalinho, arregalou os olhos e com um rictus de amargura murmurou, muito baixinho:

— Coitaditos...

E um apressado sinal da cruz testemunhou uma prece sentida de um mundo de felicidades.



Distribuidores gerais:
ARTUR PAIVA, LD.ª
Rua D. Domingos Jardo, 17-A
Tel. 842474 — Lisboa

OS DESPORTISTAS preferem os relógios INVICTA, que todos os anos oferecem duas viagens gratuitas á Suiça.

DESPORTOS

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — O Clube de Futebol «Os Belenenses» promove amanhã, ás 9 e 30 horas, na sua pista do Restelo, mais um torneio para sócios e simpatizantes, com as seguintes provas: 80, 250, 700 e 2.000 metros, saltos em altura e comprimento e lançamento de peso.

CAMPISMO — Inaugura-se, ás 11 horas, em Peniche, no Pinhal da Lagoa, o 4.º Acampamento Nacional, assistindo os srs. subsecretário de Estado da Educação Nacional, governador civil de Leiria, director-geral dos Desportos e outras entidades oficiais.

CICLISMO — Disputa-se o 12.º Circuito de Pero Pinheiro, para «populares», na distancia de 70 quilómetros, no seguinte itinerário: Pero Pinheiro, Morelena, Sabugo, Telhal, Baratã, Algueirão, Granja do Marquês, Fação e Pero Pinheiro. Este circuito será percorrido quatro vezes, seguindo-se um circuito de 10 voltas, dentro da localidade. A prova inicia-se ás 14 horas.

DESPORTO CORPORATIVO — No Parque de Jogos de Alvalade, têm a sua 2.ª jornada os campeonatos nacionais de atletismo (2.ª fase). A partir das 9 horas teremos: eliminatórias dos 300 metros, lançamento de peso, 3.000 metros, final de 300 metros, dardo, salto em comprimento e estafeta 4X300 metros.

HANDEBOL DE 7 — Para conclusão da primeira fase do campeonato nacional disputam-se em Campo de Ourique, a partir das 21 e 30 horas, os encontros Almada-Os Treze e Benfica-Vitória de Setubal.

HÓQUEI EM PATINS — Recomeça o Campeonato do Sul da 1.ª Divisão, interrompido por motivo da deslocação da equipa de Lisboa a África. No rinque do Parque Municipal de Sintra, a partir das 17 horas: Sintra-Mundet.

NATAÇÃO — Prossegue o torneio regional de escolas de nadadores (infantis), na piscina do C. S. de Pedrouços, a partir das 10 horas, com as seguintes provas: eliminatórias de 50 metros bruços, masculino, 50 m. livres, fem., 50 m. costas, masc. e 50 m. mariposa, fem., meias-finais de 50 m. bruços, masc., 50 m. costas, masc. e 4X50 metros, estilos, masculino.

VELA — A 1.ª Semana de Vela da Ria de Aveiro tem a sua segunda jornada, com a continuação da prova Aveiro-Ovar (regresso), largando os concorrentes, do Carregal, ás 13 horas, com rumo a Aveiro (Canal Central).

Na Costa Nova, a partir das 15 horas, Grande Prémio de Motonáutica de Portugal e demonstrações de esqui aquático e «slalom».

— Continua a regata «Almirante Gago Coutinho», de pequenos cruzeiros, que farão o percurso Setubal-Cascais, integrando-se, após a chegada, no festival náutico de Cascais.

VELA, EM CASCAIS

O Chefe do Estado preside ao festival de amanhã

O festival náutico de amanhã, em Cascais, promovido pelos desportistas da vela em honra da nossa Marinha de Guerra, continua a despertar o maior interesse, dada a valia do programa que se cumprirá desde manhã até ao fim da tarde.

Convidados pelo sr. ministro da Marinha almirante Quintanilha e Mendonça Dias assistirão ao festival, a bordo da «Sagres», o Presidente da Republica e vários membros do Governo, entre os quais o ministro da Presidência, dr. Pedro Teotónio Pereira, que é um devotado amigo e grande entusiasta do desporto da vela.

No período entre a largada dos «Finns» e dos «Snipes», o sr. almirante Américo Tomás embarcará, no cais do Marégrafo, junto ao Clube Naval de Cascais, numa vedeta da Marinha de Guerra, que o conduzirá para bordo da «Sagres». Formar-se-á, nessa altura, um cortejo de pequenas embarcações, que servirão de escolta de honra á vedeta presidencial.

O programa foi assim elaborado: ás 11 e 30, largada para a primeira regata de vela, reservada á classe de «Lusitos»; 11 e 40, «Moths»; 11 e 50, «Vougas»; 12 h., «Finns»; 12 e 30, «Snipes»; 12 e 40, «Sharpies» de 12 m²; 12 e 50, «Stars»; 13 h., «Dragões»; 13 e 10, Pequenos e Grandes Cruzeiros.

Depois das provas de vela, haverá demonstrações de «sky aquático» (ás 13 h.), corridas de barcos a motor (ás 14 e 30) e várias competições de remo (a partir das 15 e 15) e, no final de tudo, a «caça ao pato».

Á noite, no Casino Estoril, realizar-se-á um banquete, para distribuição dos prémios.

UMA NOVIDADE

Carros da "Formula 1" nas corridas de Monsanto

As corridas de automóveis que o Automóvel Clube de Portugal promove nos dias 22 e 23 deste mês, em Monsanto estão a despertar, aliás, justificadamente, o maior interesse.

Com efeito, trata-se de uma organização que não receia confronto com as mais importantes que lá fora são levadas a cabo, pelos cuidados que nela foram postos, favorecidos pela experiência que o A. C. P. tem já destes empreendimentos.

Por outro lado, a presença de quinze campeões estrangeiros na prova «Grande Prémio de Portugal», utilizando carros da «fórmula 1»—facto que pela primeira vez se verifica entre nós, dá á prova do próximo dia 23 uma categoria excepcional.

Nesta competição estarão presentes:

Ferrari — Tony Brooks (britanico), Phill Hill (americano) e Daniel Gurney (americano);

Cooper — Jack Brabham (australiano), Masten Gregory (americano) e Bruce McLaren (neo-zelandês);

Aston-Martin — Roy Salvadori (britanico) e Carroll Shelby (americano);

B. R. M. — Joakim Bonnier (sueco), Harry Schell (americano) e Ron Flockhart (britanico);

Cooper-Walker — Stirling Moss (britanico) e Maurice Trintignant (francês);

Lotus — Graham Hill (britanico) e Innes Ireland (britanico).

Nas provas destinadas aos automobilistas portugueses — «Taça Cidade de Lisboa», «Taça S. N. I.» e «Taça Governador Civil de Lisboa» — a presença dos nossos melhores volantes está a suscitar um interesse que não é menor, tudo se conjugando para duas valiosas jornadas de automobilismo — um desporto de verdadeira emoção.

Atlético-Sporting e Benfica-Belenenses na 1.ª jornada da "Taça de Honra" da A. F. L.

Conforme recentemente foi aprovado, a Associação de Futebol de Lisboa promove, nos dois primeiros domingos de Setembro, um torneio de futebol, no qual tomam parte os quatro clubes lisboetas da 1.ª Divisão e cujo sistema de disputa é igual ao da «Taça Latina». O publico, saudoso já das competições do género, terá ainda o ensejo de aquilatar da forma das equipas predilectas e bem assim das possibilidades de vários novos jogadores.

Os encontros realizam-se, no Estádio Nacional, constando da primeira jornada, no dia 6: Atlético-Sporting e Benfica-Belenenses. No dia 13, os vencidos e os vencedores da primeira jornada defrontam-se entre si.

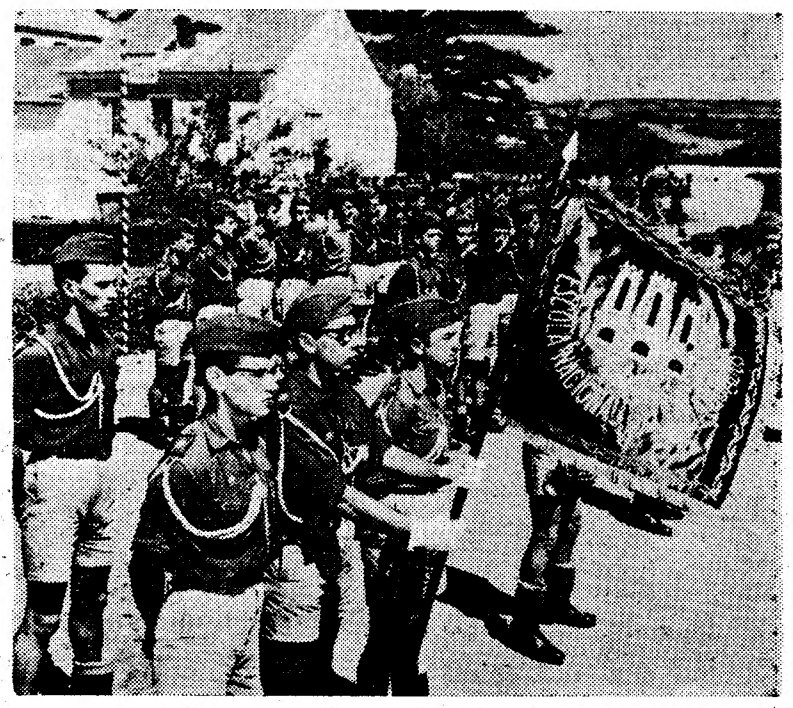
A inauguração de uma capela assinalou o princípio de cursos da M. P.

Realizou-se hoje, na Escola Nacional de Graduados da Mocidade Portuguesa — Quinta da Graça, na Cruz Quebrada — a cerimónia da entrega do guião aos cursos para comandantes de Castelo e para comandantes de Bandeira, que ali estão a funcionar desde o dia 6 do corrente, reunindo, respectivamente, 150 e 53 rapazes, aos quais foi dado, como patrono, o almirante Gago Coutinho.

Pelas 11 horas, os filiados, formaram em frente do edifício escolar, sob o comando do comandante de falange Mateus Prata. Meia hora depois, chegou ali, a fim de presidir á cerimónia, em representação do sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, o comissário nacional adjunto, dr. Romão Duarte, que foi recebido pelos srs. eng. Carlos Lima, director da Escola Nacional de Graduados, e professores da referida escola e, ainda, pelos inspectores nacionais srs. Julio Evangelista e Pereira Bernardes.

Depois dos filiados entoarem a «Marcha da Mocidade» e prestarem continência ao sr. dr. Romão Duarte, este fez a entrega do novo guião ao eng. Carlos Lima, que por sua vez, o entregou aos filiados em formatura.

Depois, o director da Escola pronunciou uma alocução, em que salientou o significado da entrega do novo guião, que corresponde á inauguração oficial do 45.º curso de comandantes de Bandeira e de Castelo; aludiu ás insignias que desde hoje aqueles filiados passam a usar, e ao seu patrono, cujo exemplo exaltou, e, ainda, ao lema do referido curso: «Mais alto e mais além». Por fim, os filiados desfilaram e foram formar junto da nova capela, anexa ao edifício da Escola, onde aguardaram a chegada do sr. arcebispo de Mitilene, que ali chegou pelas 13 horas, acompanhado do rev. dr. Alves de Campos assistente nacional da M. P. Aquele prelado devidamente paramentado procedeu á benção do guião e á inauguração da capela, com o ritual liturgico da praxe e depois proferiu uma breve homília alusiva ao acto.



Os filiados da M. P. com o novo guião

O PORTO pelo telefone

«Rallye Aéreo Portugal—Vinho do Porto»

PORTO, 15 — Integrado nas comemorações do 50.º aniversário do Aero-Clube de Portugal, está a efectuar-se, á hora a que telefonamos, um «Rallye» Aéreo Internacional, ao qual foi dado o nome de «Rallye» Aéreo Portugal-Vinho do Porto», participando nele numerosos aviadores da Espanha, da França, da Itália e da Inglaterra.

Os participantes a este interessante certame internacional, em numero de 46, tripulando cerca de 18 aviões, depois de sobrevoarem a região demarcada do vinho do Porto, no Alto-Douro, devem começar a aterrar em Pedras Rubras, entre as 17 e 30 e 18 e 30.

Após a chegada de todos os concorrentes, a direcção do Aero-Clube do Porto oferece-lhes um lanche no seu hangar de Pedras Rubras. Aos concorrentes melhor classificados serão atribuídos valiosos prémios pecuniários e artísticos.

Os aviadores assistirão á noite, na Feira Popular, ao Festival Folclórico Internacional que hoje tem ali o seu primeiro dia. Amanhã, visitam Viana do Castelo e Braga.

A iniciativa deste importante encontro aeronáutico deve-se ao sr. coronel Pinheiro Correia, actual presidente do Aero-Clube de Portugal.

Tenente-coronel Aires Martins

Na ultima Ordem do Exército, foi promovido ao seu actual posto o sr. tenente-coronel Aires Martins, deputado pelo Porto á Assembleia Nacional e subchefe do Estado-Maior da 1.ª região militar.

Acidente de viação

Um automóvel conduzido por Avelino Teixeira Marinho, morador na Rua D. João IV, 160, 2.º, quando seguia pela via Marechal Carmona, no sentido Sul-Norte, ao pretender ultrapassar um autocarro, foi embater na placa central daquela artéria, voltando-se. O acidente teve como consequência ficarem feridos o condutor do veículo e um passageiro que seguia ao seu lado, Matias Wirz Reny, morador na Praça de Lugo, 1, 1.º, Corunha. Este ultimo ficou internado numa casa de saude da Boavista, enquanto o primeiro recebeu tratamento de ligeiras escoriações, recolhendo depois á sua residência.

Obra Regeneradora dos Rapazes da Rua

Ao fim da tarde, proceder-se-á ao lançamento da primeira pedra para a construção do edifício, destinado á Obra Regeneradora dos Rapazes da Rua, que ficará localizado na Rua Dr. Filipe Coelho, em Matosinhos.

A' cerimónia deverá presidir o bispo auxiliar do Porto e autoridades civis e militares do distrito e do concelho.

Entrou rebocada em Leixões

A traineira «Nossa Senhora dos Anjos da Aforada», quando navegava, na ultima madrugada, no mar da Torreira, de regresso da pesca, teve avaria num motor e ficou sem governo, pedindo socorro pela rádio. Acudiu-lhe a traineira «Nossa Senhora da Lapa», pertencente á mesma empresa, que a rebocou para Leixões, entrando naquele porto ás 11 e 30.

Ardeu uma casa

Ao princípio da manhã, manifestou-se incêndio numa casa habitada por Luís Oliveira Monteiro, no lugar de Sampaio Canidelo (Gaia). O fogo começou num quarto. Compareceram várias corporações de bombeiros que não puderam, no entanto, evitar que as chamas destruíssem completamente a casa.

Os prejuízos são avaliados em dezenas de contos.

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Bons camaradas».
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O colosso de Nova York».
COLISEU — As 21 e 30 — «Pancho Villa».
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O terror no mar».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Todos ao mar».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Brutalidade».
S. JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A loira ciumenta».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Noite do Demónio».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «As raízes do céu».

OITO FERIDOS

no choque de um automóvel com uma camioneta próximo de Beja

BEJA, 15 — (Pelo telefone) — Hoje, por volta do meio-dia, na estrada Beja-Lisboa, perto de Bringel, ocorreu um impressionante desastre de viação — um choque entre a camioneta da carreira Beja-Sines, que se dirigia para aquela praia, e um automóvel que vinha anos, de Ferreira do Alentejo; te o sr. José Schnceberger de Ataíde, de 43 anos, acompanhado de sua esposa, Maria Cristina de Ataíde, de 37 anos, residentes em Lisboa, na Avenida Alvares Cabral, 86, 4.º, esq.. Vinha também no carro os filhos do casal Carlos Manuel e José Frederico.

Do embate, de frente, resultaram feridos todos os quatro ocupantes do automóvel e os seguintes passageiros da camioneta: Luís Inácio Cabo Pita, de 56 anos, e sua filha Maria Assunção Pita, de 23 anos de Ferreira do Alentejo; e José Domingos dos Santos Fiel, de 24 anos, de Evora; e Sebastião Francisco Carreira, de 25 anos, casado, residente na Amadora e encontrando-se adventiciamente em Vila de Frades.

Os feridos foram conduzidos numa camioneta de carga ao hospital sado, residente na Amadora, endado o estado do sr. José Ataíde e ocorrência.

ESTÁ REUNIDA no Estoril a V concentração dos antigos alunos Salesianos de Portugal

Na passagem da Festa da Assunção, está a realizar-se, no Estoril, na Escola Técnica e Liceal Salesiana de S. António, a V concentração dos antigos alunos salesianos de Portugal, que reune mais de 200 elementos ligados á doutrina de S. João Bosco.

A's 9 e 30, houve missa solene celebrada pelo padre Guido Barra, representante do capítulo salesiano, que terminou com a entoação da «Missa dos Anjos», por todos os presentes. Após a missa, foi servido o pequeno almoço aos fiéis que comungaram, tendo início ás 11 horas a sessão solene de abertura da V concentração a que presidiu o padre Guido Barra.

O presidente nacional da Associação dos Antigos Alunos Salesianos, sr. Mário Vito, apresentou as saudações de boas-vindas e exaltou o significado da reunião que estava a decorrer. Em seguida ás suas breves palavras, entrou-se na apresentação e discussão de propostas relacionadas com o tema geral «O antigo aluno salesiano perante a igreja católica e a congregação salesiana». A terminar este pequeno congresso, a assistência cantou o hino salesiano.

A's 13 e 30, efectuou-se um almoço de confraternização, findo o qual foi inaugurada uma exposição de trabalhos dos antigos alunos. Depois, realizou-se um passeio turístico pela região de Sintra e Cascais.

A' noite, haverá um espectáculo de teatro a cargo dos antigos alunos de Lisboa.

Amanhã, realizar-se-ão diversas cerimónias relacionadas com a passagem do 144.º aniversário do nascimento de S. João Bosco.

MESÃO FRIO precisa de novas escolas

MESÃO FRIO, 15 — As escolas primárias desta vila continuam instaladas em antigo casarão. Impõe-se, mais do que nunca, a construção de um edifício próprio, tanto mais que a frequência é grande. Embora o actual edifício reuna condições para ser reparado, o melhor seria construi-lo desde os alicerces.

Amanhã — «Domingo Feliz!»
mais um dia do concurso promovido pelo «Diário de Lisboa»

O nosso concurso semanal do «Domingo Feliz!» reserva amanhã aos leitores do «Diário de Lisboa» mais um dia de prémios variados, cujo valor ultrapassa uma dezena de contos.

Todos aqueles que passam o seu dia de repouso semanal nos arredores da cidade, ou na Outra Banda, estão, automàticamente, candidatados aos prémios Sintra, Costa da Caparica e Costa do Sol. Nenhuma exigência, nenhuma formalidade a cumprir: apenas o facto de serem surpreendidos pelo nosso fotógrafo.

Uma bicicleta «Vilar» fornecida pela firma Ciclo-Areeiro, constitui uma vez mais, o 1.º prémio de Sintra. «Vilar» é uma marca que se destaca pela sua elegancia e qualidade. O feliz contemplado terá ocasião de comprová-lo, naquele estabelecimento da especialidade, situado na Avenida do Aeroporto, 3-A (telefone 726870), junto á Praça do Areeiro, onde se podem encontrar os mais modernos artigos simples ou a motor de velocípedes.

Por sua vez, o 1.º prémio da Costa do Sol consiste num batedor «Turmix» de incontestável utilidade e valor: uma das excelentes representações da conhecida firma Marçal Correa, Lda., Rua Serpa Pinto, 15, 5.º-E.º (telefone 26076).

O primeiro prémio, relativo á Costa da Caparica, é mais uma viagem de ida e volta ao Porto, nos excelentes serviços da T. A. P., com estadia no Grande Hotel da Batalha, sinónimo de conforto, categoria hoteleira e instalações modernas.

Muitos outros prémios, escolhidos do ponto de vista da sua utilidade, valor e qualidade — três «máximas» que presidem á escolha — fazem parte do «Domingo Feliz!» de amanhã. E o acolhimento entusiástico, que lhe tem sido dispensado pelo publico, é a prova do seu interesse.

Damos a seguir a lista de prémios completa, restando-nos, uma vez mais, dirigir aos nossos leitores os votos de «Domingo Feliz!»

A lista dos prémios

SINTRA

1.º — Uma bicicleta «VILAR» fornecida pela firma Ciclo-Areeiro e 5 quilos de tinta S. João «BEL-PLAST»
2.º — Duas caixas de Sabão Activado CUF
3.º — Um aparelho de massagens «VIBRETTE» da Sociedade de Representações Lisbafro, Lda.
4.º — Uma gaiola para pássaros da Sociedade Comercial de Metais, Lda.

COSTA DA CAPARICA

1.º — Uma viagem de ida e volta ao Porto nos aviões da T. A. P., com estadia num dos melhores hoteis da cidade e 5 quilos de tinta S. João «BEL-PLAST».
2.º — Um relógio eléctrico da marca «SMITHS», dos Estabelecimentos Valentim de Carvalho
3.º — Produtos «SCHWEPPES»
4.º — Flores plásticas da Papelaria Vasconcelos, Lda.

COSTA DO SOL

1.º — Batedor «TURMIX» (modelo turbilhão), da firma Marçal Correa, Lda. e 5 quilos de tinta S. João «BEL-PLAST».
2.º — 6 garrafas de Vinho da Madeira de 1870
3.º — Uma travessa de louça de Alcobaça, da firma Barros Queirós e 1 caixa de chocolates «RAJÁ»
4.º — Um bilhete inteiro para a Lotaria, da CASA CAMPIAO

200 concorrentes
na 10.ª Exposição Canina Internacional que decorre no Estoril

O Parque do Estoril apresentou hoje um aspecto diferente do habitual, pois uma parte dele se encontra ocupada por «boxes» e diversos «stands» por motivo da décima exposição canina internacional do Estoril que a Junta de Turismo da Costa do Sol e Sociedade Estoril, soube organizar este ano, rodeando o certame duma importancia bem maior do que a que tem tido nos ultimos anos.

A organização apresenta-se na verdade bastante cuidada e, porque o numero de exemplares expostos excede as duas centenas, promete revestir-se do maior interesse.

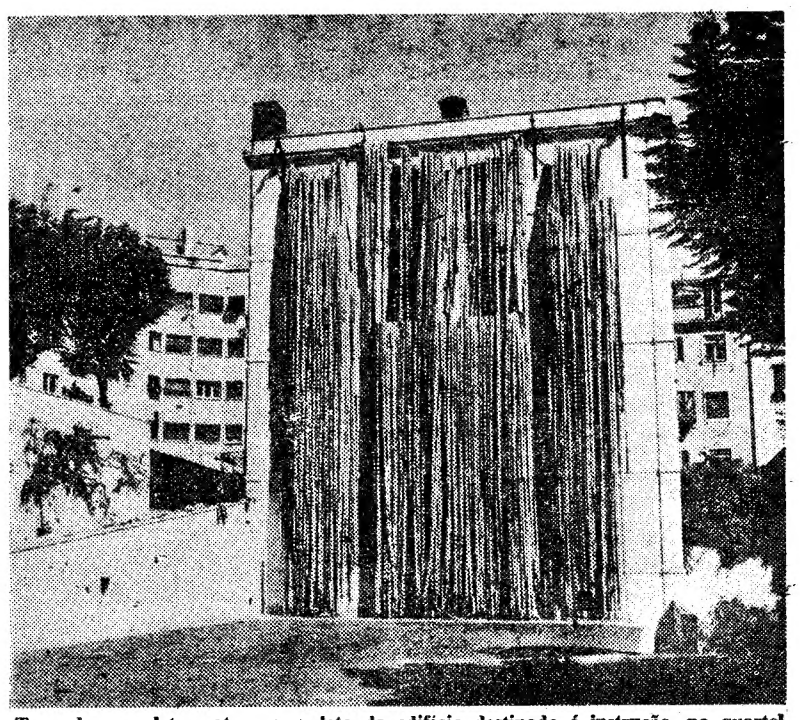
Pouco depois das 13 horas começaram a afluir ao Parque do Estoril os expositores conduzindo os cães, por entre a curiosidade de muita gente que se juntava á entrada. Os cães-polícias da G. N. R., conduzidos por praças da corporação, despertaram especial atenção.

A's 14 horas, a exposição abriu para o publico, começando pouco depois a passagem dos exemplares pelos ringues onde os juris os apreciará atentamente para uma classificação que se adivinha difícil pelo numero dos exemplares de cada raça e pela sua magnifica apresentação.

A' hora a que transmitimos esta notícia, o publico continua a afluir em elevado numero, dando ao certame um cunho especial de elegancia e mundanismo.

Se verificar o contrário taremos por medida sem aumentar os nossos preços de esc. 110$00 - 130$00 150$00 - 180$00 - 220$00

ESTE É O SÍMBOLO
Junghans
QUE INDICA
«PRECISÃO»
E A MAIOR FABRICA DE RELÓGIOS DA EUROPA
Peça-os nas boas relojoarias e ourivesarias do País



Tapando completamente o esqueleto do edificio destinado á instrução, no quartel do B. S. B., as 96 mangueiras empregadas no ataque ao incêndio da igreja de S. Domingos, o maior numero até agora reunido, expostas ao sol, a secar

Vinte quilómetros de mangueiras foram utilizados *do incêndio da igreja de S.*

(Continuação da 1.ª página)

autotanque pronto a entrar em acção, o que voltou a acontecer durante a noite, no piquete dirigido pelo cabo de 2.ª classe sr. João Miranda, e esta manhã: pequenos focos de incêndio surgiram em vários pontos das ruínas, o mais importante na parte superior da parede do lado esquerdo, onde se inflamou um bocado de vigamento ainda fumegante, e que teve de ser combatido através do prédio n.º 31 da Rua Barros Queirós.

Na opinião do primeiro daqueles 2.os cabos, a tarefa dos bombeiros está agora cumprida. O perigo passou. E é apenas de prevenção o serviço que ali fazem os piquetes de recrutas, que hoje deverão dar por oficialmente terminado o seu dever, entregando as ruínas ao cuidado do Ministério das Obras Publicas, do Patriarcado e do departamento competente do Municipio. Os recrutas que formam esses grupos, que se rendem de 6 em 6 horas, completaram já o seu curso, sendo praticamente bombeiros prontos. Apenas aguardam a cerimónia protocolar da entrega dos machados.

20 quilómetros de mangueiras foram utilizados no ataque ao grande sinistro

Entre outros pormenores que hoje foi possível conhecer, registámos este facto impressionante: no pavoroso incêndio foi empregado o maior numero de agulhetas até hoje reunido em Lisboa e, talvez, em Portugal (96). Ligadas umas ás outras, ocupariam uma extensão de 20 quilómetros!

Durante o tempo que, esta manhã, permanecemos entre as ruínas do templo, vários sacerdotes visitaram aquele quadro de desolução. «Nem uma coluna intacta!» — «É fantástico!» «Que coisa pavorosa!» eram as exclamações mais ouvidas.

Caminhando entre o montão de destroços carbonizados, ainda hoje pudemos verificar, a nossos pés, pedaços de imagens de pedra, restos de braços, rostos de anjos, etc. Subindo por detrás do altar-mor, o aspecto confrange. Por acção do vento, algumas pedras desfeitas pelo calor despenham-se do alto das paredes. Á saída da sacristia, vê-se

Os campistas armam, com entusiasmo, as barracas do acampamento

Numa pequena cidade de campistas
estabelecida, com todo o conforto, a dois passos de Peniche
contraternizam 1600 Portugueses e estrangeiros

(Do nosso enviado especial)

PENICHE, 15 *(Pelo telefone)*.— Esta laboriosa vila de pescadores, em fase de intenso progresso renovador, com importantes melhoramentos, que incluem a ampliação e apetrechamento do seu porto de pesca e outros a inaugurar brevemente, tornou-se, pelas suas admiráveis condições naturais e por um dinamico e criterioso esforço valorizador, em aliciante zona de turismo — que os estrangeiros descobriram.

Há aqui agora um desusado movimento de turistas, predominando os Franceses, que enchem as pensões e dão extraordinária animação, com o seu optimismo risonho e despreocupado, ás esplanadas e aos lugares de aprazíveis refestelos.

Um acontecimento de invulgar interesse e larga projecção no estrangeiro veio aumentar consideravelmente a afluência de excursionistas — o IV Acampamento Nacional de Campismo (no qual se projecta o III Congresso Nacional), com larga propaganda do País, além fronteiras, sob a designação de «Rendez-Vous des Campeurs au Portugal».

Trata-se de uma organização modelar, em largas proporções, da Federação Portuguesa de Campismo, iniciativa que se tornou em realidade graças ao espírito compreensivo e de franco apoio do presidente do Município, sr. António da Conceição Bento, e do presidente da Comissão Municipal de Turismo e vereador, sr. João Maria da Conceição.

O grande acampamento

Foi escolhido para a montagem e instalação do grande acampamento um lugar verdadeiramente sedutor, num trecho de paisagem mag-

(Continua na 10.ª página)

TERMAS DE CALDELAS
tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos
Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro

O dramaturgo Pedro Bloch

o mais representado do Brasil

escreveu dois números de revista

para Bibi Ferreira representar em Portugal

Pedro Bloch é o dramaturgo mais representado do Brasil, cujo nome é bastante conhecido em Portugal, onde já esteve há anos, por ocasião da apresentação das suas peças «As mãos de Euridice» e «Esta noite choveu prata», a primeira com Rodolfo Mayer e a segunda com João Villaret.

A sua passagem por Lisboa, onde chegou num avião da Panair, em viagem para Londres, com a esposa e a jornalista Lucy Bloch, sua prima, que vai entrevistar Janio Quadros, deu-nos oportunidade de uma curta entrevista sobre problemas de teatro, embora, desta vez, o que o traz á Europa é, já essencialmente, a sua profissão de médico, pois vai participar num importante Congresso Internacional de Foniatria.

— Qual a sua ultima peça?

— «Brasileiros em Nova York», com Morineau. Seis meses no cartaz...

— Outro êxito...

— Foi...

— E depois dessa?

— «Sorriso de Pedra», também com Morineau. E' uma história dramática, que nos mostra o caso de uma mãe diante de uma filha atrasada mental, que tenta recuperar... Tem muitas personagens, mas só uma fala: a mãe. Não há veleidades nem originalidades no processo, mas não poderia ser de outro. Diante do drama, da angustia maternal, não há palavras, nem uma só personagem tem coragem para falar, é uma tensão terrível em que perante o jorrar violento ou não dessa pobre mãe, as outras personagens só «falam» com os olhos, os gestos e... os silêncios...

Pedro Bloch sorri e revela-nos que em Outubro, depois do Congresso de Foniatria, assistirá em Paris á estreia da sua peça «Os inimigos não mandam flores», com Marina Vlady e Robert Hossein, sob a direcção de George Vitaly, no Teatro La Bruyere, e na Sorbonne irá trabalhar ao lado do prof. Husson, sobre problemas de análises vocais, que abrangem as vozes normais, psicóticas e neuróticas, sendo possível ainda que seja apresentada em Londres a sua peça «As mãos de Euridice», com um actor espanhol, Alvaro Fontana.

— Qual é o panorama actual do teatro brasileiro, Pedro Bloch?

— Muito curioso e evolutivo. Está numa fase interessante, que envolve a redescoberta dos temas brasileiros, com muito êxito. Surgiram valores novos, como dramaturgos e entre eles Guarnieri que, em «Gimba», teve um êxito espantoso em S. Paulo. Outros escritores procuram o mesmo caminho, que o publico recebe com muito agrado. Henrique Pongetti, da velha escola, terminou «Zefa entre os homens», que é um admirável trabalho. Mas também ainda Maria Della Costa e Cacilda Becker, com uma boa temporada, um magnífico reportório, com elementos categorizados.

— Que pensa do Teatro de Ionesco?

— Costumo falar com franqueza, como sabe. Pessoalmente, não en-

(Continua na 10.ª página)

PEDRO BLOCH

mangueiras

na extinção

Domingos

ainda a imagem completamente irreconhecível da Senhora de Fátima, retirada dos escombros durante o ataque ao incêndio.

Mudos os sinos desde o flagelo

Prosseguindo na nossa inspecção

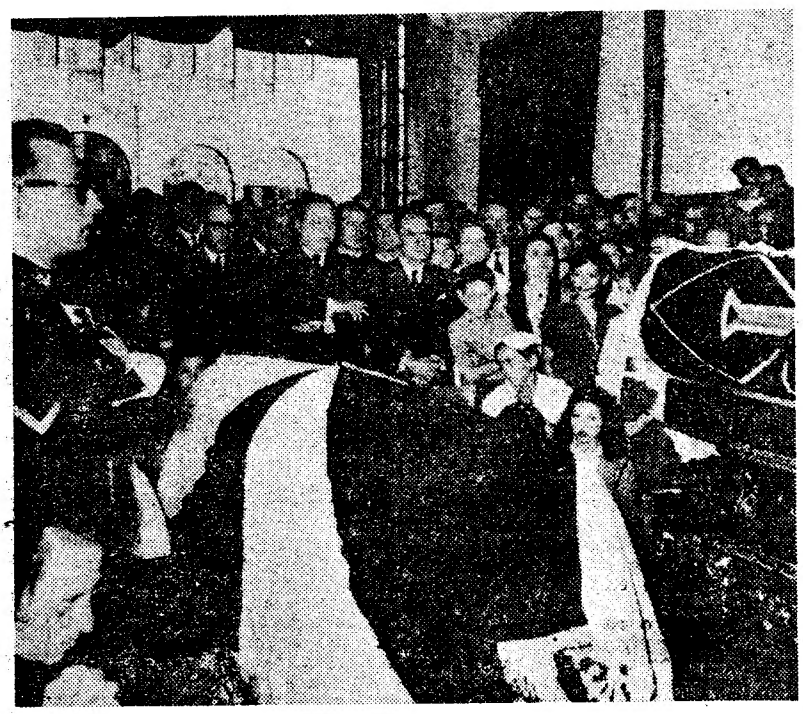
(Continua na 11.ª página)

Milhares de pessoas

assistiram comovidas

aos funerais das vítimas

do incêndio de São Domingos



O ministro do Interior e o presidente da Camara velando os corpos dos bombeiros mortos, pouco antes do saimento

Muitos milhares de pessoas assistiram hoje, de manhã, ao longo da Avenida D. Carlos I, á saída dos funerais dos sapadores bombeiros João Francisco e Francisco da Silva Gomes, mortos durante o trágico incêndio que anteontem destruiu a igreja de S. Domingos. Mais adiante, no Largo da Estrela e nas ruas da Estrela e Saraiva de Carvalho, concentravam-se algumas centenas de pessoas, alinhadas ao correr dos passeios, num silêncio comovido, cortado de momento a momento pelos soluços das senhoras que irrompiam em pranto. Na Parada dos Prazeres e nas abas sombreadas do cemitério, donde se descobria o panorama pleno de luz do Tejo e de Alcantara, batidos pelo Sol, mais algumas centenas de populares, gente humilde da rua, acompanhava sentidamente a dor dos que choravam as unicas perdas

(Continua na 11.ª página)

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE — FABRICO PROPRIO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 2 4564

Incendiou-se

uma «dreisine»

do metropolitano

e ficou ferido um homem

Cerca das 12 e 30, em Sete Rios, devido a ter caído sobre uma «Dreisine», do Metropolitano de Lisboa, uma lata com cerca de 7 litros de gasolina, que se espalhou sobre os cabos da bateria, o veículo incendiou-se. Para maior facilidade na extinção do incêndio, a «Dreisine», rebocando dois vagões de transporte com pessoal, foi conduzida para os Restauradores.

Chamados os socorros dos bombeiros, compareceram ali 8 homens da estação da 1.ª companhia, do Largo do Regedor, com um auto-chefe de serviço e um pronto de socorro, sobre a direcção do subchefe Custódio de Oliveira, que extinguiram o fogo e prestaram o necessário auxílio ao operário António Duarte Neto, de 29 anos, residente em Vila Piqueira, 18 (á Rua Costa Pimenta), que, ao que parece, devido a intoxicação provocada pelos gases desenvolvidos no incêndio, caiu sobre os «rails» ficando muito contuso.

Os grandes rolos de fumo que subiam pelas saídas da Estação dos Restauradores, atraíram grande numero de populares, que foram mantidos á distancia por um piquete da polícia da esquadra do Teatro Nacional.

O ferido, foi conduzido, num táxi, ao Hospital de S. José, onde se verificou que o seu estado não inspira especiais cuidados.

OURO DO BRASIL

para o Fundo Monetário

S. PAULO, 15 — Segundo revela «O Globo», quarenta e três mil quilos de ouro serão embarcados do Brasil para os Estados Unidos da América, a fim de aumentar a cota brasileira no Fundo Monetário.

O ouro será transportado por via marítima e o seu valor para efeitos de seguro ascende a cerca de 7 milhões de cruzeiros. — (L.).

PASTA MEDICINAL
Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da bôca

Pretendem vender ouro pratas ou joias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. DA PRAIA, 257

A VISITA DE KRUCHTCHEV (6)

Quatro acontecimentos relevantes se inseriram na cadeia de reacção provocada pela nota soviética de 27 de Novembro, a qual visava o reatamento do diálogo com os Estados Unidos sobre o conjunto do problema alemão: a viagem do primeiro-ministro da Grã-Bretanha a Moscovo, o enfraquecimento da posição do chanceler federal, resultante das suas atitudes contraditórias, a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros em Genebra, e a morte do secretário de Estado, Foster Dulles. A visita a Moscovo do vice-presidente Nixon e de nove governadores de Estado culminou essa sucessão e foi um indício claro de que o seu desfecho se aproximava.

Eis, segundo o relato do presidente Eisenhower (conferência de Imprensa de 3 de Agosto) os tramites seguidos para preparar o convite ao chefe do Governo soviético: «Já há tempo eu sugerira á Secretaria de Estado a vantagem de fazer um esforço no sentido de melhorar as nossas relações com a União Soviética. E acrescentei que talvez uma visita, como aquela que agora se anunciou, concorresse para o conseguir. O assunto foi estudado desde o começo de Julho, data em que começou a troca de correspondência que teve agora o seu epilogo».

A' decisão tomada, segundo o presidente, por sua iniciativa e a influência que nela tiveram alguns acontecimentos como aqueles a que aludimos — paralisia da conferência de Genebra, morte do secretário de Estado, visitas a Washington do primeiro-ministro britanico e do dr. Erhard — não foram estranhos outros, entre os quais a tendência acentuada na opinião do diálogo com os Sovietes. Nessa conferência de Imprensa as revelações somaram-se para permitir verificar as consequências imediatas da decisão tomada.

A visita de Kruchtchev será precedida de uma viagem do presidente á Europa, com passagem por Londres e Paris. A exclusão de Bonn do roteiro previsto na Casa Branca, a confirmar-se é sintomática. Tão sintomática, como ela é a atitude do general de Gaulle, recusando uma conferência de alto nivel ocidental ou contactos de conjunto entre os membros da aliança atlantica mais influentes. No «Herald Tribune», Alain de Lyrot revela o seguinte: «Não haverá encontro de conjunto entre o presidente Eisenhower e os outros chefes de Governo ocidentais, devido á oposição do general de Gaulle que deseja conversações separadas em Londres e Paris. Na capital francesa, o presidente estará dois dias não mais para se avistar com o presidente da Republica. Em Londres falará com o primeiro-ministro e o chanceler federal que ali se deslocará para conferenciar com ele. O general de Gaulle opôs-se ao encontro conjunto, na esperança de falar, a sós, com o presidente e com ele debater a crise das relações franco-americanas».

As precauções diplomáticas tomadas pelo presidente para evitar o alarme que se reflecte na Imprensa de alguns países da Europa ocidental foram, até agora, insuficientes para o dominar por completo e mesmo para o atenuar. Em que medida se justifica esse alarme? O receio patente, deste lado do Atlantico é para a Alemanha o de uma solução do seu problema que não corresponde á politica prosseguida no Governo federal nos ultimos dez anos; e para a França o de uma negociação prolongada em que as suas aspirações não sejam tidas em conta, como deseja o general de Gaulle.

«A Alemanha, escreve a «Frankfurter Rundschau», receberá a conta da guerra. Vivemos muito tempo na ilusão de que o apoio incondicional que demos aos Estados Unidos nos tiraria dos ombros o peso da derrota. E' a altura de pagar. Sem um compromisso entre as grandes potências sobre o problema alemão é impossivel atenuar a tensão internacional. Confiemos, ao menos, em que a conta não será só paga por nós».

Este sentimento de decepção e ansiedade não é partilhado noutras capitais como Londres, onde há a noção exacta da contribuição dada pela diplomacia britanica para reatar o diálogo americano-soviético, depois de tantos esforços para o interromper em seguida á ultima guerra.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco de vários rumos, o céu estava limpo, por acção de uma massa de ar continental transportada na circulação de uma depressão de origem térmica centrada sobre a Espanha.

TEMPERATURAS A'S 9 HORAS — Porto, 17°; Coimbra, 18°; Portalegre e Lisboa, 20°; Funchal, 21°; Faro, 27°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 10 HORAS, NA COSTA DO SOL: Na atmosfera, 19°,7; na água do mar, 16°,6.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ A'S 16 HORAS: máxima, 28°,2; mínima, 16°,4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 29°,7; mínima, 16°,5.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente pouco nublado, vento moderado de norte. Pequena subida de temperatura.

PARA COLOCAÇÃO DO SEU CAPITAL A RENDER
A CONFIDENTE
LISBOA — ROSSIO 1 — TELEFONE 2 33 91
PORTO — RUA PASSOS MANUEL 14, 1.º — TELEFONE 2 70 11
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM PROPRIEDADES

Mil e seiscentos campistas
reunidos em Peniche

(Continuação da página central)

nífica, emoldurado de pinhais e verduras de efluvios balsamicos, tendo por fundo a mancha azul do mar cintilante — o Pinhal da Lagoa, que se estende da estrada junto ao molhe até á extensa Praia do Baleal e abrange uma área de cerca de 120 hectares.

Os trabalhos de instalação começaram há cerca de um mês e o inteligente plano foi inteiramente realizado de forma a satisfazer as exigências do campismo, com o máximo de conforto na simplicidade da vida salutar ao ar livre, em contacto com a Natureza. Ali se edificaram instalações, em tijolo e cimento, com água sob pressão, abundante e jorrando de torneiras por toda a vasta extensão da «pequena cidade de campistas», que se torna definitiva, nada faltando para a higiene, o conforto e as necessidades imediatas da vida quotidiana: balneários, chuveiros, lava-loiças, lava-roupas, com o indispensável aos cuidados de limpeza, para os dois sexos, não faltando até as tomadas de corrente para as máquinas eléctricas de barbear. Há um restaurante, com «bar» cervejaria e esplanada numa eminência de terreno sobre um soberbo panorama onde apetece o repousante devaneio á sombra dos guarda-sóis versicolores; instalações eléctrica, sonora e telefónica, secretaria, correio, organização de turismo, estação de serviço, apetrechada para satisfazer as necessidades dos campistas em todo o material, assim como bocas para mangueiras destinadas á lavagem de automóveis, etc.

A cidade dos campistas

Na vasta amplitude verdejante, foram montadas 600 tendas, que formam um belo conjunto de efeitos coloridos e formas graciosas. Ali se concentrou um aglomerado humano, famílias completas, com revoadas chilreantes de crianças, como aves em plena liberdade; jovens casais em jubiloso contentamento, gente idosa na alegria sã de viver em repousante despreocupação, longe do burburinho citadino e da estreiteza dos convencionalismos inibitórios; raparigas estuantes de vida, risonhas, deliciosamente femininas no pitoresco dos trajos ligeiros, de preferência o calção e a blusa leve, de simplicidade graciosa — e tudo em perfeita harmonia, em ampla e compreensiva fraternização, que traduz a verdadeira mentalidade do campista afectuoso e de irradiante simpatia.

A afluência ao acampamento, reservado, compreensivelmente aos campistas filiados na organização, começou na quarta-feira e completa-se hoje. Ali estão reunidos 1.600 campistas, 400 dos quais estrangeiros (Franceses, principalmente; Espanhóis, Finlandeses, Dinamarqueses, Belgas Alemães, Suecos). Na maioria, vieram em automóveis, muitos com «roulottes», e em autocarros, havendo ali um total de 600 viaturas.

Os Portugueses vieram de Norte a Sul do País e alguns tiveram dificuldades por não conseguirem transporte pelo caminho de ferro. A camionagem teve serviço redobrado com desdobramentos de carreiras e lotações esgotadas. Além dos individuais, há os agrupamentos e nucleos do Ateneu Comercial de Lisboa, de Setubal, de Almada, de Coimbra, de Olhão, de Leiria, de Monção, de Alcobaça, da Figueira da Foz, de São João da Madeira, etc. — mais de cem colectividades de campistas. E há os agrupamentos característicos — F. C. do Porto, Académico, da mesma cidade; S. L. e Benfica, Sporting, Belenenses e outros cuja rivalidade aqui se transforma em alegre, franca e harmoniosa camaradagem.

O chefe do campo é o sr. Ramiro de Sousa, que tem como adjuntos os srs. Américo Augusto Moreira, José Manuel Miranda de Melo e Jaime Fernando Monteiro.

A comissão de honra inclui, entre outras entidades, os srs. ministro e subsecretário da Educação, secretário nacional da Informação, chefe do distrito de Leiria, presidentes do Município e da Comissão Municipal de Turismo de Peniche, além de elementos representativos dos organismos dirigentes desportivos, das autoridades marítimas, civis e militares, etc.

A inauguração do acampamento

O acampamento abriu, hoje, ás 9 horas, no meio de grande entusiasmo, embora continuem a afluir os campistas nacionais e estrangeiros. Estes mostram-se encantados com a paisagem e com as sugestivas características de Peniche. Confessam-se igualmente surpreendidos pela amplitude e modelar organização do acampamento, que consideram notável.

A's 9 horas, houve salvas de morteiros e foguetes, seguidas do içar do pavilhão nacional e das bandeiras da organização campista e dos dezoito países participantes, numa vistosa teoria de cores ondulantes.

A's 11 horas, os campistas portugueses vieram á Camara Municipal apresentar cumprimentos ao presidente, a quem o sr. Vasco de Oliveira, vice-presidente da Federação Portuguesa de Campismo, agradeceu o valioso auxílio e as facilidades concedidas, que excederam toda a expectativa e permitiram o êxito extraordinário do grande acampamento.

Em nome da comissão central, o sr. Contreiras de Almeida, um dos elementos mais dinamicos desta importante realização, agradeceu também e ofereceu uma placa comemorativa ao presidente do Município, sr. António da Conceição Bento, que agradeceu, manifestando a sua satisfação pelo bom resultado da iniciativa dos campistas do País, a quem dirigiu palavras de apreço e muita simpatia.

Mais tarde, pelas 13 horas, uma representação dos campistas estrangeiros, constituida por Franceses, Belgas e Holandeses, esteve também nos Paços do Concelho a cumprimentar o presidente do Município. O delegado do «Touring Club de France» agradeceu a amável recepção dos Portugueses, dizendo que todos estavam encantados com sua permanência em Portugal.

Respondeu-lhe o vereador e presidente da Comissão de Turismo, sr. João Maria da Conceição, que agradeceu em nome do presidente e lhes augurou as melhores felicidades entre nós.

No acampamento é ampla a confraternização, em ambiente festivo, e tudo se prepara para a cerimónia, logo á noite, do Grande Fogo do Campo Nacional, com a presença de entidades oficiais e convidados.

Concurso Internacional de Pesca Desportiva

Amanhã, e em continuação das festas da vila de Peniche, haverá o Concurso Internacional de Pesca Desportiva de Mar, organizado pelo Sport Lisboa e Benfica, que aqui desloca uma numerosissima representação. Há várias cerimónias que começam ás 7 horas, pela concentração dos concorrente, vindos de Lisboa, no jardim publico desta vila, onde se nota extraordinária afluência de forasteiros.

O programa da grande realização campista foi assim organizado: amanhã, ás 11 horas, inauguração oficial do acampamento, pelas entidades oficiais; ás 17, concerto pela banda da Lourinhã; ás 22, exibição do Rancho Tá-Mar da Nazaré, pequeno «fogo de campo»; segunda-feira, visita pedestre a Peniche, Cabo Carvoeiro e Gruta de Dominique; terça-feira, ás 16, gincana campista e feira de galhardetes — compra, venda, troca; quarta-feira, ás 9 e 30, excursão ás Berlengas; quinta-feira, ás 9, excursão ao Baleal; ás 21 e 30, apresentação do conjunto artístico da Associação Desportiva do Liceu Franҫês Charles Lepierre, «pequeno fogo de campo»; sexta-feira, ás 9, excursão á Nazaré, á Batalha, ás Caldas, etc.; sábado, ás 21 e 30, «grande fogo de campo» internacional, com a apresentação do Rancho Infantil de Peniche; domingo, 23, fecho do acampamento.

Foi preso em Evora um "turista"
que não pagava hospedagem

ÉVORA, 15. — (Pelo telefone). — Por se tornar suspeito, pela insistência com que pediu 300 escudos emprestados ao sr. António José Rosa, proprietário da Pensão Giraldo, desta cidade, foi detido, pelas autoridades policiais, Joaquim Camarate da Silva Melgueira, de 29 anos, solteiro, pedreiro, natural de Setubal e, ali residente na Rua António José Baptista. Interrogado, o Melgueira declarou ás autoridades que, há tempos se apoderou de 8 contos que seu pai — António Joaquim Melgueira — tinha guardados e, aliciando uma companheira de ocasião, partiu em viagem «turística» por diversas terras do Norte do País. Quando o dinheiro estava quase gasto, abandonou a parceira de viagem e veio para o Sul. Em Portimão, hospedou-se na Pensão Algarve e, depois de ali estar seis dias, acabaram-se os ultimos cobres. Simulando esperar um vale de correio, com fundos, pediu ao dono da pensão 120 escudos que ele lhe entregou. Com este dinheiro, e sem ter pago a hospedagem, foi para Faro, alojando-se ali na Pensão Madalena; e a cena repetiu-se com 30 escudos emprestados, e foi -mentada com o furto de uma máquina eléctrica de barbear, que empenhou por 180 escudos. Veio, então, para a Pensão Giraldo em Évora, onde esteve 4 dias, também sem pagar hospedagem. O sr. Rosa suspeitou dele, e a Polícia pôs tudo «em pratos limpos», metendo a ferros o «turista» económico...

Pedro Bloch
passou por Lisboa

(Continuação da página central)

contro nada de especial no Teatro de Ionesco e penso haver um equívoco, no qual a crítica procura interpretações inexistentes e em que o autor, perante tanta insistência, acaba por acreditar... Isto não quer dizer naturalmente que Ionesco não seja um grande dramaturgo e que o não admire imenso. No entanto, penso que o sentido do seu teatro não tem nada de novo, como não pretende também «epater»... Gosto, no entanto, extraordinàriamente da interpretação que lhe dá Luís de Lima, esse magnífico actor.

— E em relação a Becket?

— Prefiro este. «A' espera de Godot» é uma peça de intenções claras, tão claras, que surpreende que alguém procure explicações — basta ver o nome de Godot...

— Que interpretação dá a Godot?

— Talvez uma espera do destino... Não quero falar em Deus, porque seria vulgarizar a palavra...

Fala-se de teatro português e Pedro Bloch revela-nos ter escrito, no Rio, dois quadros para uma revista e que Bibi Ferreira interpretará em Lisboa: uma espécie de sinfonia, falada, com uma série de intérpretes sincronizados dentro de uma técnica quase sinfónica, que se chamará «Carnaval do Brasil»; o outro, é um quadro humano e cómico, com o título «Há gosto para tudo».

Fala-se em encenação em teatro e a discussão que se trava ao redor do texto e da supremacia ou não da técnica da encenação. Pedro Bloch é claro e incisivo na resposta:

— Quanto mais visível é a encenação, tanto menos substancia tem a peça. Isto quer dizer: da mesma forma que o fundo musical dos filmes é tanto melhor quanto menos se faz sentir, a melhor encenação é aquela que não *grita*. O texto é o fundamental numa peça.

— Quais os melhores artistas brasileiros actuais?

— Morineau, Procópio Ferreira, Rodolfo Mayer, Maria Della Costa e Cacilda Becker e ainda Tonia Carrero, com a sua magnífica companhia, que apresenta neste momento «Seis personagens á procura de um autor», de Pirandello, e que virá, possívelmente, a Portugal, como as companhias de Della Costa e Cacilda.

A entrevista terminara. Pedro Bloch virá possívelmente a Portugal nos fins de Outubro.

Achou o ordenado demasiadamente alto!

GREENWICH (Connecticut), 15. —Ao ser agora nomeado presidente da junta directiva de importante empresa de Cleveland, John Ekblom foi informado de que o seu ordenado fora estabelecido no equivalente a 1.200 contos, com um suplemento de 3.000 contos. Ekblom, porém, rejeitou o suplemento, esclarecendo que o «total de 4.200 contos excede de longe as suas necessidades e o seu apetite».—(A. N. I.).

A' colocação da primeira pedra
para a nova igreja do Algueirão
presidiu o arcebispo de Mitilene

Algueirão — Mem Martins esteve hoje em festa por motivo do acto solene do lançamento da primeira pedra para a construção da igreja daquela localidade sob a invocação de S. José.

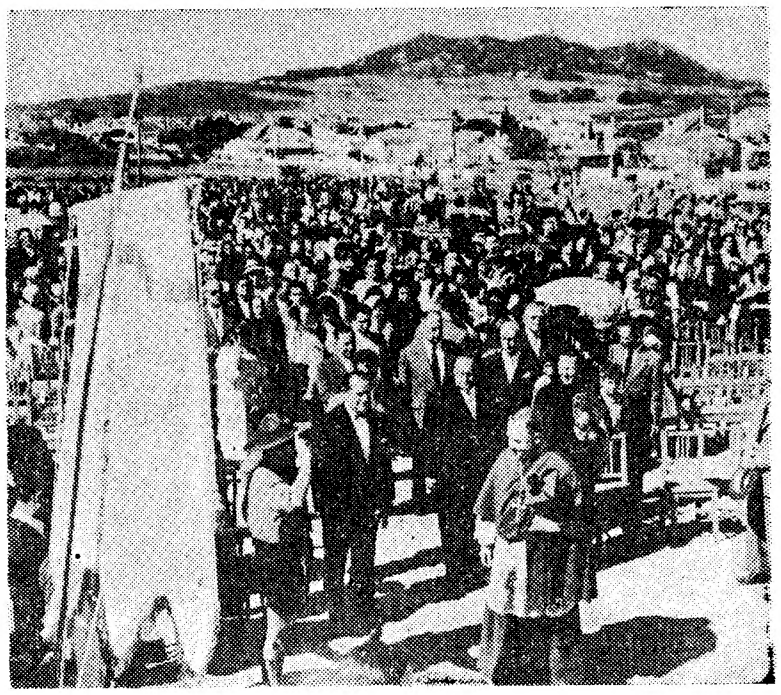
Nas janelas colchas e colgaduras e muitas bandeiras e galhardetes. Estralejavam morteiros e foguetes.

Pouco depois das 9 horas começou a concentração no largo da estação dos caminhos de ferro onde foram recebidas as autoridades. Passava das 10 horas, quando chegou o sr. arcebispo de Mitilene, recebido pelo elemento oficial e particulares. Depois organizou-se um cortejo em direcção ao local destinado á nova igreja, que ficará situada numa elevação, entre Algueirão-Mem Martins velho e Algueirão novo. A' frente seguiam os escuteiros católicos daquela localidade, depois estandartes de várias colectividades desportivas e recreativas, crianças das escolas e da catequese, os pendões da Imaculada Conceição de Maria e de S. João de Deus, clero e irmãos de S. João de Deus, com o respectivo provincial, José Joaquim Fernandes, as cruzes, alçada e paroquial, o sr. arcebispo de Mitilene, acompanhado dos membros da comissão de honra para a construção da igreja, presidente e vereadores da Camara Municipal de Sintra, presidentes das juntas de freguesia locais, etc. Depois muito povo, a banda da Sociedade Filarmónica Recreativa de Pero Pinheiro, as corporações dos Voluntários de Albarraque e de Sintra, com estandartes, etc.

A ladear o cortejo filas de soldados da Base Aérea N.º 1, da Granja do Marquês. Incorporados também os priores de Sintra e de S. Pedro, respectivamente revs. Abílio Lourenço e Alfredo Coelho Freire.

No local onde vai ser construído o novo templo, estava alto estrado coberto de tapeçarias vermelhas e sobre ele um altar encimado por um crucifixo, lanternas e jarros com flores e tendo por fundo uma grande cruz. Em relevo a bandeira nacional.

Depois de o prelado ter feito uma curta oração, começou a cerimónia,



Um momento da cerimónia

assistindo do lado da Epístola e junto ao altar, os srs. prof. Joaquim Fontes, presidente do Município de Sintra, por si e representando o chefe do distrito; drs. Castro Fernandes, presidente da Comissão Executiva da União Nacional, e Moreira Baptista, secretário nacional da Informação, e eng.º Rebelo de Andrade.

Ao microfone o rev. padre José da Silva Estrangeiro, dirigia e explicava a cerimónia.

O rev. Alfredo Coelho Freire agradeceu, em nome dos paroquianos, a presença do sr. arcebispo de Mitilene, e salientou e agradeceu a ajuda moral e material das autoridades oficiais presentes e outros que se dispuseram a auxiliar a iniciativa.

Seguidamente aquele prelado procedeu á bênção da primeira pedra que foi colocada. Eefectuo-se depois missa campal, durante a qual houve ofertório solene por parte dos presentes, que quiseram contribuir para a construção da nova igreja, projecto do arquitecto A. Fernandes Amorim.

Os trabalhos começam na próxima semana. De linhas modernas, a igreja terá, além do altar-mor, mais dois laterais.

O SUBMARINO «Nautilus» em Aveiro

AVEIRO, 15 (Pelo telefone) — Cerca das 13 e 30 de hoje entrou a barra de Aveiro o submersível «Nautilus», da Marinha de Guerra portuguesa, presentemente em função de adestramento da tripulação. Ficou ancorado no porto bacalhoeiro, onde amanhã estará patente ao publico.

MUNICÍPIO DE NISA

Foram autorizadas as Camaras Municipais de Nisa a contrair um empréstimo de 500 contos na Caixa Geral de Depósitos para construção de acessos ao Hospital; e a de Vila Franca de Xira, um de 700 contos, destinados á construção da rede de esgotos.

Hotel da Torre
Lisboa - Portugal
R. JERÓNIMOS, 10
EM PRÉDIOS DE ESTILO ANTIGO, COM INSTALAÇÕES DE ESTILO MODERNÍSSIMO. * ÓPTIMOS QUARTOS, TODOS COM LUXUOSAS SALAS DE BANHO

O incêndio da igreja de S. Domingos

(Continuação da página central)

pelo interior, penetrámos nas dependências da residência paroquial, onde as duas criadas que ali fazem serviço permanente nos informaram serem bastantes os padres, seminaristas e fiéis que ali se deslocam para manifestar a sua solidariedade e observar as terríveis consequências do sinistro, mesmo naquele sector. Parte do átrio e os quartos das próprias criadas, foram atingidos pelas chamas. Outra escada de pedra conduz aos sinos, que se quedam tristemente mudos desde a hora do flagelo. O homem que habitualmente os toca não aparece desde essa altura e nem o sacristão e as serventes, os unicos que ali vivem, tiveram coragem para o fazer, segundo nos afirmaram.

O Santíssimo está na capela da Senhora da Saúde

Foi, também, o sacristão de S. Domingos, sr. José Pereira Jacinto, que encontrámos na Rua da Mouraria, que nos informou estar o Santíssimo Sacramento depositado na capela da Senhora da Saude. Foi, de resto, o Santíssimo o unico valor salvo entre o recheio do grande templo, pois o tesouro, que também não foi atingido, conforme já esclarecemos, estava encerrado na casa-forte, instalada debaixo do altar-mor.

No momento em qué falávamos com o sacristão, uma mulher, modestamente vestida, aproximou-se dele e disse-lhe, contristada:

— Então, já não posso ir lá pôr umas flores?...

Ao que o sr. Pereira Jacinto respondeu:

— Veja se consegue... Não, não é possível. Foi uma tragédia. Tudo irreconhecível. Hoje, dia da Assunção de Nossa Senhora, haveria uma cerimónia tão solene na nossa igreja...

Ambos permaneceram depois, de olhos embaciados, silenciosos, até á despedida...

O páraco de S. Domingos celebrou hoje missa na igreja da Vitória

Embora sem a sua igreja, uma das mais concorridas de Lisboa, o páraco de São Domingos, sr. cónego Correia de Sá (Asseca), não deixou de celebrar hoje a sua missa.

Fê-lo, em ambiente de significativa emoção, esta manhã, na igreja de Nossa Senhora da Vitória, na Rua da Vitória, aonde se deslocou grande numero de fiéis que habitualmente ouviam missa no templo que as chamas consumiram.

O cardeal-patriarca observou as ruinas de S. Domingos

O sr. cardeal-patriarca de Lisboa, no percurso entre o Patriarcado e a Sé, onde presidiu ás cerimónias religiosas da Assunção, observou, do seu automóvel, na Rua D. Duarte, o resultado da destruição do incêndio de anteontem.

O ultimo adeus da viuva do bombeiro João Francisco

O funeral dos bombeiros

(Continuação da página central)

irreparáveis provocadas pelo sinistro.

O ministro do Interior assistiu à missa de corpo presente

Numa das garagens da sede do Batalhão de Sapadores Bombeiros, na Avenida D. Carlos I, para onde foram transferidos ontem, á noite, depois de autopsiados, os corpos dos dois malogrados sapadores, foi soldada, cerca das 10 horas, a urna que continha os restos mortais de Francisco da Silva Gomes. Pouco depois, junto das duas urnas, colocadas lado a lado, o rev. Adelino Ramos, da igreja de S. José, celebrou missa de corpo presente. Das paredes da garagem pendiam grandes panejamentos negros, bordados a ouro e a roxo. Dezenas e dezenas de ramos de flores e coroas oferecidos por todas as companhias dos Sapadores Bombeiros, por delegações dos Bombeiros Voluntários e por numerosas entidades oficiais e particulares, juntavam-se perto do altar. A urna com o corpo do sapador Francisco Gomes estava coberta com a bandeira da cidade, enquanto a que continha o cadáver, horrívelmente mutilado, do sapador João Francisco permanecia aberta, repleta de flores. Em volta, sem se conseguir dominar, a família do infeliz João Francisco mantinha-se num pranto dolorosíssimo.

Assistiram á missa o ministro do Interior, presidente da Camara Municipal de Lisboa, o vice-presidente do Municipio, sr. Aníbal David, o presidente do Conselho Nacional do Serviço de Incêndios, o secretário-geral da Cruz Vermelha Portuguesa, o comandante e 2.º comandante da P. S. P. de Lisboa, e o comandante e 2.º comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros. Presentes, também, delegações ou representações dos Voluntários de Vila Real de Santo António, Nelas, Voluntários Portuenses, Arraiolos, Paredes, Beja, Almada, Amadora e Linda-a-Pastora, municipais do Porto, e de todas as corporações de bombeiros voluntários de Lisboa.

O rev. Adelino Ramos pronunciou uma breve homilia em que recordou ser hoje o dia da glorificação da Virgem, que, segundo a tradição agora tornada verdade dogmática, teria subido ao céu em corpo e espírito. Após uma referência á forma desenvolvida como a Imprensa relatou a tragédia, o celebrante terminou por pedir que a coroa da glória seja o preço dos sofrimentos dos dois malogrados sapadores, que talvez, disse, Deus chame imediatamente ao eterno descanso do céu.

A marcha de continência à chegada ao Cemitério dos Prazeres

Terminada a missa de corpo presente, organizou-se o cortejo funebre que se dirigiu ao cemitério dos Prazeres, passando pela Avenida D. Carlos I, Calçada da Estrela, Largo da Estrela, ruas da Estrela e Saraiva de Carvalho.

Na Parada dos Prazeres formava o Batalhão de Sapadores Bombeiros, a grande uniforme e com terno de clarins, e deputações das quatro secções de Voluntários de Lisboa (Campo de Ourique, Lisbonenses, Lisboa e Ajuda), sob o comando do chefe Mário de Almeida. Quando a urna contendo o corpo do sapador João Francisco foi retirada do carro aberto do B. S. B., o terno de clarins tocou, muito arrastadamente, a marcha de continência. De um carro e um «jeep», muito carregados, foram tiradas dezenas de coroas e ramos de flores. Após a execução da marcha de continência, partiu para Estarreja o autofunebre que transportava a urna soldada do sapador Francisco da Silva Gomes, a qual ficará no cemitério de Fermelã, sua terra de naturalidade.

Organizou-se, seguidamente, um cortejo a pé que se dirigiu á capela do cemitério dos Prazeres.

Além do ministro do Interior e das outras entidades já referidas, incorporaram-se no cortejo o sr. cónego Correia de Sá (Asseca), páraco da destruida igreja de S. Domingos. Na capela, o rev. Carlos Alberto Ribeiro, adjunto da paróquia da Penha de França, rezou as orações de encomendação. Lentamente, o cortejo dirigiu-se, depois, para o talhão dos bombeiros. O rev. Carlos Ribeiro rezou as ultimas orações. A guarda de honra, constituída pela Companhia de Recrutas do B. S. B., prestou continência. A urna começou a descer para a terra. O pesado silêncio que envolvia as muitas centenas de pessoas que acompanharam até á sua ultima morada o heroico sapador bombeiro João Francisco era só perturbado pelo pranto e pelos gritos de sua infeliz viuva, a sr.ª D. Amélia Frade Real, e de outras pessoas de família. Depois, veio o ruido tristíssimo, cavo, da terra a cair sobre a urna. Tudo estava terminado.

*

Os serviços funebres estiveram a cargo da Agência Salgado.

Carpinteiro morto por um automóvel

perto de Ilhavo

ILHAVO, 15 (Pelo telefone) — Hoje, meia hora depois da meia noite, regressava da praia da Costa Nova, no seu automóvel, com destino á Palhaça, o sr. António Caetano Gil, solteiro, de 30 anos, empregado comercial, natural da vila de Vagos. Ao passar junto da fábrica de conserva, na praia do Farol, surgiu-lhe pela frente o sr. Joaquim Fernandes Viana, casado, carpinteiro, de 38 anos. O condutor do automóvel que ia com pouca velocidade, ainda meteu travões para não colher o transeunte, mas este, precipitando-se, foi apanhado de flanco e caiu. Conduzido imediatamente ao hospital desta vila, faleceu pouco depois de ali ter dado entrada. A G. N. R. tomou conta da ocorrência. A vítima era natural de Marinha Velha, freguesia da Gafanha da Nazaré, deste concelho.

A INTENDÊNCIA

continua a fiscalizar os preços nos centros de turismo

Estão a ser atentamente vigiados os preços nos centros de turismo, em face das numerosas queixas apresentadas nos serviços de fiscalização da Intendência Geral dos Abastecimentos, por presumíveis abusos especulativos praticados em restaurantes, casas de comidas, bares, etc.

O «Dia do Bombeiro» foi adiado

Em consequência da morte dos dois sapadores bombeiros, as Associações de Bombeiros Voluntários da cidade de Lisboa (Lisboa, Ajuda, Lisbonenses, Campo de Ourique, Cruz de Malta e Beato e Olivais), resolveram adiar, para data que será oportunamente indicada, as celebrações do «Dia do Bombeiro» que deviam efectuar-se nos dias 18 e 23 do corrente. Assim, as Associações de Voluntários demonstram a sua inteira solidariedade com o profundo desgosto do Batalhão de Sapadores Bombeiros.

Partiram 25 barcos para a 1.ª Regata

da Ria de Aveiro

AVEIRO, 15 (Pelo telefone) — Sob grande entusiasmo, largaram de S. Jacinto, ás 14 horas, 25 veleiros, de diversas classes, concorrentes á 1.ª Regata da Ria de Aveiro, organizada pelo Sporting Clube desta cidade e integrada no programa comemorativo do milenário e centenário.

Os barcos pertencem ao Sporting de Aveiro, Associação Desportiva Ovarense, Clube Naval Setubalense, Clube Naval de Aveiro, Centro de Vela da Murtosa da M. P., Clube de Vela Atlantico e Sport Clube do Porto. Partiram em direcção ao Carregal (Ovar), onde está instalada a meta da 1.ª tirada. A 2.ª e ultima efectua-se amanhã, ás 8 horas, entre Ovar e Aveiro. Preside ao juri o sr. Fernando Corte Real.

Vida religiosa

O cardeal-patriarca celebrou missa na Sé

Por motivo da solenidade da Assunção da Santíssima Virgem, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa celebrou hoje missa de pontifical na Sé Patriarcal de Lisboa, tendo durante a missa conferido ordens sacras e menores a alunos dos seminários de Cristo-Rei, Olivais e dos Franciscanos, dos quais foram submetidos 18 á Sagrada Ordem de Presbítero.

Terminada a cerimónia na Sé, o sr. D. Manuel Gonçalves, abandonou o templo e seguiu para o Patriarcado. Depois de um curto espaço de tempo, o sr. cardeal-patriarca, dirigiu-se para o Seminário Maior dos Olivais, onde almoçou com os ordenados, regressando ao fim da tarde ao paço do Campo de Santana.

Missa em Vila Viçosa

VILA VIÇOSA, 15 — (Pelo telefone) — Comemorando o dia da Assunção de Nossa Senhora, o conselho administrativo da Fundação da Casa de Bragança, a que preside o dr. António Luís Gomes, mandou celebrar hoje, no Paço Ducal desta vila, uma missa solene. A' cerimónia — que começou ao meio-dia e foi presidida pelo sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Évora — assistiram as mais categorizadas entidades locais e vindas de Évora e de Lisboa, tendo pronunciado a homilia monsenhor Avelino Gonçalves, director do diário «Novidades».

Posse do novo reitor do santuário de Fátima

FATIMA, 15 — Numa sala do santuário, o sr. bispo de Leiria, D. João Pereira Venancio, deu ontem posse ao novo reitor daquele templo, mons. dr. António Borges.

Assistiram ao acto o pessoal dirigente do santuário e peregrinos.

NECROLOGIA

Comendador António Louçã de Morais Carvalho

RIO DE JANEIRO, 15 — Faleceu em Santa Teresa, com 74 anos, o comendador António Louçã de Morais Carvalho, comerciante e grande benemérito.

Nascido em Portugal, veio para o Brasil com 12 anos. Foi provedor jubilado da Irmandade da Candelária e mandou construir quase todos os edifícios novos que a Candelária possui. Criou um asilo para meninas em Teresopolis. Possuia as comendas do Cruzeiro do Sul, de S. Gregório Magno e de S. João de Latrão.

Deixa viuva a sr.ª D. Maria da Luz Lamego Carvalho. — (L.).

A ELECTRIFICAÇÃO

DAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE TRANCOSO

TRANCOSO, 15. — Entre a Camara Municipal e a Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela, foi lavrada uma escritura que alterou o contrato existente entre ambas. Pelas alterações introduzidas, torna-se mais fácil e mais breve a realização da electrificação das restantes freguesias do concelho que há muito tempo esperam tão importante melhoramento.

EM PROL DA FAMILIA

Sociedade Nacional de Habitações Económicas

S. C. R. L.

Aprovada pelo Ministério das Finanças por Alvará de 28 de Outubro de 1954

Rua Luciano Cordeiro, 113, 7.º, E. LISBOA

ENTREGA DE MORADIA

Efectua-se amanhã, domingo, pelas 15 horas, em Leiria, na Cruz da Areia (junto á Estrada Municipal Leiria-Barreira), a cerimónia da entrega da chave da moradia que esta Cooperativa ali mandou construir para o associado n.º 866, Ex.mo Snr. Aristides Soares da Silveira.

PARA ESTE ACTO CONVIDAMOS OS EX.mos ASSOCIADOS

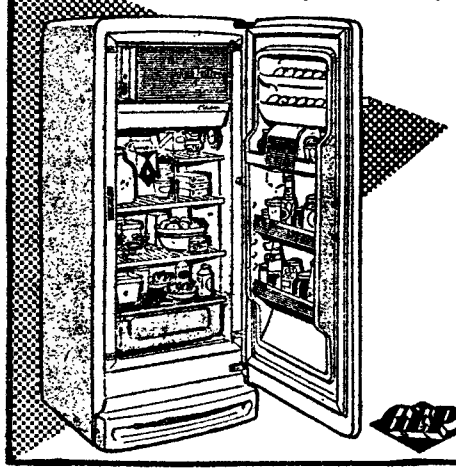
O SORTEIO DO CENTRO SOCIAL DE RUILHE E AVELEDA

realiza-se impreterìvelmente no dia 27 de Dezembro

Conforme autorização de Sua Ex.ª o Ministro do Interior, o sorteio com prémios no valor de 10.000 contos, a favor do CENTRO SOCIAL DE RUILHE E AVELEDA (Braga), que já construiu cerca de 200 casas para pobres, realiza-se no dia 27 de Dezembro.

GElado começa por GENERAL ELECTRIC

O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA



- FECHO MAGNÉTICO ETERNO
- MOTOR SILENCIOSO
- PRATELEIRAS METÁLICAS INOXIDÁVEIS
- GAVETA PARA VEGETAIS
- CONGELADOR A TODA A LARGURA
- PRATELEIRA PARA OVOS
- MANTEIGUEIRA

À VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM

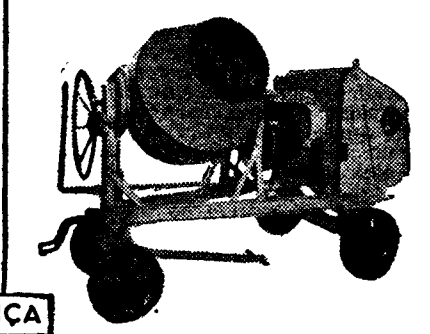
GUINCHO

DE 180 E 210 L[ts]

ACCIONADAS POR MOTOR

PETTER

DIESEL OU PETRÓLEO



A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

E FÁBRICAS VULCANO E COLARES

RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 5 — LISBOA — TELEFONES: 31710/8/9

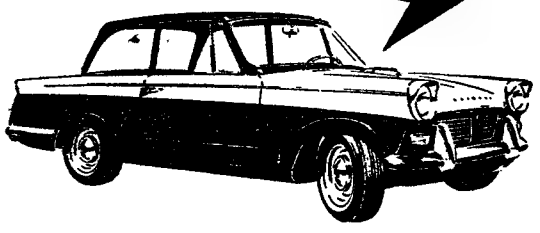
STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEIRÃO DO OURO, 38 — LISBOA — TELEF. 66 47 88

CHEGOU NOVA REMESSA!

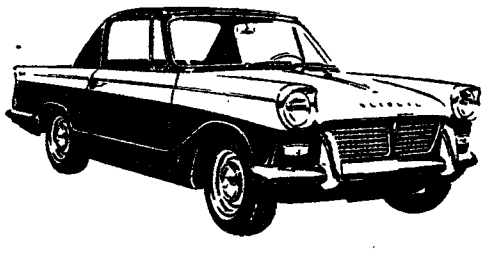
(PARA DISTRIBUIÇÃO) DE

TRIUMPH Herald

Uma nova sensação em automobilismo!



SALÃO



COUPÉ

INSCREVA-SE PARA A PROXIMA REMESSA

CONDE BARAÕ Lda

Av. 24 de Julho 62

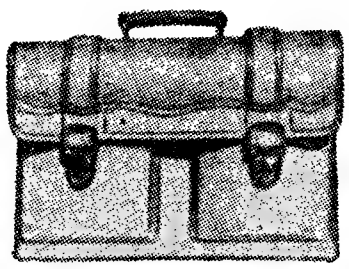
Av. Ant. Augusto Aguiar 21-C

LISBOA

STANPART

PEÇAS DE ORIGEM

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio

A. Comprido—R. Madalena, 97

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico

Coruche — Telefone 114

Pratos regionais

Caldeirada á Sorraia

Ensopado de Enguias

Lampreia com arroz á moda da casa

Filetes a Marisqueira

Lombo de Porco no Espeto

Frango de Caril á Coruja

Bifes de Vaca na Caçoila

Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

CAPITAL

Coloca s/ automóveis ou prédios em 1.as hipotecas nas melhores condições:

A FINANCIADORA

Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.

Sede em Lisboa na Av. da Liberdade, 3-2.º

Coimbra: R. Ferreira Borges, 15-2.º

Porto: Praça da Liberdade, 12-2.º

Em prédio acabado de construir

4 amplas div. assoalh. e rest. div. Rendas de 900$00 a 1.110$00. Ver Rua Marques da Silva, 33-39, Tem elevador.

FEIRAS, FESTAS E ROMARIAS A REALIZAR NO MÊS DE AGOSTO

BRAGANÇA — Festas da Cidade, em honra de Nossa Senhora das Graças, nos dias 20 a 23.

PÓVOA DE VARZIM — Festas a Nossa Senhora da Assunção, nos dias 14 e 15.

CACHÃO E RIBEIRINHA — Romaria á Senhora da Assunção, em Cachão, nos dias 15 e 16.

OLIVEIRA DE FRADES — Festas da Vila nos dias 15 e 16.

REGUENGOS DE MONSARAZ — Feira Anual, nos dias 15 e 16.

SINES — Feira Anual, nos dias 15 e 16.

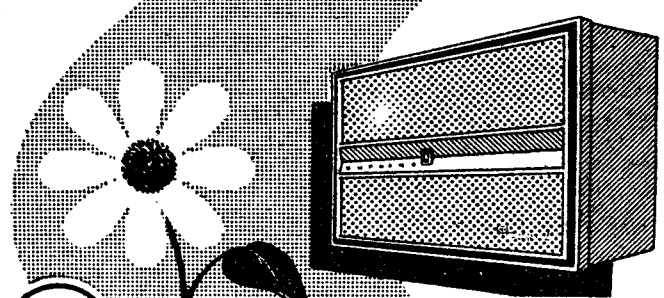
Pedir esclarecimentos:

na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio).

nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

Em ALMADA, na Tab. ARCADA, encontra-se á venda o «DIÁRIO DE LISBOA».

PRIMAVERA ETERNA EM SUA CASA!



ESCOLHA O CLIMA QUE MAIS LHE AGRADE, INSTALANDO...

RCA **Whirlpool** SUPREME

CONDICIONADORES DE AR DE ALTA QUALIDADE

TELECTRA — Empresa Técnica de Equipamentos Eléctricos S.A.R.L.

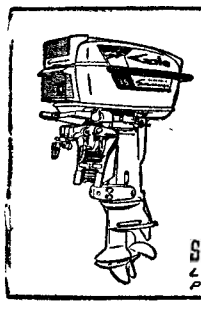
LISBOA PORTO

Quink está na base duma boa escrita

Quink, é a única que contém Solv-X — o mágico ingrediente que vai limpando a caneta à medida que escreve. Como medida de segurança use *Royal Blue Lavável* — que, como o seu próprio nome indica, desaparece ao lavar. Se pretende uma tinta absolutamente fixa, use Quink Permanente — que nunca mais desaparece.

CONTABILISTA

Falando e escrevendo fluentemente inglês, idade de 28 a 40 anos, com muita experiência de serviços administrativos, para importante empresa estrangeira, lugar de futuro para pessoa activa e competente. Guarda-se absoluto sigilo caso esteja empregado. Carta com «Curriculum vitae» e todas as referências a C. N. 6.756 — AGÊNCIA HAVAS, Rua do Ouro, 242 — LISBOA.



Gale

Buccaneer

MOTORES DE OUTBOARD

DE 3-5-12-25-35 HP.

ARRANQUE MANUAL E ELÉCTRICO

Distribuidores Exclus.

SOCIEDADE FRAMAR LIMITADA

LISBOA - RUA DE S. PAULO, 32 - T. 26034

PORTO - RUA DO BREYNER, 72 - T. 30812

XXV Aniversário da Federação Nacional dos Industriais de Moagem

Pelo Eng.º Agrónomo FERNANDO COSTA

Os industriais de moagem e a Nação estão de parabens. Completaram-se vinte e cinco anos que a Fenix renasceu das cinzas. A Federação Nacional dos Industriais de Moagem celebrou as suas bodas de prata.

Efectivamente há vinte e cinco anos, devido a várias circunstancias, esta industria de primeira necessidade encontrava-se em situação caótica, envolvida numa concorrência desleal e integrada por um numero elevadíssimo de unidades (pois chegaram a ser 240) que se digladiavam ferozmente.

Além do mais esta luta não satisfazia os magnos e superiores interesses do publico consumidor, que é, nem mais nem menos, toda a Nação.

Perante um tal estado de coisas, o Governo de então, secundado pelos moageiros verdadeiramente responsáveis, instituiu, a Federação Nacional dos Industriais de Moagem (F. N. I. M.), cuja primeira tarefa foi a de promover uma concentração industrial, por expropriação das fábricas excedentárias e até ao limite de 30 % da capacidade de laboração nessa altura instalada.

Tal política, que o homem da rua hoje considera corrente e normal, é, vista a vinte e cinco anos de distancia, um trabalho de verdadeiros pioneiros da economia industrial.

Hoje todos sabem que num país sem industria, como o nosso, uma das poucas possibilidades de fazer crescer o nível de vida está na concentração dos primórdios incipientes (passe o pleonasmo) das unidades industriais sem dimensão económica, que possuímos.

Ter posto em marcha uma tal política há vinte e cinco anos, antes ainda da governação publica ter promulgado a lei das reorganizações industriais (lei n.º 2005), honra os homens e os estadistas que nela intervieram.

A' F. N. I. M. cabem, pois, as honras de ter sido a executora inicial de uma política que hoje, por tão evidente, parece banal.

A F. N. I. M. apareceu nos derradeiros momentos oportuna para não deixar afundar uma actividade industrial que arrastaria consigo deficiências do abastecimento publico, a carestia do pão nosso de cada dia e talvez também, sabe-se lá, a desordem nas ruas. Isto se lhe deve. E' mister que isto se lhe agradeça na hora que passa.

A F. N. I. M. vale pela sua organização, pela disciplina que impôs num meio que não é estranho á cobiça e aos interesses mal compreendidos.

A sua maior virtude está nessa disciplina pois que o próprio sistema de quotas de rateio da matéria-prima que alguns poucos moageiros consideram como a pedra de toque da sua organização já era velho e usado quando da criação da F. N. I. M. Tal sistema já vinha de uma lei de 1899 e tinha sido reorganizado em 1922.

A' organização da F. N. I. M., em íntima colaboração com a Federação Nacional dos Produtores de Trigo, se deve a normalidade da produção passar durante os tempos difíceis da ultima conflagração mundial.

Os vinte e cinco anos de altos serviços prestados á Nação pela F. N. I. M. merecem que confiadamente se deixe aqui expresso um voto. Tal será que a mesma organização continue a servir o publico a moagem e a Nação.

Esperamos que as entidades responsáveis e o órgão corporativo da moagem levem por diante o completamento da política iniciada há vinte e cinco anos neste ramo industrial e consigam dotar esta actividade fabril de unidades da melhor dimensão técnico-económica no sentido da ampliação do nível de vida nacional.

Estamos certos de que os vinte e cinco anos agora completados são sobeja garantia de que a Nação poderá continuar a confiar na F. N. I. M. Assim seja.

VIDA ARTÍSTICA

Exposição de Attila Mendly de Vetyemy

FIGUEIRA DA FOZ, 15 — (Pelo telefone) — Inaugura-se amanhã, nos salões do Casino Peninsular, a exposição do artista Attila Mendly de Vétyemy. De Vétyemy, de nacionalidade hungara, que vive em Portugal há muito tempo, enamorou-se da paisagem ribatejana, nomeadamente da lezíria benaventense, talvez por recordar com saudade a grande planície do seu país de origem. As suas telas, na sua grande maioria, mostram-nos Benavente e seu arredores, numa esfuziante magia de luz e cor. Por isso, o Município benaventense patrocinou esta exposição, que vai, com certeza, constituir, nesta ocasião do ano, um cartaz aliciante para os numerosos estrangeiros que aqui se encontram.

Um pintor francês expõe na Nazaré

NAZARÉ, 15.—Nas salas da Comissão de Turismo, o pintor francês Paul Girol tem patente uma exposição de quadros e desenhos, todos com motivos da Nazaré. Tem atraído muitos visitantes, bem impressionados especialmente pelo toque de alegria que o artista soube dar aos seus quadros e pelo uso criterioso da cor.

Festival espanhol no Casino Estoril

Está a despertar grande interesse o festival espanhol que se realiza na segunda-feira, ás 18 horas, no Casino Estoril, gentilmente cedido pela sua direcção, em benefício das futuras cantina e escola destinadas aos ciganitos portugueses pobres da Costa do Sol.

Nesta festa, a que podem assistir maiores de 12 anos, apresentar-se-ão as duas distintas artistas Matilde y Pilar, com lindas e escolhidas canções do seu reportório, as quais serão acompanhadas á guitarra espanhola e ao piano.

Serão, ainda, exibidos dois interessantes filmes: o magnífico documentário colorido «Danças seleccionadas espanholas» e a nova versão a cores de «A irmã San Sulpício».

As entradas, ao preço de 20$00, podem ser pedidas para o Casino ou pelos telefs. 06.14.65 e 06.14.75.

UMA ESTRADA em mau estado

Continua em estado deplorável a estrada de ligação com o lugar de Cobre, da freguesia e concelho de Cascais, para onde dificilmente se deslocam as numerosas pessoas que ali habitam todo o ano ou, durante o Verão, passam as suas férias naquela localidade.

A referida estrada, cujo alcatroamento há muito se impõe, necessita, ainda, de valetas e outros arranjos.

Está patente ao público

o projecto do 3.º Orçamento Suplementar da Camara Municipal de Lisboa

Foram publicados editais, pela Camara Municipal de Lisboa, avisando os eleitores ou contribuintes que se encontra patente, durante 8 dias, na 1.ª Repartição da Direcção dos Serviços de Finanças, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, o projecto do 3.º Orçamento Suplementar para o corrente ano.

Jogos florais e Festa das Vindimas

CURIA, 15 — Teve o melhor acolhimento a iniciativa do Curia Palace Sports Clube, promovendo os XV Jogos Florais da Curia, integrados nas «Grandes Festas das Vindimas».

Aos Jogos Florais da Curia só podem concorrer quadras inéditas sobre os temas «Vindimas» e «Belezas da Curia» em numero não superior a dez de cada um deles. Um juri escolherá dez quadras de cada tema, de entre as quais o publico classificará, por meio de votos, durante a festa nocturna que se realizará nas Piscina-Praia, três de cada tema, a que corresponderão os três primeiros prémios. Aos autores das dez quadras, tanto de um como de outro concurso, será conferido um diploma pelo Curia Sports Clube.

As «Grandes Festas das Vindimas» compreendem, ainda dois concursos cheios de pitoresco: o de «Chapéus ornamentados» e o de «Vestidos de algodão», que costumam reunir elevado numero de concorrentes e para os quais há valiosos prémios.

As produções para os Jogos Florais, devem ser dirigidas, segundo o regulamento, em carta fechada até ás 24 horas do dia 20 do corrente, ao Curia Palace Sports (Jogos Florais), Curia.

Vida musical

Pianista portuguesa que triunfa na Alemanha

A pianista Olga Prats, que há dois anos se encontra na Alemanha como bolseira da Fundação Gulbenkian, trabalhando actualmente com o prof. Karl Seemann, acaba de chegar a Lisboa, no gozo de curtas férias, tendo encerrado esta época a sua actividade artística com dois concertos efectuados em 2 e 5 do corrente, no imponente e histórico palácio dos condes de Schönborn, integrados nos Festivais Musicais de Pommersfelden.

Naquela semana musical, Olga Prats iniciou os festivais com o «Concerto» em ré menor, para piano e orquestra, de Mozart, dirigida pelo maestro Richard Engellerecht, e, de tal maneira, que além do agrado unanime de um publico que enchia a sala, o crítico do jornal de Bamberg «Frankischer Tag» se refere nos seguintes termos á sua actuação: «A parte solista foi preenchida pelo «amado» Concerto em ré m., para piano e orquestra, de Mozart. Foi interpretado por Olga Prats com uma técnica limpa, brilhante sob o ponto de vista de sonoridade, sobretudo nas cadências, onde ela se sentia livre de problemas ritmicos! Uma execução marcante, permitindo prever uma carreira que se desenvolverá brilhantemente».

No dia 5, na sua segunda actuação, a nossa jovem pianista, tocou a «Sonata» de Brahms, com a violinista M. Pillney, e a «Sonata» op. 81-a, de Beethoven, para piano solo, voltando a obter um tão grande êxito, que foi obrigada a tocar vários extras.

PIANOS
Alugam-se
Verticais e de Cauda
CUSTODIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
Rua do Carmo. 11

EM **VALE DE LOBOS**
A CURIA DE LISBOA
HOJE, ÀS 22 HORAS
Um acontecimento mundano «passagem de modelos»
NELSON
O **DIOR** PORTUGUÊS APRESENTA
Com o costumado êxito algumas das suas criações para **ALTA COSTURA**
Os seus manequins que têm entusiasmado o público, interpretam bem o espírito artístico e criador de **NELSON.**
Reservam-se mesas pelos telefones 094846 e 094843
HOTEL VALE DE LOBOS
Colabora o conjunto TONY DOMINGUEZ que executará música de dança. (M/ 17 ANOS)

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 5.ª página)

é o título definitivo da revista que depois de amanhã se começa a ensaiar no Teatro ABC.

No Monumental

continua em cena «O baile»

No Teatro Monumental, continua em cena a peça de Edgar Neville, «O baile», numa magistral interpretação da artista Laura Alves, tendo a seu lado dois dos melhores galãs da cena portuguesa, Rui de Carvalho e Paulo Renato.

«O baile», peça cor-de-rosa, cheia de graça, espírito e romantismo, foi assinalada pela crítica de toda a Imprensa diária com os melhores elogios.

«O baile» representa-se no Teatro Monumental a preços de Verão.

Primeiras exibições

«Os mistérios de Paris», no Politeama

Do mesmo modo que o «western» para os Americanos, a França tem na literatura folhetinesca do século XIX um inesgotável manancial de argumentos de que o filme, estreado ontem no Politeama, constitui um marco importante. Quase tão famoso, na sua época, como o «Rocambole» de Ponson du Terrail, «Os Mistérios de Paris» decorrem num ambiente de peripécias constantes: raptos, filhos que descobrem a identidade dos pais, fiacres disparados a toda a velocidade, vinganças de evadidos, histórias de príncipes e mendigos, enquadradas no cenário de bairros imundos.

O espectador exigente sorrirá, ao deparar com a «receita» habitual do folhetim. Porém, é muito provável que saiba descortinar o seu encanto, hàbilmente aproveitado pela realização de Fernando Cherchio, que proporciona duas horas de acção variada, por vezes empolgante, prendendo a atenção do espectador mais descrente da obra de Eugène Sue.

Por outro lado, estão de parabéns os apreciadores de filmes deste género. Prevemos uma carreira longa e triunfal para «Os Mistérios de Paris».

Na interpretação, salientam-se Frank Villard e Sorella de Luca.

Complementos agradáveis preenchem o programa. — *Visor 27.*

«Viena, cidade dos meus sonhos», no Eden

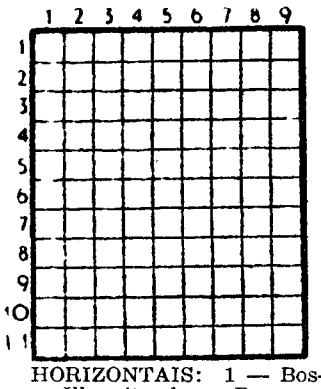
Viena serve de cenário á encantadora comédia estreada ontem no Eden. A cidade-encanto surge, logo de início, numa sequência original de imagens, preparando o espectador para o resto do filme. Esta *pré-disposição* da assistência era, aliás, desnecessária, pois a maioria segue com agrado o desenrolar de uma história bem estruturada e melhor cinematizada.

O soberano de um país imaginário, vai visitar Viena, acompanhado por sua filha, desejosa de identificar a cidade dos seus sonhos. Durante a sua estadia em Viena, o rei é deposto e vê-se obrigado a aceitar o lugar de motorista na própria legação do seu país. Entretanto, a jovem ex-princesa apaixona-se por um pianista-compositor que, como não podia deixar de ser, tem á sua frente um futuro prometedor, reflecto de êxitos. Por fim, o ex-rei regressa, para desempenhar as funções de chefe de Estado, pois o seu povo assim o quer. Entretanto, o argumento proporciona cenas de apreciável comicidade e o diálogo, por vezes mordaz, é uma crítica sorridente aos ex-reis que vivem por essa Europa fora.

Entre os complementos, exibiu-se um documentário português, a cores, sobre Aveiro.—*Visor 25.*

Palavras cruzadas

NOVA MODALIDADE
Problema n.º 3735



HORIZONTAIS: 1 — Bosque. Ilha situada no Pequeno Belt. 2 — Cidade da Suiça, onde foram assinados importantee tratados internacionais. 3 — Nociva. Preposição e artigo. 4 — Ilha francesa perto de Marselha. Preposição. Nesse lugar. 5 — Rio de Portugal que passa nas Caldas da Rainha e deságua na Lagoa de Óbidos. Antiga armadura para a cabeça. 6 — Fileira. Preposição e artigo (pl.). 7 — Também. Maior. 8 — Espíritos. 9 — Prefixo de negação. Prefixo que designa ar. Levar a. 10 — Camareira. Salário de soldado. 11 — Dariam marradas.

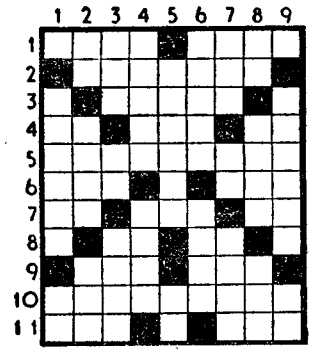
VERTICAIS: 1 — Bairro de Lisboa. Remam para trás. 2 — O mais. Discursa. Dá mios. 3 — Som. Derrote. Céu. 4 — Eventualidade. Pronome pessoal. 5 — Cidade santa da Arábia. 6 — Fio metálico. Oceano. 7 — Divisão do tempo. Reino da Federação Indo-chinesa a O. do Vietename. Letra grega. 8 — Letra grega. Paixão. Cólera. 9 — Irmãos da mãe. Sulquem.

Solução do problema n.º 3734

HORIZONTAIS: 1 — Carregado. 2 — Assar. 3 — Ris. Uva. 4 — Má. Fim. IV. 5 — Ramal. 6 — Carumas. 7 — Pã. Olá. Os. 8 — Avô. Ema. 9 — Rala. Anal. 10 — Anula. 11 — Aí. Ama. Dó.

VERTICAIS: 1 — Carme. Parma. 2 — Ia. Cava. 3 — Rás. Rã. Olá. 4 — Rs. Faro. Ana. 5 — Estímulo. Um. 6 — Ga. Mama. Ala. 7 — Aru. Lá. Ena. 8 — VI. Soma. 9 — Olavo. Salmo.

Problema n.º 1686



HORIZONTAIS: 1 — No lugar em que. Parte do boné. 2 — Parte do Mediterraneo ocidental entre a Itália e a Córsega. 3 — Chegara. 4 — Símbolo químico do bário. Nome dado a D. Rodrigo de Bivar, que conquistou Valência. Figura. 5 — Acometimento. 6 — Recusa. Compareciam. 7 — Nesse lugar, abreviatura de Santíssimo Sacramento. Freguesia do concelho de Valdevez. 8 — Existe. Artigo definido (ant.º). 9 — Monarca. Moeda japonesa. 10 — Amarrasses as velas. 11 — Guarneço de asas. Pronome demonstrativo. Estime.

VERTICAIS: 1 — Sacudir. Nota musical. 2 — Símbolo químico do tungsténio (inv.). Lavrai. Rente. 3 — 504 em romano. Letra grega. Sacerdotiza de Vénus que foi amada por Leandro. 4 — Encrespe. Partir. 5 — Reumas. Preposição e artigo. 6 — Sofre perda. Algarismo. 7 — Nome de mulher. Nota musical. Ofende. 8 — O lado do vento. Pegas. Também não. 9 — Perfumes. Pronomes reflexo.

HORIZONTAIS: 1 — Gafa. Pata. 2 — Aros. Iria. 3 — Gramara. 4 — Bem. Ura. 5 — Olas. Emas. 6 — DO. Xá. 7 — BOM. CIV. 8 — Fá. Até AC. 9 — Oran. LOGO. 10 — Geodesias. 11 — Osso. Aaro.

VERTICAIS: 1 — Gá. BOM. FOGO. 2 — Argel. Bares. 3 — Formado. Aos. 4 — Asa. Somando. 5 — Má. 6 — Pia. Excelsa. 7 — Arrumai. Oiã. 8 — Tiara. Vagar. 9 — Aa. Asi. Coso.

Provérbio: Do bem logo bom fogo.

Diz o medico...

(Continuação da 1.ª página)

do da angústia; sentir a transmutação e a graça; ascender até ao milagre da completa realização interior.

Que é o riso senão o movimento vital, espontâneo e em dois sentidos- imprescindível à existência? Trata-se, em final de cena, da solução inconsciente de uma ambiguidade. Rir é vencer, conquistar, adicionar vitórias, triunfar, emprestar de novo realidade às lápides que o tempo mutilou em seu desejo de perfeição.

Rir não é só uma convulsão expiratória tónica e clónica, descompressão explosiva, que a um tempo satisfaz «soma» e alma, exuberância vital; válvula natural de todas as repressões, descarga necessária às vias respiratórias e aos nervos contraídos, sem intervalos espaciais, pausas compensadoras.

Muitas vezes, a espaços condicionados, traduz uma apreciação crítica, a expulsão de um obstáculo que aflige, protesto simbólico ou real, perdão de uma falta sem consequência.

Assim, o riso é essencial (movimento vital), vitória ou desejo de expulsão, atitude escalpelante, escolha e arrumo, participação e descarga, bem-estar físico e solução achada, fuga da ambiguidade, encontro entre o real e o irreal, morte-vida, sentido e ausência de sentido. Todos estes sentimentos podem albergar-se, fixar-se no parêntese dos lábios, moldura natural de outros sentimentos ainda mais profundos, ligados a situações ambíguas, a becos-sem-saída, a atitudes paradoxais, a obcecações, fobias, incerteza, insegurança, vontade de ser ou não ser ao mesmo tempo, desejo e receio do objecto amado.

O homem que possui uma vida intelectual intensa, sonhador impenitente, necessita de estímulo, de ser empurrado, accionado, carreado na própria via do sonho e da criação. Só no diálogo se estabelece o círculo do prazer e do entendimento

O amor inteiro, entrega total, abandono dos sentidos, corpo hirto e túmido de prazer, impõe pensamentos sadios, que não têm em si sentido de destruição.

Que significam a ironia ou as palavras que escalam, mascaram e encobrem dramas, pequenas e grandes tragédias, situações penosas, de angústia, mortificadoras? Noutras palavras: desejo de agressividade. Quantas e quantas vezes, as ironias escondem lágrimas que não se podem verter, lágrimas que secam ao nascer, deixando cicatrizes de fogo!

O humorista é o outro, o que se ri de si próprio, desligado das coisas, sulcando, porém, a vida amargurado e triste. Sofre. O humor entrelaça-se nas crises.

Possui em si, o humor, qualquer coisa de sublime. Representa o triunfo do narcisismo (Freud); enganadora e ilusória invulnerabilidade do «eu» que tem constantemente necessidade de se apresentar e afirmar vitorioso. Representa, ainda, a necessidade de ultrapassar realidades destorcidas. Ora, quando essa pressão se torna permanente, se vincula à personalidade, deturpando-a e desviando-a do sentido natural, a explicação, é outra. Trata-se de um aspecto fundamental do delírio.

Curioso se torna verificar que estas situações patológicas têm flagrantes semelhanças com as atitudes paradoxais dos humoristas.

Estes fazem rir sistemáticamente. O paranóico provoca o riso sem o desejar, tornando-se ridículo. O humor entrelaça a realidade com a «de-realização». Talvez equilíbrio difícil pressuponha ultrapassar uma realidade penível.

Será humor o sofrimento dos paranóicos? Não é, não pode ser. O povo, soerguendo, sem o saber, lições do que ficou através de milénios de cultura erudita, lá tem as suas razões quando diz: «Rir até à loucura» ou «Escancarou-se a rir».

Terá o riso relações com o sonho e o inconsciente? Em que profundidades nasce a palavra que faz rir e o sentimento que entreabre os lábios sem esforço de maior?

São problemas que, em seu mecanismo íntimo, ainda hoje fazem pensar. Constituem enigmas para os biólogos emancipados e para os psicólogos, aliados no vasto campo das lucubrações.

Existe acentuado paralelismo entre o processo de elaboração do humor e do sonho. Humor e sonho inconsciente vivem paredes-meias. O humor nasce súbita e involuntàriamente. Ignora-se o momento de sua criação, assim como a qualidade e a matéria do fulminante que ocasiona a detonação.

Hipótese aceitável é a de Freud: possível queda de tensão intelectual. A elaboração seria, em parte, semelhante à do sonho.

Freud, caminhando cautelosamente no labirinto dos espaços intelectuais, no dizer apropriado de Simone de Beauvoir, estabelece a diferença, a fronteira que separa o «espírito inofensivo» e o «espírito tendencioso. O primeiro traduz prazer infantil, vontade de agir e saltar, adivinhar o sol tisnado de verde nas folhas hirtas dos pinheiros; o segundo significa libertação de um obstáculo, fuga da opressão. Mascara desejos sexuais reprimidos ou agressivos. É amargo, céptico, cínico e hostil.

A destrinça, quando se está desprevenido, alheio ao caso, longe, indiferente, nem sempre é fácil de estabelecer.

O «cómico» representa aspecto novo a encarar. Nada tem a ver com o riso, o humor, o espírito, o sonho, o encontro entre o real e o irreal. O cómico procura evitar o absurdo.

Vale a pena acentuar que entre o riso e a angústia existe uma distância mínima.

O homem que ri trilha — verifica-se tal facto todos os dias — destino incerto e doloroso. Contém, em si, a angústia da morte total. Aqui, no caminho do além, juntam-se e aliam-se as filosofias da ambiguidade, do mistério e do silêncio.

Esta talvez seja a razão por que certas imagens, determinados instantes, se fixam e ficam a actuar para sempre dentro de todos nós — para sempre até ao fim do Mundo

A atitude prudente seria «permanecer aquém»: não sofrer...

A. d'E.

Duas cartas

sobre a lotaria

Do sr. Feliciano Luz Cartaxo, revendedor de lotarias na Malveira (Oeste), recebemos, com o pedido de publicação, uma carta, na qual nos diz:

«Muito grato pela estima que sempre tem dedicado á lotaria e aos seus pobres vendedores, e em referência á notícia do vosso jornal de 7 do corrente, intitulada «Não há crise na lotaria», esclareço que a referida crise não é na lotaria, mas sim nos seus pequenos vendedores, pois todos, ou quase todos vendem agora menos e mais mal vendido do que quando a lotaria estava boa. Se os cambistas informassem a Santa Casa do que os seus agentes e cauteleiros lhes dizem, talvez a lotaria não chegasse ao que chegou, pois a Santa Casa, afinal não tem culpa nenhuma do que se está passando, mas sim quem dá informações erradas, o que eu afirmo com dados seguros.

Alguns cambistas esquecem-se que, defendendo os interesses dos cauteleiros, defendem, automaticamente, os seus, o que não têm feito, pois têm informado a Santa Casa das suas ideias pessoais e não do que ouvem aos seus agentes e cauteleiros, que são quem sabe melhor a vontade do publico consumidor.

Em Outubro, vamos ter um plano de lotaria já muito melhor, o qual é em grande parte igual ao que enviei á Misericórdia, a quando das assinaturas a que há dias me referi. Só é pena que o primeiro prémio não seja mais pequeno e as centenas não sejam maiores; mas, como está, já é muito bom, e devagar se irá ao longe.

Em nome de toda a grande família que vive da lotaria e da Santa Casa da Misericórdia, a mais bela instituição de beneficência do nosso País, sinceramente muito agradeço a publicação desta carta».

Sobre o mesmo assunto, recebemos, da direcção do Grémio Nacional das Casas de Cambios, a seguinte informação:

«O nosso Grémio nunca foi ouvido sobre planos de lotaria, nem nenhuma razão haveria para isso, pelo facto de, embora alguns dos nossos agremiados se dediquem a esse negócio, a sua tutela pertencer ao Grémio Concelhio dos Revendedores de Lotaria».

HOTEL

Gerente ou Director, competente. Cartas ao jornal ao n.º 481.

ACTUALIDADE DO ULTRAMAR

(Continuação da 1.ª página)

cias indicam não se dever, a tal respeito, perder tempo. Com efeito, há forte probabilidade de podermos vir a ser confrontados, a não muito longo prazo, com situações que podem pôr em jogo sagrados interesses da Nação. E, nessa altura, o sucesso dependerá, em boa parte, da capacidade com que o Exército for capaz de cumprir as missões que lhe sejam então cometidas, ou, por outras palavras, da sua real eficiência e da sua verdadeira força espiritual. Nestas circunstancias, meus senhores, é indispensável que aproveitemos bem o tempo para criar e montar a organização adequada, para aperfeiçoar os nossos métodos de trabalho, para treinar as forças exigidas pelas missões a cumprir, para afeiçoar os espíritos ás realidades que nos envolvem ou podem envolver e, acima de tudo, para empolgá-los nas actividades que urge executar, com a alma de soldado, com a alma cheia de verdadeiro e nobre ideal».

Estas plavras, proferidas com a serenidade confiante de um chefe militar que sabe medir as responsabilidades do seu alto cargo, valem pelo que em si contêm, pelo significado que não pode deixar de se lhes atribuir, e não se prestam a duas interpretações. Não se pode ocultar ou iludir a gravidade de que se revestem. Há que interpretá-las sem temor, mas com a verdadeira consciência das realidades que traduzem.

No regresso da viagem que fez ás províncias portuguesas da África Ocidental, o subsecretário do Exército declarou, por sua vez, que estará concluida em breve, dentro dos planos elaborados, a reorganização das forças estacionadas no Ultramar e mostrou-se satisfeito com os resultados obtidos e com a cooperação que por toda a parte lhe foi dada pelas entidades para tal solicitadas.

A recente viagem do sr. almirante Lopes Alves a Angola e Moçambique terá constituido, por certo, outro meio valioso de informação acerca da actualidade, cada vez maior, de certos problemas ultramarinos que esperam soluções rápidas e adequadas. De todos os lados se afirma, e as próprias declarações oficiais o traduzem, que não há tempo a perder. Todos os esforços se congregam, estamos certos disso, para que se perca o menos tempo possível e, sobretudo, para que se recupere sem demora o tempo perdido. Eis a tarefa que se impõe á Nação, ao Exército como ao funcionalismo civil, ao industrial como ao agricultor, ao médico como ao engenheiro, a todos aqueles que têm responsabilidades de comando ou que precisam apenas de saber obedecer. Mas que mande quem saiba, para que possa obedecer, com proveito e eficiência, quem deve.

O mais acreditado dos frigoríficos alemães. Pequeno por fora mas com grande capacidade interna. Porta totalmente aproveitada com prateleiras e manteigueiras.

Gavetas para vegetais, luz automática, chave na porta funcionamento absolutamente silencioso, consumo insignificante de corrente, 5 anos de garantia.

MODELO DE 150 LITROS - ESC. 6.500$00
MODELO DE 200 LITROS - ESC. 7.950$00

PARA PAGAMENTO A PRONTO, PREÇOS RIGOROSAMENTE FIXOS EM TODO O PAIS

EM LISBOA CONCEDEMOS GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO PELO PLANO DAS C.R.G.E. - PARA A PROVÍNCIA TEMOS TAMBÉM OUTRAS MODALIDADES DE PAGAMENTO. COMPRE A PREÇOS FIXOS PORQUE COMPRARA MAIS BARATO E... MAIS HONESTAMENTE

ANTES DE COMPRAR O SEU FRIGORÍFICO ESTE ANO, DÉ-NOS O PRAZER DA SUA VISITA. COM MUITO GOSTO DAREMOS TODOS OS ESCLARECIMENTOS SEM QUALQUER COMPROMISSO.

VEJA TODOS OS OUTROS, COMPARE PONTO POR PONTO E DARÁ A SUA PREFERÊNCIA AO **LIEBHERR**

O MELHOR FRIGORÍFICO ALEMÃO

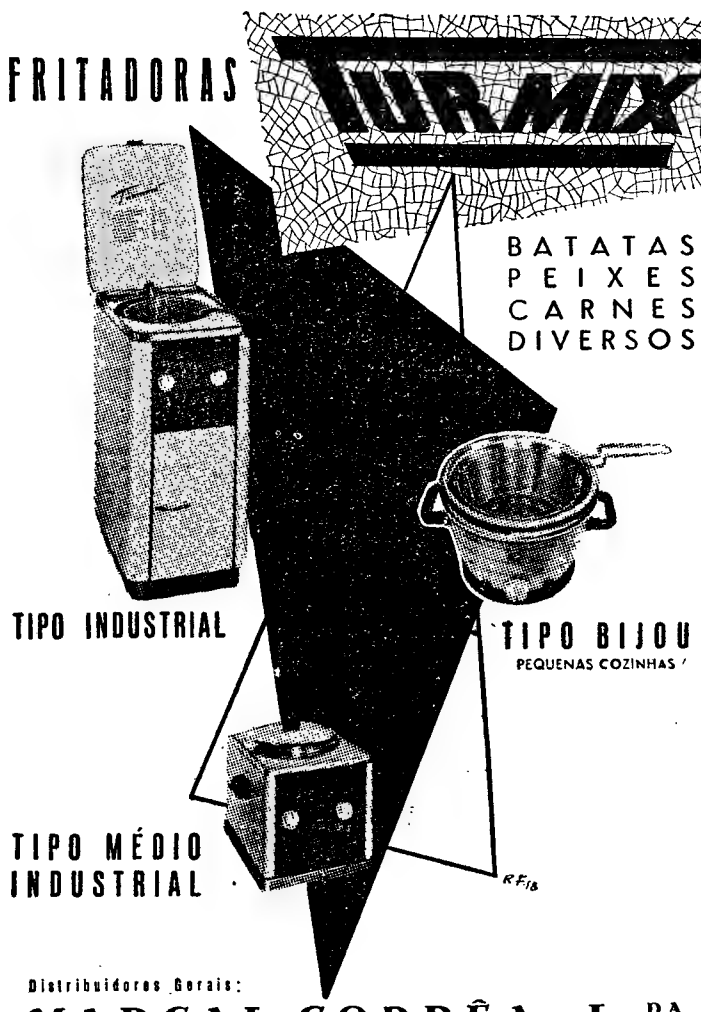
Representantes:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45, Tel. 59181-2-3 • LISBOA

DELEGAÇÃO DE COIMBRA:
Av. Fernão de Magalhães, 32 - 2.º

FRITADORAS TURMIX



BATATAS
PEIXES
CARNES
DIVERSOS

TIPO INDUSTRIAL

TIPO BIJOU
PEQUENAS COZINHAS

TIPO MÉDIO INDUSTRIAL

Distribuidores Gerais:
MARÇAL CORRÊA, L.DA
RUA SERPA PINTO, 15, 5.º ESQ.º (Ao Chiado — Tem elevador)
TELEFONE 26076 LISBOA — PORTUGAL

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava no dia 15 de Agosto, na primeira página, a seguinte nota relativa á demissão do sr. dr. Trindade Coelho: «Tendo o Ex.mo sr. dr. Trindade Coelho atribuido a uma deficiente acção policial o ter podido realizar-se a manifestação do dia 11 no cemitério dos Prazeres, a qual Sua Ex.ª considerou como um agravo pessoal, embora efectuada com o pretexto de glorificar a memória de seu pai, e não desejando o mesmo Ex.mo sr. aguardar o resultado do inquérito a que se está procedendo, solicitou ao Ex.mo sr. presidente do Ministério a sua demissão do cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros, a qual lhe foi aceite por Sua Ex.ª o sr. presidente da Republica».

EFEMÉRIDES

No dia 15 de Agosto de 1914 caiu Liége em poder dos Alemães.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Às 19, Noticiário e danças; 18 e 40, Rádio Rural; 21, Noticiário; 23 e 45, Noticiário; 0, Fecho.

Programa «A» — Às 19, Trechos em piano; 19 e 15, Emissão infantil; 19 e 45, A Orquestra de Bert Laempfert; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica de «jazz»; 20 e 30, Album musical; 21 e 15, Canções de Itália; 21 e 30, Ritmos sul-americanos; 21 e 45, Serão para trabalhadores. No intervalo: Terras de Angola; 23 e 30, Danças.

Programa «B» — Às 19, Temas portugueses; 19 e 10, Primeiro programa da série «Transmissão integral dos Concertos Brandeburgueses de Bach»; 19 e 32, «Duas obras», de Bela Bartok; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Segundo programa do Festival de Sibelius deste ano, realizado em Helsinquia; 20 e 30, Sonata op. 11, n.º 3», para violoncelo e piano, de Paul Hindemith; 21 e 30, Concerto, pela Polyphonia, dirigido pelo cantor-mor Mário de Sampaio Ribeiro; 21 e 55, Tempo de poesia; 22 e 10, Ciclo A Sonata: «Sonata em sol menor e em ré maior», de Scarlatti; 22 e 20, Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45, Que quer ouvir?: Haydn, e «Valsas Nobres e Sentimentais», de Ravel; 23 e 45, Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — Às 18, Teatro de brincar; 18 e 15, Jornal feminino; 19, Orquestras; 19 e 15, Conjuntos; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Orquestras e canções; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Ritmos de baile; 22 e 15, Solistas; 22 e 30, Cantares de Espanha; 23, Concerto; 23 e 30, Contos, humor e fantasia; 23 e 45, Noticiário.

Emissor de Miramar — Às 18, Ritmos de baile; 18 e 30, Cantos e recantos de Portugal; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 30, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Ray Colignon; 21 e 45, Brasil; 22 e 15, Intervalo musical; 22 e 30, Programa de concerto; 23 e 30, Variedades; 0, Baile; 0 e 28, Sumário; 0 e 30 Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 21, abertura; 21 e 2, «O que vai pelo Mundo»; 21 e 10, encontro com Philippe Soupault; 21 e 25, Trio Odemira; 21 e 45, «Tele-desporto — programa semanal de actualidade desportiva»; 22 e 5, concurso de provérbios populares; 22 e 6, «Convite para ouvir Maysa», com Maysa Mattarazzo; 22 e 25, «A menina Luísa», de Jean Levaseur, adáptada por Alvaro Martins; 22 e 55, «Jornal R. T. P.»; 23 e 15, a 22.ª Volta a Portugal em bicicleta; 23 e 30, encerramento da emissão.

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 16 — 2 e 19 (3,76 m.); 14 e 38 (4,03 m.).

Dia 17 — 3 e 8 (3,96 m.); 15 e 30 (4,24 m.).

BAIXA-MAR

Dia 15 — 19 e 47 (1,17 m.).

Dia 16 — 8 e 6 (1,15 m.); 20 e 38 (0,97 m.).

Dia 17 — 8 e 50 (0,96 m.); 21 e 24 (0,79 m.).

FESTAS ASSOCIATIVAS

Além das festas já anunciadas para esta noite, haverá também um baile, na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, na Rua Silva Carvalho, 225.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15 á Avenida Gomes Pereira, 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Roma—Avenida de Roma, 85-B, Tel. 772466; Lusitana—Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência—Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034; Sagres—Av. Luís Bivar, 69-71 Tel. 47213; Latina Av. António Agusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Sá da deira, 36, Tel. 41961; Fonseca—Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade), 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel. 661251; Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220, Tel. 21342 — A —; Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — A's 16 horas e 21 e 45 — «O baile».

COLISEU — A's 16 horas, 20 e 45 e 23 — «Há feira no Coliseu!».

CINEMAS

TIVOLI — «Dois diabos em férias».

S. LUIS — «A epopeia de Dunquerque».

S. JORGE — «Forte massacre».

IMPÉRIO — «A confissão de Ina Kahr».

MONUMENTAL — «Adeus, Mr. Chips».

EDEN — «Viena, cidade dos meus sonhos».

POLITEAMA — «O abominável homem das neves».

ODEON — «Viagem de noivos».

CONDES — «Mistérios de Paris».

ALVALADE — «Aliança de aço».

AVIS — «Nunca digas adeus».

CAPITOLIO—(No terraço)— «Tambores ao longe».

RESTELO — «O segredo do culpado».

OLIMPIA — «Aldeia em fuga».

PAVILHÃO — «Totó e as notas falsas».

JARDIM — «Férias em Paris».

IDEAL — «Hércules».

ESPLANADA PORTUGALIA— «10 dias de pesadelo».

CAMPOLIDE — «A mão esquerda de Deus».

S. JOSE' (Sacavém) — «A vingança de Kit Carson».

A semana do contribuinte

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento, durante o corrente mês, com juros da mora, os seguintes:

Contribuição Industrial. — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a segunda, terceira e quarta prestações dos divididos em quatro; a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Contribuição Predial. — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a segunda, terceira e quarta prestações dos divididos em quatro; a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Imposto Profissional. — Profissões Liberais e Assalariados. — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a segunda, terceira e quarta prestações dos divididos em quatro; a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Imposto Profissional — Empregados. — A segunda prestação semestral.

Imposto Complementar. — Todo o imposto se a importancia liquidada for inferior a dois mil escudos, ou a primeira prestação quando de quantia igual ou superior a esta importancia.

TAXA MILITAR. — A anuidade do ano de 1959 que não foi paga até ao fim do mês de Maio, com taxa simples, isto é de sessenta escudos, pode ser liquidada este mês e até ao fim do ano corrente com a taxa elevada ao dobro posto o que relaxará, sendo então paga com custas e selos do processo.

IMPOSTO COMPLEMENTAR. — *Reclamações e Recursos.* — Contra o lançamento e liquidação deste imposto podem os contribuintes reclamar e recorrer nos termos e prazos estabelecidos no decreto n.º 16.733, de 13 de Abril de 1929 e legislação complementar subsequente.

As reclamações são apresentadas nas secções de finanças liquidadoras do imposto, no prazo de noventa dias a contar do dia imediato, inclusive ao da abertura dos cofres para a cobrança do imposto.

IMPOSTO DE INCENDIOS. — O lançamento deste imposto camarário, referente aos prédios urbanos, esteve patente ao exame dos interessados até ao dia oito do corrente mês de Agosto, tendo podido ser reclamado administrativamente até aquela data, isto é verbalmente, mediante demonstração do erro praticado e a rectificar. Expirado que foi aquele prazo as reclamações só poderão ser feitas por via contenciosa nos termos do artigo 732.º do Código Administrativo.

Pagamento. — O pagamento deste imposto é feito durante o mês de Agosto corrente, podendo, todavia, ser também pago nos sessenta dias seguintes com juros da mora. Terminado este ultimo prazo a cobrança será feita coercivamente.

Vida social

PRÍNCIPE FRANZ JOSEPH II

Regressou ao seu país, acompanhado de sua esposa e filhos, o príncipe Franz Josph II, regente de Lichtenstein, que esteve alguns dias em Portugal, como hóspede dos condes de Paris.

EMBAIXADOR DO JAPÃO

Pelo advogado e nosso colaborador sr. dr. Vasconcelos Carvalho e esposa, foi oferecido um banquete ao sr. dr. Yuzo Isono, embaixador do Japão, esposa e filha, ao qual também assistiram os srs. Arieh Miron, consul-geral de Israel, e esposa, Eduardo Cohen e esposa, dr. Horácio Garcia, secretário da embaixada do Japão, etc.

MÁRIO DE NORONHA

De regresso de Angola e Moçambique — onde foi visitar os seus filhos — e duma digressão pela África do Sul, chegou a Lisboa, por via aérea, o antigo esgrimista olímpico Mário de Noronha.

FESTAS E ROMARIAS

País, onde, á luz do Sol estival, se de festas e romarias, em todo o País, onde, á luz do sol estival, se espalha uma onda de alegria, manifestada em cantares e danças, foguetes e morteiros, musica e fogo de artifício, além dos habituais divertimentos de feiras e arraiais.

A seguir damos nota das principais, nos dias de hoje e de amanhã:

BARREIRO — Hoje, foi o grande dia das festas tradicionais, em honra de Nossa Senhora do Rosário. A's primeiras horas da manhã, houve salvas de morteiros e foguetes, ao mesmo tempo que as ruas eram percorridas por «zés-pereiras», gigantes e cabeçudos e por centenas de forasteiros. A's 18 horas, sairá a procissão, em honra de Nossa Senhora, acompanhada por várias bandas e pelo terno de clarins da Guarda Nacional Republicana. E ás 20 e 30, reabrirá o arraial, com todas as suas atracções: concertos, quermesse e fogos de artifício.

PORTO SALVO (PAÇO DE ARCOS)—Come'am amanhã os festejos anuais em honra de Nossa Senhora de Porto Salvo, sua padroeira e protectora dos navegantes que deram o nome á povoação. O programa das festas — que se prolongam até ao dia 18 — é, amanhã, o seguinte: ás 10, torneio popular de futebol; ás 11, missa solene, sermão e comunhão geral; ás 14, continuação do torneio; ás 16, procissão, ás 17, abertura do arraial, no Parque Manuel Pereiar Coentro, e concerto pela banda da Sociedade Instrução Musical de Porto Salvo; das 19 á 1: baile com o concurso dos grupos musicais de Aboboda e de Queluz de Baixo.

CORUCHE — Hoje, dia da padroeira, Nossa Senhora do Castelo, prosseguiram as festas em sua honra. De manhã, o cónego dr. José Augusto Alegria celebrou missa de comunhão geral, seguindo-se missa solene de acção de graças. Ás 15 horas chegou a Banda dos Bombeiros Voluntários de Salvaterra de Magos. Ás 18, sairá a procissão, havendo, no regresso, a benção dos lares e dos campos. Ás 21, serão inauguradas as iluminações, na Praça Dr. Oliveira Salazar e na fachada dos paços do concelho, dando a banda um concerto. Ás 22, começará no arraial do Rossio um espectáculo de variedades. Amanhã, ás 10 horas, será inaugurado o busto do falecido major Luís Alberto de Oliveira, que foi ministro da Guerra, por iniciativa do Municipio. Ás 12, haverá largada de touros; ás 15 e 30, concursos de danças populares e de trajos característicos; ás 17 e 15, corrida de touros, com a assistência dos ministros do Interior e do Exército; ás 21, iluminações e cortejo com o Rancho Folclórico e a Orquestra Típica Alentejana Silva Tavares, de Estremoz, que se exibirão depois no Rossio.

SAMORA CORREIA — Continuaram hoje, e prolongam-se até ao dia 18, as tradicionais festas de Nossa Senhora da Oliveira, havendo, diáriamente, largada de touros, concertos musicais, desfile de cabeçudos e arraial.

BATALHA — As festas do concelho ontem iniciadas, prosseguiram hoje e continuam até ao dia 17. Hoje houve feira anual, alvorada de morteiros, desfile de «Zés Pereiras», gigantões e cabeçudos, e á noite haverá concertos pela banda da Sociedade Filarmónica Maiorguense, da Maiorga, Alcobaça, quermesse, exibição do Rancho Regional de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia e de variedades e fogo de artifício, preso e do ar. O programa de amanhã compreende: continuação da feira e da quermesse; concertos pela Banda Recreativa Portomosense e pelo conjunto musical «Os Bambinos»; exibição dos agrupamentos infantil e de adultos, do Rancho Típico «7 Saias», de Benavente; variedades, e fogo de artifício.

ILHAVO—Promovidas pelo ilhavense Alfredo Rebelo dos Santos, há pouco chegado da América do Norte prosseguiram hoje e terminam amanhã as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora do Pranto, outrora a cargo dos lavradores da vila. Houve cerimónias religiosas, concertos musicais, arcos alegóricos e ornamentações e esta noite será queimado fogo de artifício. Amanhã, haverá divertimentos populares e exibe-se o Rancho de Marvão. O saldo das festas será aplicado em obras na capela de Nossa Senhora do Pranto.

OURIQUE — Começaram hoje as festas de Santa Maria, em beneficio do Hospital da Misericórdia local. Houve missa solene e procissão, concertos e tourada á alentejana; e á noite, efectua-se, na verbena, variedades e baile. O programa de amanhã é igual ao de hoje, colaborando nele artistas da Rádio e da Televisão, a Banda de Silves, o Rancho Folclórico de Ourique e o conjunto Primavera, da Moita. Tanto hoje, como amanhã, será queimado fogo de artifício.

VILA FERNANDO — Hoje, ás 9 horas, houve missa campal, cantada pelos escuteiros, e promessa dos novos associados. Á noite, haverá uma récita, no salão da Colónia Correccional, apresentada pelos escuteiros que levarão á cena as peças «Satã» e «Uma brincadeira de Carnaval», seguindo-se um acto de variedades.

PRAIA DE QUARTEIRA—Prosseguem hoje, na Esplanada-Dancing as festas desta praia, com a «Noite dos poetas algarvios», dedicada á extraordinária figura de distinção e de beleza D. Francisca de Aragão, nascida naquela praia, em 1536 e grande inspiradora dos poetas Luís de Camões, Pedro de Andrade Caminha e outros.

BRAGANÇA—Prosseguiram hoje as festas em honra da sua padroeira Nossa Senhora da Graça. De manhã, após uma missa, houve uma corrida de bicicletas; ás 14 horas, foi inaugurada uma exposição de corte e bordados, de alunas do Asilo-Escola de S. Francisco; ás 15, começou um torneio de tiro aos pratos. Esta noite haverá novena preparatória e sermão, seguida de grande festival, no Jardim Dr. António José de Almeida, e de exibição de «ballet» clássico no Jardim do Museu Regional do Abade de Baçal. O programa de amanhã inclui: cerimónias religiosas, cortejo de tractores e seus atrelados, competições desportivas entre equipas das aldeias do concelho, novo festival no jardim, com eleição da Rainha do Campo, bem como um torneio de tiro aos pombos.

CONTINUAM em estado grave

dois feridos num desastre de ontem

FIGUEIRÓ DOS VINHOS, 15 — (Pelo telefone) — No Hospital da Misericórdia, desta vila, para onde foram transportados na ambulancia dos Bombeiros Voluntários locais, continuam em estado grave Manuel Antunes, casado, de 46 anos, residente nos Campelos, que se julga ter fracturado a base do cranio, e Mário David, casado, de 45 anos, morador em Aldeia das Freiras, que ontem foram vítimas de um desastre de viação.

Ambos seguiam numa camioneta conduzida pelo respectivo proprietário, José Luís Marques, residente no lugar da Lameira, no concelho de Pedrógão Grande, onde iam mais três pessoas. Depois de passar um pontão, o veículo, ao descrever uma curva, derrapou, saltou um aterro e só foi parar no meio duma propriedade contígua á estrada. O motorista e dois dos ocupantes ficaram ligeiramente feridos, tendo seguido para suas casas, depois de tratados, como os dois que estão internados, pelo director clínico, dr. Joaquim José Fernandes, auxiliado pelo finalista de Medicina dr. Luís António Correia Fernandes.

A camioneta sofreu poucos estragos.

TAUROMAQUIA

Espectáculos para amanhã

Amanhã, domingo, 16, toureiam em Coruche, nas Festas do Campino do Sorraia, Simão da Veiga, David Teles, José Trincheira e Armando Soares, com forcados-amadores de Montemor. No mesmo dia, na Figueira da Foz, D. Francisco de Mascarenhas, Pedro Louceiro, António Santos e Alfredo Sanchez, e na Póvoa de Varzim, também domingo, 16, João Nuncio, Manuel Conde, «Litri» e José Julio.

Campo de Formação

da Juventude Agrária

Iniciou-se hoje o VII Campo de Formação da Juventude Agrária Católica do Patriarcado, no Seminário de Almada, que se prolonga até ao dia 23 do corrente, participando nesta importante actividade cerca de 50 rapazes do meio rural.

Uma associação internacional

para o estudo da cultura luso-brasileira foi proposta numa reunião

à margem do Colóquio da Baía

BAIA, 15. — Ontem, o IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros funcionou apenas de manhã e com as secções de Sociedade Política e Económica, Literatura e Instrumentos de Investigações e Cultura, e ainda a de Belas-Artes. Á margem do colóquio, realizou-se ontem, na Reitoria da Universidade, uma reunião sobre os meios de desenvolver um maior intercambio luso-brasileiro no domínio cultural.

O prof. Carlos Sanchez, dirigindo-se ás Universidades representadas no colóquio, pediu que promovessem os meios para um estudo mais profundo das estruturas sociais de Portugal e Brasil. Referindo-se á falta de divulgação de determinados aspectos da civilização íbero-americana, principalmente no relativo a Portugal e Brasil, propôs a criação de uma associação internacional de pesquisadores da cultura luso-brasileira.

O prof. norte-americano Louis Hafit disse serem os Estados Unidos um país «subdenseivolvido no campo dos estudos luso-brasileiros» e ser necessário um maior intercambio de estudantes e professores brasileiros e americanos e ainda publicações bibliográficas a respeito do Brasil e de Portugal.

Na secção de Belas-Artes, foi apresentada uma comunicação acerca dos «mosteiros cistersienses da época barroca em Portugal», que foi ilustrada pelo seu autor, o escritor Artur Nobre de Gusmão, com projecções.

A mesma secção examinou uma comunicação sobre os «dados biográficos do grande arquitecto militar luso-brasileiro José Fernandes Pinto».

Na secção Ordem Jurídica, provocou debates uma tese intitulada «eficácia da compra e venda no direito português e brasileiro».

Na de Medicina, que se reuniu pela primeira vez, examinou-se a possibilidade de ser criado um instituto de história da Medicina luso-brasileira, conforme a proposta do prof. Divaldo Gaspar de Freitas, que se referiu também á necessidade de uniformizar uma nomenclatura médico luso-brasileira.

Comentando a inclusão, pela primeira vez, das Ciências Médicas no Colóquio, o prof. João Fraga de Azevedo, director do Instituto de Medicina Tropical de Lisboa, salientou:

«Entre os problemas que interessam fundamentalmente a Portugal e ao Brasil, há que mencionar os referentes á Medicina, particularmente num dos seus mais vastos e importantes aspectos: a Medicina Tropical».

Sugeriu ainda o prof. Fraga de Azevedo que sejam incluídos, em futuros colóquios de Estudos Luso-Brasileiros, outros assuntos de carácter objectivo como, por exemplo, os referentes ás Ciências Biológicas «onde também há muitos assuntos de interesse comum para Portugal e para o Brasil». — (F. P. e A. N. I.).

O homem que guardou o segredo de Isabel II. O dr. Nkrumah, primeiro ministro de Ghana, que soube conservar em segredo o motivo do cancelamento da viagem da rainha áquele estado foi recebido há dias no castelo de Balmoral, onde o vemos ao lado da soberana, do duque de Edimburgo e dos princepes

A Imprensa *espanhola*

confirmou a entrevista de Eisenhower com Fernando Castiella

MADRID, 15 — A Imprensa espanhola, que transmitiu na quinta-feira passada uma notícia da agência oficial de informação espanho-«Efe», de que estava prevista em Londres uma entrevista entre o presidente Eisenhower e o ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol Fernando Maria Castiella, anuncia esta manhã a confirmação desta notícia, em grandes títulos.

«Esta entrevista confirmará que a Espanha se encontra hoje entre as primeiras potências europeias» — escreve o jornal católico «Ya».

«A inclusão da Espanha no plano dos contactos presidenciais era indispensável» é o título do «ABC», cujo correspondente em Washington sublinha a importancia do sistema das bases conjuntas na Península e recorda, novamente, que desde a assinatura dos acordos entre os Estados Unidos e a Espanha, em 1953, o Governo de Washington sempre informou completamente o de Madrid, dos seus projectos internacionais. — (F. P.).

O representante da Venezuela

criticou na conferência da O. E. A.

o conceito de que a democracia não pode ser imposta pela força

SANTIAGO DO CHILE, 15 — Ao intervir ontem no debate geral da conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros da O. E. A., o ministro venezuelano, Luis Inácio Arcaya, declarou que o princípio da não-intervenção deveria ser adaptado ás realidades actuais e protestou contra o conceito, segundo o qual, a democracia não pode ser imposta pela força. Na sua opinião, a democracia, se existe na Europa, foi graças á acção guerreira de Napoleão.

Censurando a O. E. A. por favorecer a manutenção de regimes ditatoriais, sustentou dever esse organismo fazer respeitar a soberania popular e não a dos governos que, muitas vezes se encontram no Poder devido a um jogo de circunstancias.

Afirmou poderem certos regimes serem apenas democráticos de «fachada» e citou, como exemplo, o seu próprio país, onde a mesma Constituição pode servir de quadro ás leis ditatoriais do regime Perez Jimene e aplicar-se ao actual regime democrático, livremente eleito.

Segundo o ministro venezuelano, a O. E. A. deve assumir as suas responsabilidades em face da «ditadura das Caraíbas», que não tolera a existência de democracias nos países vizinhos por ter receio de ver o seu próprio povo sublevar-se.

Na sua opinião, os atrasos no desenvolvimento económico são a consequência essencial dos regimes ditatoriais. Pediu, por fim, aos Estados Unidos um «tratamento de preferência» para os países produtores de matérias-primas.—(F. P.).

Os espíritos serenaram

SANTIAGO DO CHILE, 15 — A reunião da O. E. A. terminará, o mais tardar, na próxima terça-feira. O debate geral está quase no fim e o trabaloh de coordenar os 24 projectos de moção, de que está encarregada uma comissão de cinco ministros (Chile, Colômbia, Estados Unidos, Brasil e México), começou já. (F. P.).

O larápio...

lá tinha as suas razões

MADRID, 15 — O vencedor da ultima Volta Ciclista a Espanha, António Suarez, foi vítima de um furto curioso, nada menos do que a bicicleta com que tinha ganho a grande prova.

Agora, passados alguns dias, Suarez recebeu uma carta do rapaz que tinha levado a sua bicicleta.

Começa por lhe pedir desculpa do acto que praticara, e acrescenta: «Sem duvida a sua máquina estava habituada a ganhar, pois eu com ela já venci duas provas e penso ganhar muitas mais».— L.).

Deixou um cigarro

a arder no bolso do casaco e pegou fogo ao quarto

Pelas 15.10 minutos, na Rua das Madres, 1, 3.º, declarou-se fogo num quarto de cama, devido á imprevidência do locatário, que meteu uma ponta de cigarro mal apagada no bolso do casaco. O fogo, que se comunicou ao guarda-fato e aos alisares das janelas, foi extinto pelos locatários e pessoal do B. S. B. com baldes, com água.

Por se ter queimado numa das mãos, foi conduzida ao hospital de S. José numa automaca dos bombeiros voluntários a sr.ª D. Fernanda Rosa, de 39 anos.

O presidente do Brasil

apontou a necessidade

do comércio com os países do bloco comunista

S. PAULO, 15. — «Queremos deixar de ser uma nação de importancia secundária que dependa, para viver, da exportação de matérias-primas» — declarou o presidente Kubitschek num discurso pronunciado ontem no Clube dos Rotários desta cidade.

Sublinhou a necessidade de procurar novos mercados, declarando ser da opinião do ministro dos Negócios Estrangeiros, Horácio Lafer, que pediu que o Brasil vendesse a quem quer que fosse, fazendo assim alusão aos países do bloco comunista com os quais o país poucos ou nenhuns contactos mantém.

Falando da organização pan-americana, disse: «Se somos partidários do desenvolvimento do Brasil, também somos pelo desenvolvimento harmonioso do continente». — (F. P.).

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Ao longo das ruas do circuito

os corredores receberam constantes incitamentos

(Continuação da 1.ª página)

corredores passaram, de novo, agrupados. Cortaram a meta, em 1.º lugar, por esta ordem: Henriques da Silva, Martins de Almeida e Henrique Castro.

Agrupados e em boa velocidade, os ciclistas completaram a quarta volta, com Lima Fernandes no comando. Com cerca de 4 minutos de atraso, surgiu Francisco Marinho.

Na quinta volta, José Firmino guiava o pelotão, do qual se distanciou cerca de 20 metros. «Tempo» que realizou: 4 m. e 22 s.

Sérgio Páscoa passou á frente na volta seguinte.

Na sétima volta, feita em 4 m. 22 s., cortou a meta, em 1.º lugar, Jorge Corvo. Francisco Marinho já nesta altura levava uma volta de atraso.

A oitava e a nona voltas foram corridas com a maioria dos ciclistas agrupados e ganhas, respectivamente, por Lima Fernandes e Pedro Junior.

Na décima volta, os três primeiros foram: Artur Coelho (1.º), Alves Barbosa (2.º) e Sousa Santos (3.º). «Tempo»: 4 m. e 16 s.

Nesta altura, atingido metade do percurso, havia-se gasto 45 m. e 48 s.

Uma fuga

Ao completar-se a 11.ª volta, Emídio Pinto, Martins de Almeida e Agostinho Correia tinham ganho a Alberto Carvalho e a José Firmino cerca de 150 metros e ao pelotão, comandado por Henrique Castro, aproximadamente 250 metros. «Tempo»: 4 m. e 22 s.

Na 12.ª volta, percorrida também em 4 m. e 22 s., mantinha-se o avanço dos dois grupos em relação ao pelotão. Nesta altura, Alves Barbosa foi obrigado a mudar de máquina, perdendo algum tempo. Emídio Pinto ganhou sobre o risco.

Martins de Almeida triunfou na volta seguinte, em que a diferença do trio dianteiro sobre o pelotão, já integrado de Alves Barbosa, era de 33 s. «Tempo» da volta: 4 m. 23 s.

Emídio Pinto ganhou a 14.ª volta em 4 m. 31 s. Entretanto, ao trio da vanguarda tinham-se juntado Alberto Carvalho e José Firmino. Por sua vez o pelotão recuperava algum atraso, para na 15.ª volta, ganha por Lima Fernandes, passarem todos agrupados. José Firmino, por «furo», descolou.

A 16.ª volta, realizada em bom andamento (4 m. 18 s.), foi ganha pelo «camisola amarela», Carlos Carvalho.

Na volta imediata, Arlindo Carvalho venceu sobre o risco (4 m. 28 s.).

Na 18.ª volta, Fernando Maltês, que se adiantara 9 segundos ao pelotão, passou em 1.º lugar, com m. 32 s.

Na penultima volta, apareceu á frente João Bárbara (1.), seguido do grosso do pelotão, que fez o «tempo» de 4 m. e 38 s.

Na 20.ª volta, realizada em 4 m. e 20 s., decisiva para a classificação da tirada, os primeiros lugares foram alcançados, depois do «sprint» emocionante, por Alves Barbosa (1.º), Lima Fernandes (2.º) e Artur Coelho (3.º).

Ordem de chegada

		H. M. S.
1.º	A. Barbosa (Sang.)	1 29 53
2.º	L. Fernandes (Ag.)	m. t.
—	A. Coelho (F. C. P.	m. t.
—	A. Maia (F. C. P.)	m. t.
—	A. Pedro J. (Spt.)	m. t.
—	Jorge Corvo (Tav.)	m. t.
—	Serg. Páscoa (Tav.)	m. t.
—	Mário Sá (F. C. P.)	m. t.
—	Alb. Silva (Salg.)....	m. t
—	M. Perna (Loul.)...	m. t.

Seguidos do pelotão, com o mesmo tempo.

Cortaram a meta, com atraso, Francisco Marinho, Armando Ramos Ilídio do Rosário e José Firmino.

No fim, Alves Barbosa foi levado em triunfo pela multidão, que dificultou a chegada dos corredores atrasados.

As próximas etapas

Os corredores saem amanhã de Vila do Conde para o Porto, fazendo dessa maneira a 18.ª etapa da volta—105 quilómetros, que devem ser percorridos á média horária de 37 quilómetros.

19.ª etapa da volta é toda ela disputada na pista do Lima, com voltas que totalizam 9 quilómetros.

Os corredores são distribuidos por séries.

NATAÇÃO

O «Dia Infantil» do C. N. N.

O Clube Nacional de Natação promoveu hoje, á tarde, o «Dia Infantil», que mais não foi do que a apresentação dos nadadores das suas escolas deste ano.

Apuraram-se os seguintes resultados:

INFANTIS A

50 m., «crawl» — 1.º, Rosalina de Castro, 41,3 s.; 2.º, Alfredo Paixão, 41,5 s.

50 m., bruços — 1.º, Rui Pimenta, 49,4 s.; 2.º, Alfredo Henriques, 51,8 s.

50 m., costas — 1.º, Alvaro Naia, 47,2 s.; 2.º, Rosalina Castro, 54,3 s.

INFANTIS B

25 m., costas — 1.º, Joaquim Rodrigues, 26,4 s.; 2.º, Hermínia Vilas Boas, 31 s.

25 m., bruços — 1.º, Nelson Pimentel, 27,8 s.; 2.º, Carlos Simões, 29,2 s.

25 m., «crawl» — 1.º, Nelson Pimentel, 21,8 s.; 2.º, Carlos Lobato, 24,7.

Os «infantis» A e B disputaram conjuntamente uma prova de 25 m., mariposa, ganha por Alfredo Henriques, 21,8 s., seguido de Sérgio Gonçalves, em 23,3 s.

Uma prova 4×25 m. livres foi ganha pela equipa formada por A. Henriques, C. Lobato, A. Naia e C. Ferreira.

Escola de Enfermagem do Hospital de Santa Maria

MATRÍCULAS

Estão abertas as inscrições para o Curso Geral de Enfermagem — Sexo Feminino — até 20 de Setembro.

As candidatas com o 2.º ciclo ou equivalente são dispensadas do exame de aptidão.

As alunas são recebidas em Lar e podem ser-lhes concedidas bolsas de estudo.

Pedir informações á Secretaria — Av. 28 de Maio, Lote 3, ou pelo telefone 774022.

O Presidente do Conselho de Direcção
Coriolano Ferreira

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 58 Diario de Lisbôa

A mulher fatal

Por muito que a mulher se veja ao espelho, por muito que ouça falar de si, por muito que pense, se interrogue, se rotule, cremos que nunca conseguirá conhecer-se bem. Vamos, pois ajudá-la um pouco nesse exame de consciência. E, ao mesmo tempo ajudamos os homens a pensar no passo que dão. Aqui apresentamos oito retratos de mulheres. Tipos de mulher. Retratos psicológicos. Experimente conhecer-se, cara leitora; aprenda a conhecê-las, carissimo leitor. O ser humano é terrívelmente complicado, uma mistura de traços de carácter por vezes contraditórios. De resto, a mulher ideal será a que conseguir ser tudo isto ao mesmo tempo, com defeitos e qualidades. Mas... cuidado com as imitações!

1—A mulher fatal

E' também, uma mulher mistério. Não se pode deixar de a amar, irresistivelmente se se sofre o seu encanto. Ela afoga e tortura os homens, desola e inquieta as mulheres, vai semeando a tempestade e a desgraça... lagarto, lagarto... é a «vamp» criada pelo cinema: olhos olheirentos de rímel, rosto pálido de pó, ar trágico de Hamlet. Encarna o destino, a desgraça, a discórdia, o demónio. Está um pouco fora de moda, só existe no cinema e nos romances de espionagem. Na vida real, há apenas mulheres que amam e desejam ser amadas e tudo fazem para isso. Até parecerem ridículas. A mulher fatal é uma mulher imaginária, uma curiosa caricatura de Eva que, como todos sabem, está na origem de todos os males humanos.

E agora que, francamente, cada uma meteu a mão na consciência e de lá tirou o carácter que em verdade possui, será melhor envergar o «tipo» que Deus lhe deu, a fim de deixar em paz o sexo forte. Também «ele» que a descobriu, se

(Continua na página seguinte)

500 ANOS ANTES DE CRISTO OS MAYAS

QUINHENTOS anos antes da nossa era, os sacerdotes-astrónomos mayas tinham realizado, graças a um sistema vigésimal (isto é, de 20 em 20 e não de 10 em 10, como no nosso sistema decimal), os calendários Haab, Izolkin e Venusiano que dividiam o ano em 365 dias, 2420, e regulavam toda a vida astronómica, astrológica, agrícola e social do Império Maya.

Embora possuamos relativamente poucas informações sobre esta civilização, não podemos deixar de nos espantarmos com a sua inteligência matemática, a sua sensibilidade e a sua imaginação.

A sua construção, os seus conjuntos arquitecturais contam-se entre os mais belos exemplos de «urbanismo» isto é, de organização de um grupo arquitectural em que cada elemento tende para a harmonia e para o equilibrio de conjunto. No entanto, quando construiam uma cidade, apenas possuiam mão-de-obra — sem duvida gratuita e abundante, é um facto — mas não tinham qualquer meio de transporte e, como ferramenta, apenas uten-

(Continua na página central)

Xochipilli — o deus das flores

EM 1958

Quando me ponho a recordar Marrocos, a ultima viagem maravilhosa que lá fiz, há sempre uma imagem que se abre em primeiro lugar: é a daquela casa de Salé, de estreitas janelas, onde o chá de mentol fumegava em bandejas de cobre. Havia aí uma jovem de dezoito anos, de pele morena e olhos claros, que me estendeu na mão esguia uma chávena de líquido fumegante. Enquanto sorvia o chá em pequenos goles, para não me escaldar, fui-lhe perguntando um mundozinho de coisas...

Soube assim que era natural de Salé, a cidade árabe que outrora foi ponto de reunião dos letrados e que, no século XIV, abriu a primeira Faculdade de Medicina de Marrocos. A certa altura diz-me que gostaria de conhecer o programa de estudos da Escola de Chartres e acrescenta que se interessa por Direito e História e que teria muito prazer em estudar em Paris — cidade que devia ser maravilhosa.

Ao lado há uma irmã mais velha. Sorri para me garantir que percebe a conversa. Compreende, mas não fala. Acho esquisito e pergunto porquê. A mais nova traduz a resposta:

«Depois da deportação do nosso rei pelo Governo francês, há seis anos, fiz, com todos os colegas da turma, o juramento de nunca mais proferir uma palavra em francês,

(Continua na página central)

Os marroquinos descobrirem que o paraiso esta debaixo do calcanhar das mães

Um chá de me ntol fumegante

DIZEM...

DIZEM de Paris que um biologista, o dr. Drummer, calculou que o corpo humano contém água suficiente para lavar um esfregão, ferro bastante para fazer um prego, cal suficiente para caiar uma cabana e enxofre que chega para matar as pulgas de um São Bernardo!

DIZEM da Noruega que os resultados de um estudo feito entre vários milhares de cidadãos acabou por levar á conclusão de que a «hipertensão» ataca mais as mulheres sem filhos que as mães de família. Conclusão: Amigas leitoras, todas ao casamento!...

GRAÇAS a um electrocardiógrafo poderoso, dois zoologistas soviéticos puderam registar o funcionamento do coração de diversos animais; assim estabeleceram que o coração do elefante batia, normalmente, a 46 pulsações por minuto, o do cão, a 120; o do gato a 240, enquanto que as mais rápidas cadências se encontram nas aves, cujo coração chega a vibrar mais de 1.000 pulsações por minuto.

A «Reserpina» que tem sido empregada com sucesso no tratamento da hipertensão e nas doenças nervosas, é uma das maiores descoberta da terapêutica nestes três ultimos anos. Pois bem, acaba-se de descobrir que a sua acção é particularmente sensível em casos de surdez: em poucas semanas registaram-se resultados muito satisfatórios, em Paris.

UMA sociedade de óptica pensilvanica lança uns óculos especiais para a visão nocturna: compreende vidro amarelo claro, trabalhado de maneira a anular os efeitos da luz artifical das cidades e a didminuir a fadiga da acomodação na escuridão.

A mulher intelectual

(Continuação da página anterior)

tropeçou e caiu, foi por gosto. E quem corre por gosto não cansa. Não digam(depois, que os não tentámos ajudar. Umas, a conhecer-se; outros, a conhecê-las. E agora, salve-se quem puder...

2—A mulher sensual

E' um tipo de mulher muito especial. No seu aspecto mais acabado, é costume dizer-se que é «vítima dos seus instintos» ou que «os sentidos a trazem pelo beiço». E' fraca perante o sexo forte, em geral. Edith Piaff, nas suas canções, expõe todos os perigos, as desgraças, as decepções que a esperam.

Lamentemos esta eterna pecadora... mas não muito. Muitas vezes é egoista e terrívelmente ávida. Em geral, este tipo de mulher engana-se a si própria. Com facilidade se deixa participar do mundo exterior sem esforço. Diante do desgosto dos outros, deitará rios de lágrimas, lançará intermináveis gemidos e comprometerá, ela própria, o coração. «Oh — dirá ela — eu, eu tenho o coração muito sensível, tenho muito coração, sabe...». Peçam-lhe então para ajudar a pessoa por quem acaba de verter tanta lágrima... arranjará meio de se safar. Ajudará, sim, na medida em que tirará disso prazer ou proveito.

A mulher de coração

A mulher sensual

3—A mulher apaixonada

E' um ser de excepção, felizmente, porque é pouco dotada para a felicidade. E estado de paixão é em si mesma um estado excepcional, provisório. A mulher possuidora de um temperamento apaixonado está, por natureza votada a passar a vida sem se realizar. Sedenta de pureza, de beleza, de grandeza, será eternamente insatisfeita, quer seja no amor quer na realização de qualquer tarefa.

Por estranha ironia, se as mulheres apaixonadas raramente encontram a felicidade, dão-na, pelo contrário, com frequência, sem se darem conta disso até. A história mostra inumeros exemplos destas mulheres de temperamento exaltado, generoso, fonte de inspiração. Se aliam ao temperamento um espírito lucido e construtivo, tornam-se mulheres que o tempo não altera o prestígio, criadoras de talento ou mesmo génios.

A mulher apaixonada

4—A mulher sentimental

E' antes de tudo e sempre, um ser sincero. Ama verdadeiramente, com o mesmo ímpeto com que odeia. E' alegre, desolada, irritada, feliz ou desgraçada, com sinceridade. E esta sinceridade é todo o seu encanto, tanto mais que é, em geral, boa e amável. Mas... Cuidado! Não vá querer a mesma sinceridade em toda a gente.

Diáriamente, põe-se a pesar, na balança de todas as pequenas observações quotidianas, o grau de sinceridade do marido, dos filhos, da mãe, do pai, da criada... Que dramas, santo Deus! O marido escondeu a compra de um maço de cigarros, o filho e a filha escondem as más notas, então... é que aquele a não ama como no dia do casamento e os filhos, oh! os ingratos, os vis, a terem segredos com a momázinha que tanto os ama!... Amando sinceramente e sem reservas, a sentimental tem necessidade de ser tranquilizada a cada passo. Se dominar esta necessidade e não tiranizar quem a rodeia, será a mulher ideal: ama e será amada porque em geral é um ser encantador e fiel.

A mulher criança

A mulher sentimental

5—A mulher «muito» prática

Não há muito que dizer. Sem imaginação, basta-lhe o ram-ram de todos os dias. Pode ser uma dona de casa modelo, uma empregada modelo, mas não será mais do que isso. Escrava do detalhe prático, inspira um aborrecimento irresistível.

Convém ter senso prático, a vida difícil que atravessamos o exige, mesmo muito. Mas, cara amiga, não se contente apenas com tão pouco. Mesmo que seja exigente nos cuidados de casa, mesmo que se sinta orgulhosa por saber tirar partido dos mínimos detalhes, do melhor canto da casa, de um pedaço de tecido, de uma parcela de meada de lã, não se baste com esse contentamento. Em volta, a vida é muito variada, muito rica, muito bela. Merece que se interesse também por tudo o que lhe oferece e que você parece nem ver, sequer. A mulher «muito» prática, acaba por fatigar.

6—A mulher de coração

E' uma mulher de dever. Guarda em si, grandes virtudes: coragem, generosidade, honestidade. E' uma mulher que se impõe, que inspira o mais profundo respeito, porque faz sempre desaparecer o seu interesse, perante o dos outros. E' uma bênção para quem a rodeia, que sempre pode contar com ela. Se se torna altiva, por reacção de orgulho então perderá o benefício do reconhecimento que os seus actos lhe poderiam trazer. Mas se a bondade é autentica, porque lhe vem do coração tanto como da educação, a mulher de coração é util pelo mero prazer de ajudar o próximo. E' uma mulher que merece a felicidade, mas que nem sempre a tem. Uma mulher de grande bondade, nem sempre encontra um homem que igualmente o seja. Felizmente que a mulher de coração tem inteligência suficiente para não exigir de outrém um devotamento igual ao seu. Assim se defende do rancor e da acrimonia.

7—A mulher intelectual

Nela, é o cérebro que domina, comanda, toma as rédeas. Esta mulher, de espírito crítico, não é fácil de dominar nem de convencer. Para a conquistar, é preciso, ao mesmo tempo, procurar-lhe o espírito, o coração e os sentidos. Quando se dá, é com todo o seu temperamento de mulher, mas também toda a lucidez do ser humano que não quer ser ludibriado.

Quando a intelectual une á inteligência uma verdadeira e sincera sensualidade, ela dá provas de reais dons artísticos.

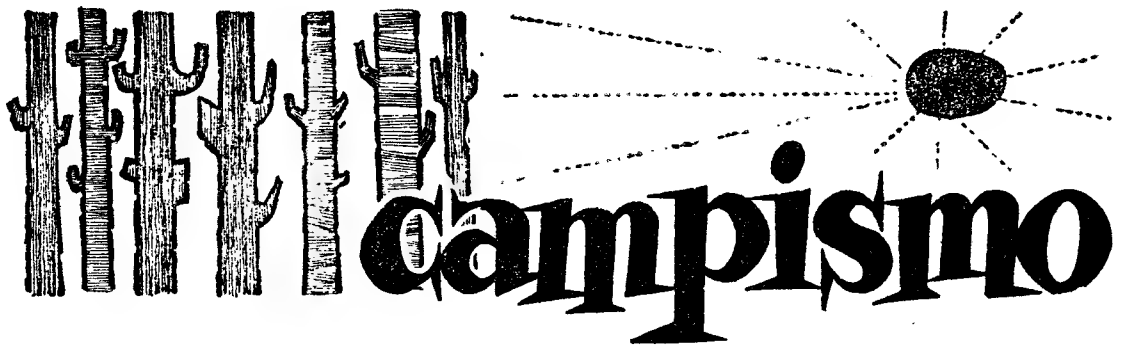
8—A mulher criança

Encantadora e execrável ao mesmo tempo, diverte os homens e faz as mulheres ranger os dentes. E' adorada, odiada, cortada em pedaços ou recusada em bloco, pois é julgada um fenómeno inexplicável. Esta mulher-mistério compreende duas categorias: as falsas e as verdadeiras.

As verdadeiras são aquelas que aos olhos de todos, graças á aliança que trazem consigo não sairam ainda da infancia. Se as quer conhecer melhor, caro leitor, leia a «Ingénua Libertina», de Colette.

As falsas são pequenas manhosas, nem mais nem menos, que por cálculo ou instinto querem acumular as vantagens devidas á mulher e á criança. Na verdade, são uma mistura de preguiça, egoismo e horror das responsabilidades. Inutil é dizer que para enfileirar neste «género» zoológico é necessário possuir encantos físicos... certos encantos físicos.

A mulher prática



INICIA...

por FERNANDO DE ALMEIDA

INICIA hoje «Magazine» uma nova rubrica destinada a jovens e adolescentes, a leitores e leitoras.

A generalização do Campismo a quase todas as classes sociais, originou o natural interesse da Imprensa mundial que por isso lhe dedica as suas colunas, a par das muitas publicações especializadas que em países europeus atingem elevadas tiragens.

Não poderá pois «Magazine» alhear-se desse enorme movimento, que arrasta em cada fim-de-semana milhares de pessoas para os grandes espaços livres da Natureza, em busca do lugar ao sol cada vez mais difícil de conquistar.

Campismo estará assim ao lado dos leitores habituais de «Magazine», incitando-os a uma prática saudável, abrindo-lhes o caminho para a sua iniciação, respondendo a perguntas de toda a ordem. aconselhando técnicamente os debutantes nas lides do ar livre.

Para isso, este apontamento semanal sobre Campismo, será dado sob a forma de *perguntas* e *respostas*, procurando-se assim abrir caminho a um contacto directo com o leitor, quando para além dos pontos focados possam existir no espírito de cada um, quaisquer duvidas que pretendam ver esclarecidas.

Será pois, em nome do «leitor imaginário» que formularemos toda a espécie de perguntas relacionadas com o campismo, deixando a porta francamente aberta a quantos se nos dirijam com novas questões relacionadas com o assunto.

Vamos portanto iniciar a nossa caminhada ao ar livre...

E, o tal «leitor imaginário» perguntar-nos-á para principiar:

Resolverei, através do campismo, o meu problema de férias?

SUPOMOS que o seu problema de férias seja de ordem económica, pois talvez o orçamento caseiro lhe não permita instalar-se num hotel ou os aluguéis de casas na praia e no campo estejam fora das suas possibilidades. Portanto, o campismo vai ser, para si, um recurso...

Se assim é, resolverá o seu problema, embora precise de equipar-se com o material indispensável para umas férias agradáveis. Terá de fazer um empate de capital que reembolsará nos anos seguintes.

Mas antes de lhe falarmos no material (na tenda, na cama, na cozinha, etc.) será forçoso dizer-lhe que o Campismo não teve origem apenas na resolução de problemas idênticos ao seu, embora que o enorme desenvolvimento e popularidade nos nossos dias se devam a esse importante aspecto.

Será preciso mostrar-lhe a origem do campismo, para justificar o progresso crescente do movimento; será preciso também dizer-lhe que o campismo é mais alguma coisa do que a simples solução para férias.

Pois, senhor «leitor imaginário», na próxima semana voltaremos a este assunto...

FABRICAMPO L.da

A cura da leucemia
pelos sábios franceses

A leucemia é uma doença tanto mais terrível quanto as vítimas preferidas são as crianças. Embora até hoje tenha havido períodos de «remissão», as esperanças de cura não têm sido nenhumas. Mas estes períodos de «remissão», mais ou menos curtos, dão, ferozmente, uma esperança.

Há várias categorias de leucémia e os períodos de remissão podem atingir, e até ultrapassar, os sete anos. Mas, infelizmente, outras formas há quase fulminantes.

É uma doença provocada por alteração da medula dos ossos chatos (medula que tem por função renovar certos elementos essenciais do sangue). Essa alteração na medula óssea provoca desequilibrio nas proporções dos elementos sanguíneos: os glóbulos brancos, por exemplo, que normalmente se contam por 5.000 a 7.000 por mm³ de sangue, podem atingir os 60.000, de forma e volume anormais; em contrapartida, os vermelhos diminuem (daqui o nome de leucémia — sangue branco).

A luta contra a leucémia já vem de longe. Em 1947, dois médicos franceses conseguiram um resultado espectacular, substituindo o sangue doente por sangue são. Contudo, experiência espectacular mas infelizmente pouco duradoura; o mal depressa voltou, vitorioso, pois a doença não reside no sangue, mas na origem da formação dos glóbulos, ou seja na medula dos ossos chatos, como dissemos.

AS pesquisas prosseguiram e chegou-se a uma conclusão: a medula pode ser destruida por irradiação e substituída por medula sã. A experiência, feita em ratos que apresentaram depois o aspecto de curados, era difícil de aplicar-se em seres humanos. É possível destruir a medula dos ossos; mas a sua supressão constitui o aniquilamento dos elementos vitais; e quão terrível submeter, deliberadamente, um ser humano, a esta experiência! Destruir a medula doente equivale a suprimir, voluntariamente, os eleemntos que asseguram a sua existência, mesmo mal e por pouco tempo.

ATÉ 15 de Outubro ultimo, tudo pareceu ficar na terrível expectativa: ser legítimo ou não tentar a experiência em seres humanos. Contudo, neste dia, alguma coisa se iria passar, que tornaria este dia diferente dos outros todos na aparência iguais.

Nessa manhã, a 15 quilómetros de Belgrado, cinco homens e uma mulher ainda jovem estavam nos seus postos, diante dos manómetros que indicavam que tudo caminhava normalmente no reactor. De repente, a agulha dum manómetro, rompendo o seu ritmo habitual, passou a linha vermelha, indicando o limite da margem de segurança. A esta agulha, outra se seguiu e outra e outra, dez ao todo se transtornaram; um cheiro a ozone indicava o perigo: os raios mortais bombardeavam a sala.

Correram-se portas de chumbo e cortinas de segurança; os seis sábios corriam também mas sabiam-se mortalmente atingidos.

Na aparência, estavam iguais ao que sempre tinham sido, intactos; e entretanto, estavam condenados, irremediavelmente condenados.

A vida estaria, para os jovens médicos, liquidada? Não restaria uma esperança de sobrevivência para eles, que acabavam de sofrer a destruição total da medula óssea realizada experimentalmente em ratos leucémicos? Não se poderia praticar, neles, a transfusão de medula sã que os ratos haviam sofrido no laboratório?

O médico que os recebera no hospital de Belgrado seguia com interesse e paixão, os trabalhos de dois médicos franceses, no seu hospital de São Luís. No dia 20 de Outubro os sábios jugoslavos aterravam em Orly para serem conduzidos aos serviços dos drs. Bernard e Mathé, os dois médicos franceses em questão. Aceitavam tentar a operação.

A 11 do mês seguinte apresentam-se os dadores de sangue do mesmo grupo sanguíneo, para lhes fornecer a medula sã. Entre eles, encontra-se uma mulher, mãe de quatro filhos, a senhora Draghi.

Quatro dias decorrem, na lentidão da agonia. Mas no fim deles, a taxa dos glóbulos sanguíneos dos condenados, sobe. Depressa atingem metade do que é normal, mas, o 16, o mais atingido, sucumbe ás lesões intestinais e pulmonares provocadas pelas radiações.

A vida é lenta nos restantes doentes; mas o milagre parece dar-se: toleram o «corpo estranho» que lhes injectaram e este cumpre o seu papel naqueles organismos condenados a morte certa. O numero de glóbulos aumenta, a vida volta pouco a pouco, os rostos reanimam-se, coloram-se e os cabelos voltam a nascer...

Não tarda que os sábios jugoslavos possam visitar Paris e voltar á pátria, bem vivos. Grande passo os sábios franceses tinham dado! E grande esperança traziam ao Mundo!

Não tarda a surgir outro doente de leucemia — uma criança. Mas, para realizar a substituição da medula doente, há que submeter voluntariamente a criança ás irradiações mortais que atingiram, acidentalmente, os sábios jugoslavos; e isto representa pôr a criança em condições de morte rápida, se a tentativa falhar.

Aos pais e aos médicos põe-se o mais terrível combate de consciência que é possível imaginar: para tentar salvar uma criança, há o direito de lhe abreviar a vida por alguns meses?

A luta termina a 11 de Janeiro. Os Jugoslavos, curados, pas-

(Continua na 6.ª página)

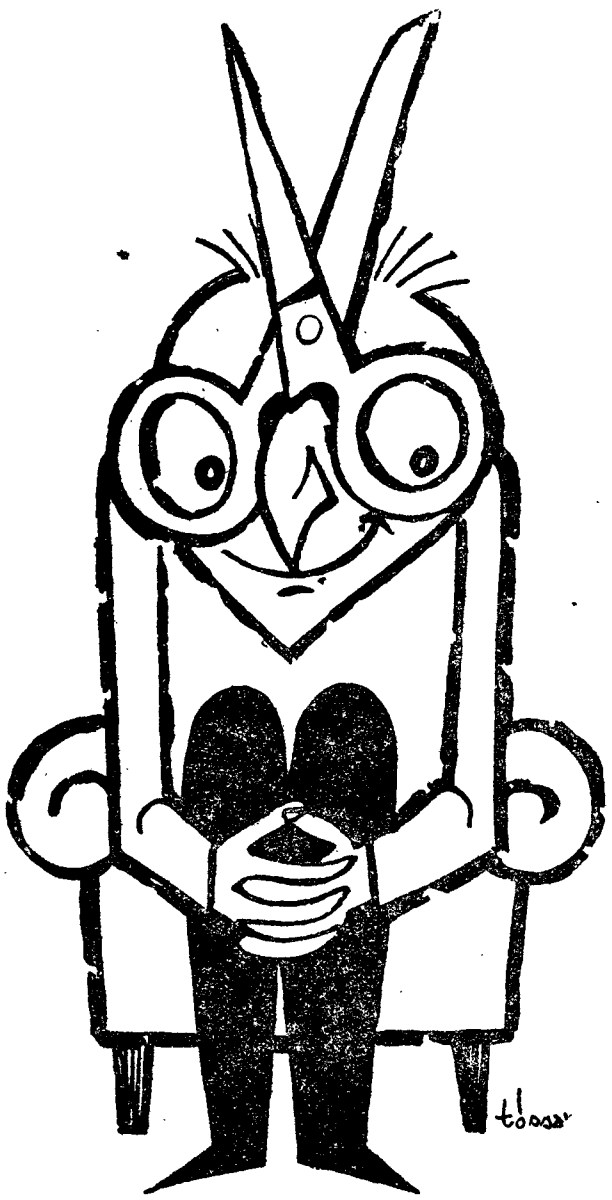
APENAS POR AMOR

É, na realidade, apenas por amor. Os galãs cangurus, na época em que, lá entre eles, funciona o registo civil matrimonial, não escolhem noivas por anuncio, por declaração epistolar, por indicação dos papás (a chamada escolha de «bons-partidos»); resolvem os problemas assim como os leitores estão vendo: o vencedor é que escolhe. Critérios... critérios.

APROVEITE O REPOUSO
LENDO OS BONS ROMANCES

O ELEITO — obra-prima de **Thomas Mann**
O VERMELHO E O PRETO — obra-prima de **Sthendal**
CRIME E CASTIGO — obra-prima de **Dostoiewsky**
LOJA DE ANTIGUIDADES — obra-prima de **Dickens**
A ESPOSA
A COROA — obras-primas de **Sigrid Undset**
A CRUZ

PORTUGÁLIA EDITORA



Um heroi do romance moderno

Os directores da S. P. H. acabam de tomar uma decisão que ficará histórica: instituir um prémio literário no valor de *sete mil e quinhentos contos* — importancia que não tem confronto possível com a atribuida, em toda a parte do Mundo, a qualquer prémio literário. Ao lado do prémio da S. P. H., o prémio Nobel faz figura de parente pobre.

Antes mesmo de se tornar publica a grande notícia resolvemos pôr-nos em contacto com os directores da S. P. H. De caminho, levávamos (já se espera) a cabeça a transbordar de pasmo com a formidável quantia atribuida ao vencedor do prémio. Coisas de tal vulto só aparecem nas cabinas dos pilotos da Alta-Finança. E, assim magicando, imaginávamos ir encontrar na S. P. H., uma sala de recepção imponente, cheia de flatos barrocos — baldracas, baldaquim, candeeiros com pingentes e pingentes sem candeeiros, maples de braço aberto, de braços caidos, de braços cruzados e mesmo sem braços, alcatifas, alcavalas, alcagoitas e tudo o mais que o luxo pode inventar e a nossa imaginação de gente remediada exagera, por força.

A sala onde nos receberam era, afinal, um quartinho paisano, exactamente igual aos que todos nós usamos «lá em casa». O espanto que exteriorizei deve ter-se revelado com tanta força que os meus interlocutores se riram. Um deles, depois de enxugar o regosijo, disse:

—Admira-se de que, vivendo nesta mediania associativa, tivéssemos força para instituir um prémio de sete mil e quinhentos contos?

Confessei que sim e, então, o mesmo senhor explicou-me que a Sociedade Protectora do Homem tinha lançado um apelo aos Portugueses, sugerindo uma subscrição nacional, com o fim de angariar fundos para o prémio literário mais urgente dos nossos dias. Explicava-se a intenção da iniciativa e a adesão popular foi fulminante: 7.500.000 dos nossos compatriotas responderam ao apelo com UM ESCUDO por cabeça.

Eis assim explicado o primeiro mistério. Desapertei um oh! de espanto e ao voltar a mim inquiri:

— Mas a que género de prémio literário se destina. A romance, a ensaio, a poesia, a conto?

— A romance — desfecharam do outro lado.

Eu esvasiei mais um sopro de espanto. A romance! Santo Deus! mas isto era uma fortuna! O romancista que abotoar o prémio torna-se logo presidente do conselho de administração dos intelectuais do nosso país!

— Têm assim tanto empenho — disse eu — em adubar o romance, entre nós? O objectivo da Sociedade Protectora do Homem é semear e estrumar o *romance português?*

Do outro lado ressoou uma voz pausada: Não! O nosso objectivo é ainda mais elevado. o sr. lê muito?

Respondi que sim, que até era um doente.

— Literatura moderna?

Que sim.

— Então já estava preparado para compreender o nosso objectivo. Como há-de ter notado, a *literatura moderna* ocidental (pondo de parte poucas excepções) assassinou quase por completo o *homem de carácter*. E' um *herói* que deixou de ter interesse romanesco. Apenas vive na realidade e o romancista não dá por ele.

Perguntei se o *homem de carácter* era um anjo papudo de procissão, com os pés martirizados numas botas idealistas. O Director da Sociedade Protectora do Homem olhou-me em silêncio, um silêncio que se somava ao dos colegas e ao meu e era, portanto, pesado como a noite.

— Está enganado — desentupiu, por fim. — Se julga que imaginamos o *homem de carácter* como um programa turístico de perfeição moral sem nódoas negras — então nunca compreenderá o nosso objectivo. O *homem de carácter* cujo regresso ás lides romanescas nós defendemos, é aquele mesmo ser a que, lá fora, já se chamou *herói positivo*, isto é, herói duma sociedade que acredita no futuro renovado, na capacidade criadora, revolucionária do homem.

O herói — melhor diria «a humanidade» do romance do nosso tempo, é constituida por rebanhos decadentes ou solistas preversos e tarados, ruminantes eternos dos seus vícios refinados. Como dizia há pouco o crítico Gaspar Simões (por outras palavras, claro) — os romances de hoje dão ao homem de hoje uma visão duma humanidade em que ele se não reconhece. Poderemos afirmar que a novelística não está a corresponder aos anseios do presente. Como outro dia ainda tivemos ocasião de notar — eu e os meus colegas — numa reunião da Sociedade Protectora do Homem e a propósito da leitura dum romance de Jules Roy, o romancista subordina a sua actuação artística aos primados da técnica. Procura ser original, embalar os tiroleses no balancé do «suspense» e esquece que os homens têm problemas e esperam que os artistas colaborem com eles para os resolver.

A Humanidade tornou-se, para eles, a velha *cloaca romana*, em que todo o cidadão tinha a liberdade e o direito de comparticipar... naquilo que se deita fora e só tem serventia como estrume. Os romancistas tornam-se, desta forma, industriais de adubos, não se lembrando já de que a arte não é industria.

Agradar a paixões passageiras e avulsas, ser *best-seller* o mais depressa possível — eis um ideal com que não colaboramos. O romancista vende as suas obras, mas não se vende.

Ao prezado senhor, o escorpo do nosso concurso: desafiar o romancista a que convide a entrar na sua obra o *homem de carácter, o herói positivo,* que a todo o instante se acotovela na rua. Não pretendemos que nos dê da humanidade uma imagem de receita política, não aceitaremos que nos apresente ramos de novelas cor-de-rosa: estimulamo-lo para que seja realista no largo sentido, e no largo sentido encontrará na vida real *o herói de carácter*, um elemento indispensável para resolver os problemas contemporaneos que sem ele não se resolvem.

Porque *o homem de carácter* não é o *menino bonito* que se dá como exemplo aos *meninos feios:* é uma força positiva construtiva, que serve a lealdade, não se hipoteca a sórdidos interesses, respeita o próximo conforme ordena o mandamento divino, não desfralda a sua insígnia de moral ao domingo de manhã, é generoso sem desleixo e rigoroso sem paralisia, considera a língua um orgão de linguagem e não uma arma secreta de guerra e não recua a colaborar num futuro melhor.

O nosso prémio é, pois, meu caro senhor o prémio do HOMEM DE CARÁCTER. Não se admire, portanto, que seja tão bem dotado. O carácter vale quanto pesa.

DIÓGENES

OS MARROQUINOS

(Continuação da 1.ª página)

e desta forma acabei por esquecê-lo. Agora estou, de novo, a aprendê-lo e conto poder falá-lo no próximo ano.

Porque me acodem sempre á memória estas jovens, quando recordo Marrocos, eis o que também me pergunto. Deve ser isto: elas surgem-me como um símbolo: amor da cultura, da independência e da França.

Ruas Francesas em Rabat...

Deixar Paris e descer do avião em Salé (separada de Rabat pela ribeirita de Bou-Regreg) é cair, de subito, num outro mundo: um mundo de sol cáustico, de casas alvissimas, de mulheres veladas e de homens morenos, vestidos de «djellabas». Falam uma língua estranhamente gutural e harmoniosa, que torna tudo o que vemos á roda ainda mais diferente. No entanto, o primeiro contacto não desconcerta: os empregados da Alfandega são cortezes, a polícia despacha-nos ràpidamente. Depois é uma rápida carreira de Salé a Rabat. Estou interessado em observar como passou para mãos marroquinas a velha administração francesa. Parece-me, pelo que vejo, sem acidentes: tudo corre o curso normal. Tão normal que continuamos a ver, a granel, caras e caras de franceses pelas ruas. Os letreiros estendem-se em duas línguas — a árabe e a francesa e não faltam ruas como Praça Liautey, Avenida de França, Rua do Marne e Boulevard Clemenceau...

Que é que mudou?

Em Rabat vê-se (o que não acontece tão pronunciadamente em Casa Branca) um forte sentimento de colaboração franco-marroquina. Nos restaurantes é vulgar o almoço em conjunto de Franceses e Árabes; e vi numa pracinha, logo á minha chegada, bebés brancos e morenaços em jevial confraternização diante de montes de areia, sob a vigilancia de mulheres veladas e de Francesas que parecem ter saido agora mesmo de um «boulevard» de Paris.

Perguntei a uma amiga, mulher de um universitário francês, o que tinha mudado, afinal. Diz-me:

— Ninguém pode negar o que Marrocos deve á França. Simplesmente, desejamos dizer «chez nous» e pegar em mãos o destino do nosso país.

Falou-me depois em transformações, não tão rápidas como desejariam, mas, em todo o caso, reconfortantes. As mulheres eram, precisou, as primeiras beneficiárias e prometeu levar-me á sede do Movimento Feminino do Istiqlal.

O Paraiso esta debaixo do calcanhar das mães

Era uma encantadora casa árabe, com muros borrifados de flores de buganvílias. A jovem que me recebeu traz uma veste marroquina de seda, de cores vivas, coberta de uma fina túnica de tule bordado e cingida ao corpo por um cinto de metal. Era uma das dirigentes do Movimento Feminino do Istiqlal.

— Há séculos — contou-me — as mulheres muçulmanas conheceram um periodo brilhantissimo: deram ao seu povo muitas professoras e poetisas. Depois, entre os séculos XV e XX, o mundo árabe caiu em sonolência e em nome de leis canónicas — interpretadas por homens — a mulher tornou-se um ser dependente que no campo se transformou mesmo em escrava... Se lhe falassem nos seus direitos, não os saberia reivindicar.

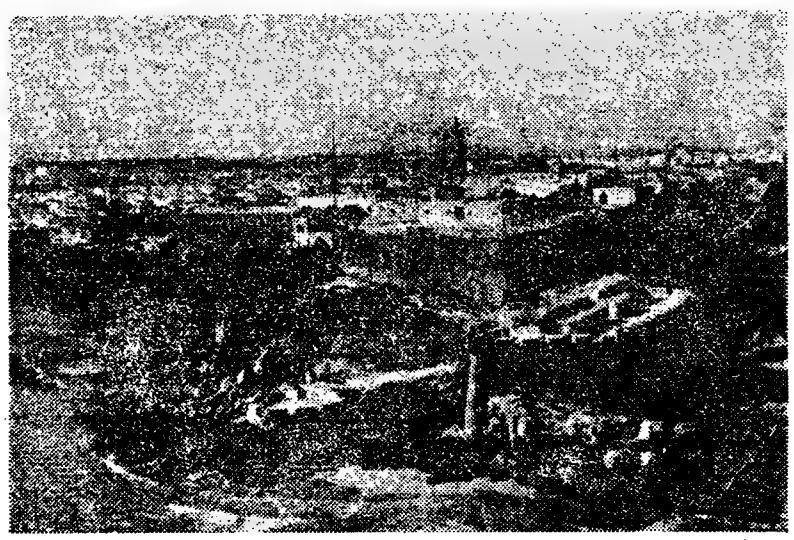
Depois da Segunda Grande-Guerra Mundial esboçou-se um tímido movimento feminino; só, porém, se firmou a partir de 1953, quando homens e mulheres emparceiraram na luta pela independência. Foi um espanto para os homens. Trabalhavam como eles, mesmo nos serviços mais arriscados. Então sucedeu o que tinha de suceder: realizada a independência tornaram-se iguais aos homens. Todos, afinal, passaram a recordar as palavras do Profeta: «O paraiso está sob o calcanhar das mães». Ninguém mais pensou em recusar os mesmos direitos politicos, sociais, económicos e culturais.

O novo código da família

O rei de Marrocos deu o exemplo, permitindo que a filha mais velha deixasse de usar véu e que estudasse. Agora todos sabem que não é obrigação religiosa a mulher amortalhar-se quando sai á rua. O mais importante, todavia, é que deixaram de ser um boneco na mão de pais ou maridos.

Outrora... as rapariguinhas casavam aos doze anos — e mesmo aos sete — podiam ser repudiadas a uma simples palavrinha do marido, ou ver á sua roda uma corte de várias esposas (a lei do Corão autoriza quatro). O «Novo Código da Familia», publicado em 1958, proibe aos pais casarem as filhas antes dos 15 anos e sem o consentimento destas, sob pena de prisão. A mulher divorciada recebe do ex-consorte uma pensão. Finalmente (o que sucede ás vezes quando não há filhos), o homem só pode recrutar segunda mulher com o consentimento da primeira. Esta até pode especificar no contrato de casamento que nunca aceitará partilhar o marido com outra.

Eis um enorme progresso. O reino do homem, senhor absoluto, acabou. Resta fazer um imenso trabalho: 90 % das Marroquinas são ainda analfabetas; a grande maioria vive no campo sem possibilidade de se instruir. Criaram-se equipas de raparigas que vão pelos campos ministrar ás suas compatriotas um ensino de base: governo de casa e higiene. Uma nova revolução em marcha.



Velhas curiosidades

O pêssego é um fruto originário da China. Diz-se que era já muito apreciado... há cinco mil anos.

— Sabe que, em cada cinco mil ovos, há um que tem três gemas? Um cultivador normando afiança ter, recentemente, encontrado um ovo com quatro gemas.

— Quando as gotas de água que formam uma nuvem são muito pequenas, reflectem a luz e por isso a nuvem é branca. Quando as gotas engrossam, absorvem a luz e a nuvem torna-se negra.

— Numa tempestade, em cada nove gotas de água que deveriam cair no chão, só uma chega ao destino. As outras oito evaporam-se no ar.

— Em 1960 foi editado o trabalho mais volumoso do Mundo: foi um dicionário chinês. Contava, nada menos que 5.020 volumes de 170 páginas cada um, o que prefazia a linda soma de 853.400 páginas.

— Os ossos de um pombo pesam menos que as penas. Na verdade, são ocos e servem de reservatórios de ar.

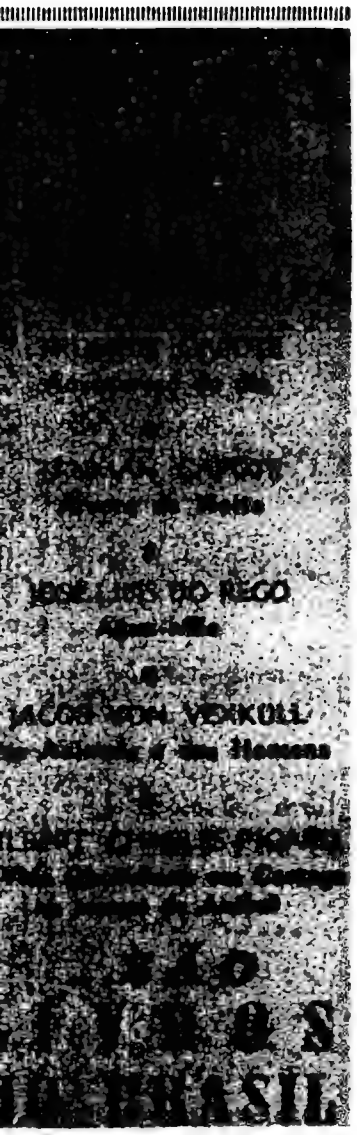
— As moscas azuis crescem muito depressa. Uma hora após a nascença, atingem já o tamanho da mosca-adulta; e as asas estão já completamente desenvolvidas. Mais uma hora ou duas... e ei-la a voar. Felizmente que é um crescimento tão rápido quão curta é a vida destas moscas. Pouco mais resistem que três semanas.

— Nas regiões áridas, em que as chuvas são raras, as plantas têm um desenvolvimento muito rápido. Enquanto se mantém a frescura, isto é, num espaço de poucos dias, a planta nasce, cresce, dá flor e fruto. Morre, mas a semente lá fica, á espera de outra chuvada.

(Continuação da 1.ª página)

os de pedra. Temos portanto de
eitar esse povo como possuidor
uma continuidade de pontos de
ta e de sentido da tradição abso-
amente espantosos, dada a im-
tância das construções mayas,
dição aliás mutável e não for-
lista. Com efeito, a unidade dos
ndes centros — Copan, Vaxactu,
ichen Itza, Uxmal — é feita mui-
mais com um pensamento co-
m do que com um estilo comum,
ilo, de resto, determinado por
e fantástico calendário Maya:
há um edifício que não esteja
nstruído em função de determi-
da data, de uma proporção fixa,
uma decoração precisa, com um
determinado. Há mesmo pira-
des sobrepondo-se umas ás ou-
s, por obrigações de data ou de
al.

lá mais de um século que os ar-
eólogos estudam a antiga região
ya, que se estendia pelos actuais
ados mexicanos do Yucatão, Cam-
che, Tabaxo, pelas terras altas
Guatemala e uma parte das Hon-
as. No entanto, o mistério dos
yas continua intacto. Quem eram
s? Donde tinham vindo? Como e
rquê se agruparam? E porque
ão, em vários períodos da sua
tória, desapareceram bruscamen-
para ressurgir mais tarde? To-



500 ANOS ANTES DE CRISTO OS MAYAS INVENTARAM...

das estas respostas estão ainda por responder concretamente e apenas hipóteses podem ser feitas a tal respeito. Quando os invasores espanhóis desembarcaram, as cidades do Império Antigo estavam havia muito tempo abandonadas e invadidas pela selva. As do Império Novo em breve ficaram em idêntica situação. Que fizeram os Mayas refugiados ao norte do Yucatão, atrás de uma selva que os Espanhóis não puderam atravessar? Teriam reconstruído as suas cidades ou, pelo menos, teriam tido suficiente força para edificar alguns templos ou palácios isolados? Apenas as lendas e tradições nos revelam a existência de determinados conjuntos arquitecturais.

Certamente que até mesmo as partes acessíveis e exploradas do Yucatão, defendidas no entanto por uma luxuriante vegetação, contêm ainda vestígios não estudados, dado o pequeno numero de pesquizadores que estudam a civilização Maya. Com efeito, a era Maya não tem sido explorada racionalmente como o têm sido desde há muito tempo o Egipto, a Mesopotamia ou a Grécia.

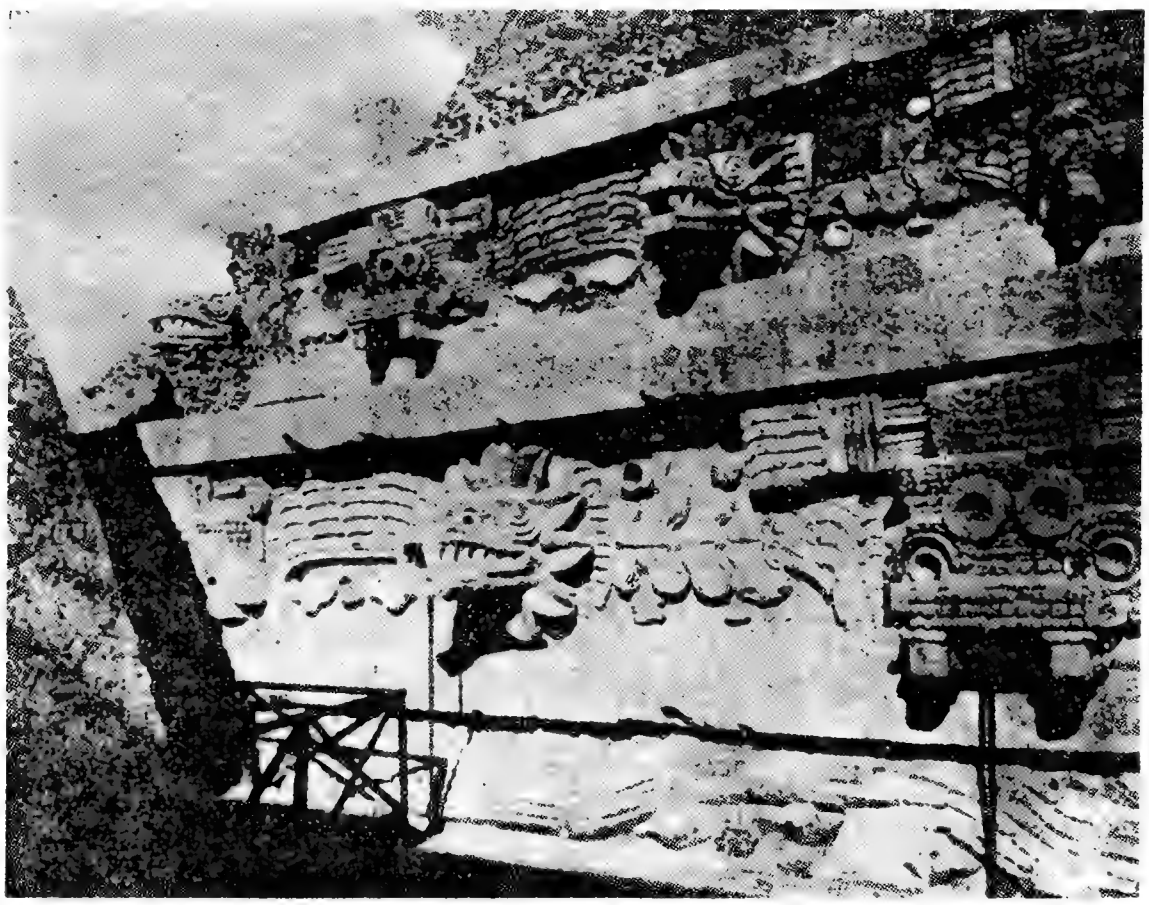
No entanto, nos ultimos tempos o interesse tem aumentado e uma expedição está, por exemplo, a estudar a rede de estradas inca que nos deixa espantados pelo seu tamanho — 16.000 kms. —, rede tanto mais extraordinária quanto parece ter sido unicamente destinada ao correio. Graças a ela, os estafetas incas ligavam Cuzco á costa — ou seja, 400 kms. — em menos de dois dias.

No entanto, as destruições sistemáticas e os roubos feitos pelos invasores espanhóis fizeram desaparecer documentos preciosíssimos onde os arqueólogos de hoje poderiam obter inestimáveis informações acerca das origens dos Mayas. Por exemplo, Don Diego de Landa, primeiro bispo de Menda, achou por bem fazer queimar 259 manuscritos redigidos em papel de fibra de agave que relatavam toda a história maya com um vocabulário de mais de 30.000 palavras. No entanto, com a ajuda do «Popol Vuh», manuscrito escrito em caracteres latinos por um Quiché (povo que sucedeu imediatamente aos Mayas) cerca de 1550, foi possível decifrar o calendário Maya.

Mas, para completar o estudo da língua e, consequentemente, da escrita maya, parece necessário entrar o máximo em contacto com os seus descendentes de raça pura, ainda existentes.

O conhecimento das suas lendas, tradições e costumes será extremamente util, visto que existem ainda cerca de um milhão, entre os quais a tribo dos Lacandões que até agora escapou quase completamente á influência dos brancos e que conservou uma parte das suas tradições religiosas e sociais, vivendo uma existência primitiva mas de uma dignidade perfeita, baseada ainda em sólidas tradições patriarcais.

É, portanto, necessário ir ás fontes, isto é, á língua e á escrita para



Quando os Espanhóis chegaram ao Yucatão, os Aztecas reinavam havia três séculos sobre as ruínas das antigas cidades mayas, especialmente em Palenque, capital do Império Antigo Maya. Aí se encontram construções colossais, piramides e templos decorados com baixos-relevos em pedra e estuque de um realismo impressionante.

De repente, toda essa magnífica cultura desaparece por razões misteriosas. Supõe-se que as terras, esgotadas, não puderam dar mais alimento á população ou que esta não pôde continuar a lutar contra a invasão da selva, ou ainda que os sacerdotes leram nos preságios a ordem de um êxodo que os levou até ao norte do Yucatão onde uma mistura com sangue Tolteca levou, em 948 da nossa era, ao renascimento maya e ao Império Novo, com as cidades de Chichen Itza, Mayapan e Uxmal, conjuntos arquitectónicos dos mais extraordinários que as civilizações antigas nos legaram.

Chichen Itza, capital e cidade santa, foi construída em 514 e bastante aumentada por volta de 987. São dez quilómetros quadrados de ruínas grandiosas; templos imensos, o templo dos Guerreiros, o templo de Quelzalcoatl formado por duas piramides com 33 metros de altura e ornadas com monstruosas serpentes de plumas, o templo de Chac Mool, o deus da chuva...

Uzmal é a mais nova das cidades e a mais perfeita, aquela que seria a Atenas do Novo Mundo. O palácio do governador, o maior monumento antigo da América é decorado com cabeças colossais ao longo de mais de 100 metros de parede; o templo do Mágico e o das Vestais são ornados com serpentes de dupla cabeça...

É uma misteriosa aventura a do povo maya, cuja inteligência demasiado aguda não se soube adaptar a certos problemas técnicos e sociais. Os Mayas inventaram o calendário mais perfeito que jamais houve mas, quando circunstancias exteriores, como por exemplo a invasão espanhola, intervieram, a sua civilização desmoronou-se como um templo sem colunas

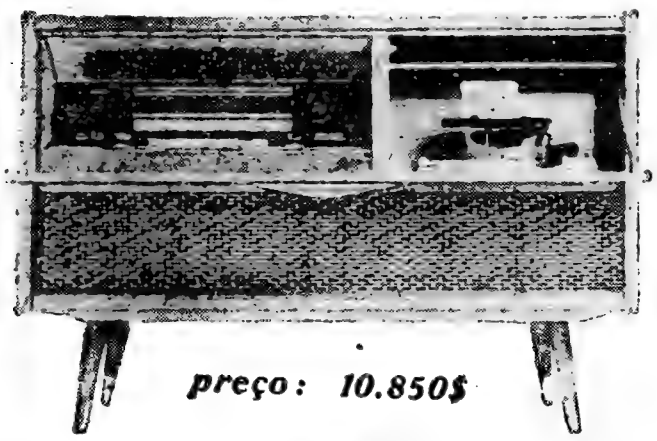
Durante milhares de anos sucederam-se descobertas astronómicas, matemáticas e artísticas, mas nunca ninguém se lembrou de utilizar a roda, inventar uma charrua ou arranjar um sistema de não esgotar a terra. A sementeira do milho nunca foi além da introdução num buraco, aberto por um pau, de alguns grãos. O Império Antigo não caiu: *desapareceu* no dia em que os seus habitantes emigraram por não terem mais terras para cultivar.

E quando Cortez desembarcou, encontrou um império que pôde destruir á sua vontade, pois os Mayas tiveram a pouca sorte de ser a unica civilização antiga que se encontrou, de um momento para o outro, perante uma civilização moderna dirigida por um aventureiro sem escrupulos que soube elevar a crueldade á altura do génio.

Calendário ou Pedra do Sol

Mas quando já nada restar da passagem dos Espanhóis e dos que depois os seguiram, os monumentos de Chichen Itza e os baixos-relevos de Yaxchilan ficarão assinalando a inteligência e a sensibilidade daqueles que os ergueram.

RADIO-GRAMOFONE
ESTEREOFÓNICO
STEREO
SABA
modelo MAINAU 100



Chegou a 1.ª Remessa deste sensacional conjunto!

* Amplificador de 2 canais
* Gira-discos Dual automático

preço: 10.850$

A VENDA NOS AGENTES DA
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

SAIBA COMER

A ÁGUA NA ALIMENTAÇÃO RACIONAL

A necessidade de água corresponde a profundas exigências do nosso organismo. Sem ela a vida seria impossível — e isto diz tudo.

Privado de qualquer alimento mas tendo água á vontade para beber, um cão pode viver bastantes dias. Sem água, a morte sobreviria rápidamente A necessidade de água é, pois, mais premente, que a de alimentos sólidos. De resto todos sabemos por exeperiência própria, que a fome se acalma por si mesmo, enquanto que a sede, não.

Muitos estudos se têm fejto para desmontar os mecanismos secretos da sede. Antes de gritar a sua necessidade de água, o organismo procura, ele próprio, obviar a esta necessidade. Foi possível pôr em evidência uma verdadeira hormona «anti-sede». Segregada pelos centros superiores do cérebro, logo que falta a água esta hormona tende a refrear as elminaçõesk ela diminui em particular as secreções renais e os desperdícios por via cutanea.

Mas para fazer conhecer a sua necessidade de água, o organismo possui um sinal de alarme simples: a diminuição progressiva da saliva. As superfícies da boca e da língua, normalmente humidas, secam imediatamente.

Mas a água é um alimento?

Ela é indispensável, já vimos nós. Mas não pode ser considerada como um verdadeiro alimento; não fornece calorias, por outras palavras não «queima». Todavia, a água participa no equilíbrio do calor do corpo; quando a temperatura do corpo se torna muito elevada, seja por calor exterior, seja por febre é a água que, pela evaporação, permite um salutar abaixamento.

A água absolutamente pura não se encontra na Natureza. E felizmente, porque esta água que se obtém por destilação é, por assim dizer, uma água morta, sem qualidade alguma.

Pelo contrário, as águas das nascentes ou dos rios podem chamar-se águas dinamicas, contêm numerosos sais minerais assim como gases diversos nela dissolvidos.

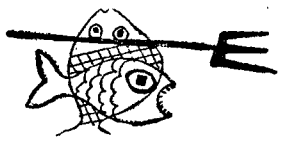
No organismo, a agua desempenha um papel importante. Pelos sais minerais que contém, assegura o equilíbrio electrolítico dos nossos tecidos e mesmo o conjunto de todas as funções. Até mesmo os processos do nosso pensamento exigem igualmente influxos impossíveis sem a presença da água.

Mas entre todas as funções, as da eliminação são as mais indispensáveis, pois é necessário, continuamente, eliminar as toxinas e os resíduos. A água drena todos os resíduos inuteis, o rim filtra o nosso sangue, tem necessidade de água para funcionar. A água representa o mais activo de todos os diuréticos.

Mas também a água deve ser consumida com conta, peso e medida. O seu excesso tem inconvenientes: grandes quantidades podem diluir inconsideradamente o «serum» do sangue, podem ditender os tecidos e as células e refrear a sua actividade.

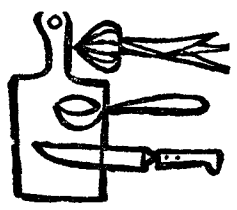
Alimentos de Verão... alimentos de saúde

Uma grande parte dos glucidos ou açucares vem-nos dos frutos, quer sejam consumidos crus ou cozidos e do açucar (em sobremesas,



compotas, queijo branco, etc.).

É nesta época que aparecem nos mercados inumeras frutas e legumes verdes. Mas nem por isso devemos esquecer a batata. Aproveitemos, no entanto, para abandonar um pouco as pastas alimentares, o arroz, os feijões e fazer uma ali-



mentação mais sã, mais rica em vitaminas.

E sobretudo, evitar os cremes, onde os micróbios, com o calor, desenvolvem uma verdadeira cultura; a eles se deve, em grande par-

te, as intoxicações do tempo quente.

Os cremes gelados, compostos com elementos de boa qualidade constituem um alimento completo e agradável de consumir...

Os ovos podem substituir a carne, uma ou duas vezes por semana.

Os queijos não são tão bem tolerados no Verão, como acontece com o tempo fresco.

O leite pode, com vantagem, ser substituido pelo «yogurt».

Os legumes, esses devem ter um lugar de primazia na alimentação

de Verão, assim como os frutos e seus sumos; ajudam a lutar contra o desequilibrio mineral ocasionado pelo calor.

Que fazer, quando falta o apetite, no Verão?

O hábito de comer uma salada crua temperada com sumo de limão, no princípio de cada refeição, é um excelente excitador do apetite. Também a conjugação de cores alegres e apetitosas, ajuda a abrir o apetite: o verde da salsa, o vermelho do tomate, o negro das azeitonas... que belo efeito! Não esqueça, cara leitora, que o povo diz que se come primeiro com os olhos.

E, finalmente, as preparações apetitosas, cuidadas no aspecto dietético, asseguram num pequeno volume, um bom equilíbrio alimentar. Uma refeição que conste de uma salada verde, ou legumes cozidos e uma porção correcta de um entre-

mez á base de ovos, leite e açucar... é uma refeição completa que não sobrecarrega o estômago.

A prática de uma suculenta refeição do meio-dia, carregada com alimentos pesados, em nome de um

equilíbrio de saude, para aliviar a refeição da noite, deve ser abandonada, por errada. Esta refeição é ingerida, precisamente, á hora de maior calor; e uma digestão difícil e laboriosa traz, ao organismo, um trabalho e fadiga suplementares, que se devem evitar a todo o custo. Refeições leves, distribuídas pelo dia, sim.

UMA REVOLUÇÃO NA VIDA DO LAR!

uma SÓ máquina para DOIS trabalhos...

...LAVAR E SECAR

Experimente a ultra-moderna máquina

ALBA-CYGNUS

EM EXPOSIÇÃO E VENDA NOS STANDS DE

Frigaz

Rua Maria, 43-C — Telefone 84 91 03

Uma representação

T L

CANAPÉS DE SARDINHAS

Cortar seis fatias de pão de forma, torrar levemente e untá-las de manteiga. Misturar 100 g de manteiga com 5 filetes de anchovas. Quando a pasta está bem homogénea, barrar abundantemente as fatias. Abrir uma lata de sardinhas e colocar uma em cada fatia de pão já barrada. Deitar sumo de limão, rodear a sardinha com duas fatias de tomates. Servir com rodelas de limão e de tomates. Acompanhar com salada verde, se o tomate não é em quantidade para acompanhamento.

PATO À JARDINEIRA

Preparar o pato e cortar em pedaços. Numa caçarola deitar manteiga, toucinho e um pouco de *bacon;* pôr os pedaços do pato e levar a lume brando. Quando a ave já está bem passada, deitar 6 cebolas pequenas, uma colher de salsa picada, dois dentes de alho, uma cenoura cortada ás rodelas; salpicar de sal, dois grandes copos de vinho branco e um copo de caldo ou água quente. Deixar cozer, com a caçarola tapada, durante 45 minutos. No fim deste tempo, deitar ervilhas frescas, 250 gramas de cogumelos, 250 de pimentos verdes e 250 de batatas novas, inteiras. Salgar e apimentar, ao paladar. Prolongar ainda a cozedura durante vinte e cinco minutos em fogo brando. Deitar os legumes na travessa, colocando por cima o pato. Servir com salada de tomate, sem mais nada.

CREME COM MORANGOS

Fazer um leite-creme espesso, bem açucarado. Esmagar uma porção de morangos, bem lavados, com um garfo e misturar com o creme e gelar um pouco. No momento de servir, enfeitar com morangos inteiros, semi-espetados. Meta no frigorífico, com a posição máxima de temperatura, durante um pedaço. Sirva imediatamente, para não descongelar.

Deve comer-se quente ou frio... no Verão?

Pode bem conceber-se, para os períodos de grande calor, as refeições completamente frias. Comer frio ou fresco não significa comer «gelado». Um recurso muito frequente a estas preparações deste género fatigaria o tubo digestivo.

De qualquer maneira, uma alimentação exclusivamente fria não poderia prolongar-se por muito tempo. Tornar-se-ia, aliás, monótona e seria um segundo factor de perda de apetite.

Mas como nem todos os dias de Verão são igualmente quentes, poderemos bem fazer aparecer, uma vez ou outra, certos pratos quentes. Neste domínio ainda, trata-se de realizar este equilíbrio sem o qual não haverá alimentação racional.

SABE COMER QUEM SABE ESCOLHER

nos restaurantes

BELO HORIZONTE

Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30442

SOLAR BOEMIO

R. dos Correeiros, 125-129—T. 28277

A GAIVOTA

L. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21588

FLOR DE SÃO PAULO

Rua de São Paulo, 96, 98—Tel. 28017

TODAS AS VANTAGENS DA COZINHA CASEIRA

e dum serviço rápido e económico

A cura da leucemia

(Continuação da 3.ª página)

seiam por Paris. A criança, nesse mesmo tempo, é levada ao Instituto do Cancro de Villejuif, onde, durante horas, recebe uma chuva de raios mortais.

De garganta apertada, o médico olha a criança que, confiante, lhe sorri...

No dia seguinte e no outro, medula sã é injectada na criança adormecida com anestésicos. No sexto dia as punções esternais revelam ausência de medula activa e o sangue acusa uma descida rápida de glóbulos e plaquetas.

Vai tentar-se a experiência. Aparece uma mãe que acabara de perder o filho, leucémico; oferece a medula... e tudo recomeça. Mas no dia seguinte, o sangue da pequenina doente continua a perder glóbulos.

É indescritível o desespero dos pais e dos médicos, inclinados sobre a criança na qual a febre persiste, os cabelos caem, os dentes soltam-se... Parece perdida no dia 31 de Janeiro... mas, algumas poucas horas depois, a taxa dos glóbulos começa a subir.

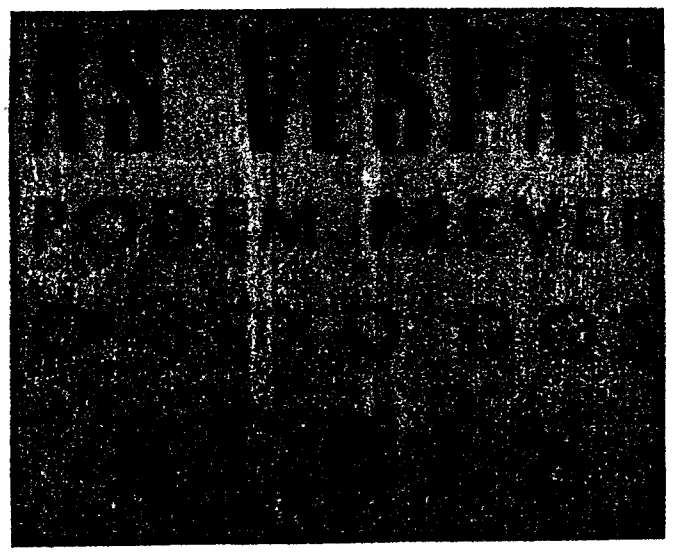
A emoção é extrema. A 3 de Fevereiro, o dr. Mathé expõe os factos. Desenha-se uma esperança; não é ainda uma certeza, pois cinco anos devem decorrer, para que a esperança seja certeza.

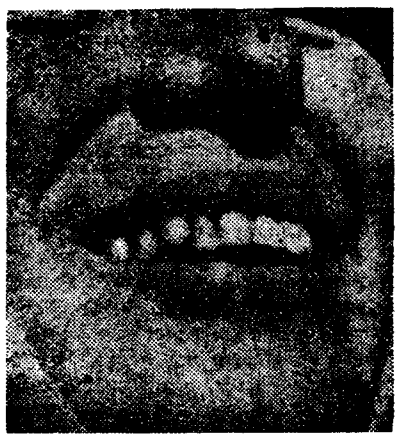
Será excessivo e vão pretender a partida ganha. Talvez ainda muito tempo decorra até que se separe do diagnóstico da leucémia, a imagem da morte sem defesa.

Mas uma esperança nasceu. E é já bastante. O poder do homem é imenso. E o da confiança nesse homem é ainda maior.

Ganhe cem escudos

Dado o grande volume de concorrentes não pudemos classificá-los esta semana, o que faremos na próxima





PONHA À PROVA A SUA PERSPICACIA

Quem são?

BRIGITE BARDOT

CHARLIE CHAPLIN

QUANDO resolvem constituir família, as vêspas pensam, claro está, em construir o lar. Após uma muito breve viagem de núpcias, cada conjuge retoma a sua liberdade. Não há «maison à deux». Num instante, o macho cumpriu a tarefa com que veio ao Mundo; podem agora esperar o fim da existência com a consciência tranquila do dever cumprido. Mas a sorte da femea fecundada é muito menos cor-de-rosa. Para ela vai começar um incansável labor que só terminará com a sua morte. Todas as suas actividades têm agora um unico fim: a perpetuação da espécie. Este será o seu unico pensamento, não agirá senão para conseguí-lo. Durante os dias bons que ainda a separam do Outono, irá construir o ninho pôr os ovos, rodeá-los de belas provisões para o Inverno. Dos filhos nascidos ela não verá mesmo as primeiras asas. Desde tempos imorredouros, as vêspas solitárias assim nasceram e assim morreram, sem que duas gerações se encontrassem.

A mãe, põe ao todo uns vinte ovos. Cada um deles deve ser fechado numa casinha ou célula especial, abundantemente guarnecida de virtualhas. Já vimos como a vêspa consegue o alimento para os filhotes que irão nascer. Muitas vêspas constroem os seus ninhos, outras apenas os abrem na areia, outras ainda aproveitam os lares abandonados pelos coleópteros, muitas tiram partido das cavidades naturais das árvores, dos arbustos e bambus. E para que cada ovo tenha o seu ninho próprio, elas servem-se de tronquinhos finos, que cruzam e «coscm».

Foi justamente observando os costumes destas vêspas que Fabre formulou a hipótese revolucionária segundo a qual o insecto conhece o sexo dos ovos que põe.

Com efeito, a mãe começa por preparar o fundo da cavidade que escolheu. Depõe o primeiro ovo, rodeia-o de provisões e fecha a célula após ela. O segundo ovo será posto no ninho seguinte e assim sucessivamente até o cimo do tunel que ela reboca cuidadosamente.

Lógicamente, será o primeiro ovo posto o que nascerá primeiro, transformando-se na larva, depois no insecto perfeito, impaciente por sair. Para chegar ao ar livre, terá de atravessar dez ou doze células dos irmãos mais novos. Felizmente que a Natureza vem em auxílio da mãe embaraçada. E' de regra entre as vêspas que sejam os machos a nascer primeiro. A vêspa, conhecedora com antecipação do sexo dos seus filhos, começa por pôr nos andares inferiores, as futuras femeas, mais tardias, depondo os ovos dos machos nos superiores. Assim, o assunto fica resolvido sem complicações de maior.

Esta previsão do sexo futuro conduz igualmente a mãe a construir células por medida e a amontoar as provisões em quantidades variáveis segundo o apetite provável do herdeiro.

Porque o grave do problema não reside apenas na morada, mas na garantia de alimentação para várias semanas. E é aqui que o problema se complica singularmente. Estas bocas delicadas detestam o mel e repudiam a carne morta. As larvas da vêspa solitária exigem carne viva e fresca, e isto em pleno coração invernal, quando precisamente as moscas, mosquitos e borboletas e outros insectos desapareceram. De resto a própria mãe irá sucumbir aos primeiros frios. Antes de desaparecer, torna-se-lhe necessário resolver tão magno problema, sem que a espécie desaparecerá da face da terra.

E então, ei-la que parte por aí fora em busca de todos os insectos que possa filar com o aguilhão diabólico: aranhas, lagartas, larvas, grilos, gafanhotos, moscas percevejos, abelhas, formigas — um celeiro vivo para os futuros bebés famintos.

Oito meses mais tarde, depois de uma misteriosa transformação, as jovens vêspas, de fina cintura lendária que rebentam o envólucro em que viveram. Elas sabem que, lá fora brilha o Sol que as espera. Metem-se ao trabalho, abatem as paredes da prisão e lançam-se ás flores, ávidas de nectar saboroso e nele se engorgitam. Depressa virão os trabalhos e as canseiras. Incansávelmente, o espantoso pequeno povo de vêspas se enreda nas engrenagens do seu destino.

UM CONSTRUTOR DE IMPÉRIOS

por ALFREDO BRÁS

Ebora pense, como Seligman, que «o grande homem influi na sociedade unicamente quando esta está preparada para recebê-lo», nem por isso deixo de considerar de grande importancia a interferência da vontade humana na marcha da História. Não será ela o factor predominante, claro está; mas é um factor que também conta alguma coisa. E' fácil alegar que em todas as épocas terão existido Cesares, Robespierres e Napoleões potenciais cuja influência social foi nula por não estar a sociedade preparada para recebê-los e é verdade que é bem ténue e incerta a linha de demarcação entre a zona luminosa onde a História situa os seus herois e aquela outra, bem mais sombria, para onde são relegados os visionários e os fracassados; mas também isso não tira todo o mérito aos herois.

Ambição de domínio — «vontade poder», dirão os psicólogos modernos —, audácia sem limites e concentração de toda a energia vital num unico objectivo, tais são as qualidades dos unicos herois de que nos falam os compêndios de história: os construtores de impérios. A grande inteligência é, neste aspecto, factor secundário, se não impeditivo, e Anatole France teve carradas de razão ao afirmar que «se Napoleão tivesse a inteligência de Spinosa, teria vivido numa mansarda e escrito quatro livros». Os herois, porém, raramente escrevem livros ou, pelo menos, bons livros e não se conformam em viver nas mansardas...

Cecil Rhodes, talvez o mais enérgico e certamente um dos menos escrupulosos de todos os paladinos do domínio britanico em África, foi um dos homens em quem a mais desenfreada ambição, a audácia mais desmedida e a concentração de toda a energia num unico objectivo se conjugaram para criar um desses construtores de impérios.

O maior de todos os exploradores económicos de África, o «rei sem coroa da África do Sul» ou o «rei dos diamantes», como mais tarde lhe chamaram, nasceu em 1853, exactamente no mesmo ano da declaração da independência do Transval e um ano antes de ser reconhecida a liberdade da Republica de Orange. Era o quarto dos sete filhos de um clérigo inglês de Bishop-Stortford, em Herfordshire.

Contava o rapaz apenas dezassete anos e preparava-se para ingressar na Universidade, quando adoeceu gravemente dos pulmões. Seu irmão Herbert residia há algum tempo no Natal, onde o clima era bem melhor do que na brumosa Inglaterra, e a família resolveu entregar o adolescente aos seus cuidados. Nesse Eldorado que era então a África do Sul, Cecil depressa achou a saúde; mas também encontrou diamantes e de tal maneira soube especular com eles que quando regressou a Inglaterra, em 1873, já era senhor de uma fortuna considerável.

A carreira do filho de um clérigo inglês dessa época tinha fatalmente de passar por Oxford ou Cambridge, mesmo quando o rapaz já tivesse evidenciado tão acentuada inclinação pela aventura e pelos diamantes, e Cecil Rhodes, de regresso á sua pátria e dado clinicamente como curado, ingressou na Universidade de Oxford. Dir-se-ia, no entanto, que o destino havia ligado indissoluvelmente o futuro do Império Britanico aos frágeis pulmões desse jovem, ou será pelo menos essa a opinião daqueles historiadores dispostos a fazer depender a marcha da História de acessórios físicos tão secundários como o nariz de Cleópatra. Quanto a mim, estou plenamente convencido de que o destino, essa invenção dos fracos e dos resignados, não poderá ter contado grande coisa na vida de um homem dessa têmpera, embora seja certo que o jovem adoeceu de novo e teve de voltar, no ano seguinte, á África do Sul. E foi só nessa altura que realmente principiou a sua fulgurante carreira de conquistador do Continente Africano.

A primeira tarefa de Rhodes, ao voltar a Kimberley, consistiu em amalgamar numa unica companhia — a «De Beers Mining Company» — as pequenas sociedades que pesquisavam diamantes e entre si se digládiavam numa concorrência feroz. Depois, com uma enorme fortuna consolidada e um crescente prestigio financeiro, passou a dirigir a tentacular ««Chartered», alma dos grandes empreendimentos capitalistas de toda a África do Sul, e dedicou-se á politica, onde também conseguiu um êxito extraordinário. Deputado ao Parlamento do Cabo desde 1881, nomeado ministro das Finanças em 1884 e presidente do Governo da Colonia do Cabo em 1890, Cecil Rhodes encontrava-se apto a dedicar-se integralmente á realização do seu grande e unico objectivo: a expansão do Império Britanico por toda a África, desde o Cairo até ao Cabo.

Parece estar comprovado que Rhodes já alimentaria esse ambicioso sonho imperialista ainda antes de se ter dedicado abertamente á politica e conta-se até que, em 1880, numa reunião por ele organizada em sua casa, teria exclamado, apontando para um mapa do Continente Africano: «Tudo isto inglês, eis o meu sonho!». E foi certamente impulsionado por esse objectivo ainda oculto que Cecil Rhodes, apoiado pela sua privilegiada Companhia, principiara ná algum tempo a anexar territórios a Oeste e ao Norte do Transval, dando assim nascimento á Rodésia.

Essa penetração no interior deve ter sido motivada pelo receio de que os Alemães dilatassem os seus domínios até á fronteira do território português, ou os Portugueses realizassem a sua velha aspiração de ligar Angola a Moçambique, porque tal expansão constituiria intransponível barreira ao avanço britanico para o Norte. Ora, foi justamente no ano em que Cecil Rhodes assumiu a presidência do Governo do Cabo que se deu o conflito diplomático com Portugal, do qual resultou o lamentável «ultimatum» de 1890.

Imperialista até á medula («estudando a história de outros países, vi que a expansão é tudo...»), britanico cem por cento («Paz, Liberdade e Justiça são as mais altas qualidades. Se Deus existe, deve possui-las. A raça inglesa é a que melhor as demonstra. Logo, para servir a Deus preciso dar á raça inglesa a hegemonia do Mundo»), frio e duro como aço, Cecil Rhodes não era, porém, um desses esquizofrénicos que só contam com a violência para atingirem os seus fins. Pelo contrário. Persuasivo, ductil a despeito da sua rijeza, foi um orador emérito e um negociador eficaz. A maneira como Rhodes conseguiu dominar uma insurreição dos Matabeles é bem um frisante exemplo do seu extraordinário poder de persuasão e da sua fria audácia.

Sabedor de que germinava a revolta entre algumas tribos dos territórios africanos por ele anexados á Coroa Britanica, Cecil Rhodes internou-se no deserto rochoso da montanha de Matoppos, acompanhado apenas por três homens, todos desarmados, e ali esperou pacientemente, durante algumas semanas a chegada dos indígenas. Depois, mostrou-lhes que não levava armas e perguntou-lhes quais eram as suas queixas. Surpreendidos e confiados, os Matabeles expuseram-lhas. As negociações duraram cinco horas e á despedida Rhodes disse-lhes de repente: «Então, para o futuro, que haverá: guerra ou paz?». A isso responderam os indígenas lançando as azagaias a seus pés. Terminara a insurreição e os Matabeles tornaram-se seus amigos. Durante a viagem de regresso, Rhodes disse a um dos companheiros: «Vale a pena viver por causa de uma cena como esta».

Todo o poder persuasório de Cecil Rhodes foi, no entanto, insuficiente para convencer o velho Paul Krüger, tipo acabado de conservador «boer» do velho mundo e presidente da Republica Sul-Africana desde 1883.

A colónia do Cabo só em 1795, por efeito dos acontecimentos desenrolados na Europa, tinha passado das mãos dos Holandeses ás dos Ingleses. A princípio não houve dificuldades sérias, porque os «boers» não tinham usufruido de autonomia governativa sob a bandeira holandesa e porque não havia ainda uma colónia britanica numerosa. Mas a descoberta do oiro e dos diamantes motivou tal afluência de Ingleses que Joanesburgo, a cidade do ouro, passou rapidamente de 3.000 para 100.000 habitantes. Depressa surgiram os motivos de litígio entre as companhias mineiras e os «boers»: estes lançavam-lhes contribuições demasiado pesadas. A alta finança, coligada em defesa dos «sagrados interesses da civilização», insurge-se. A Imprensa anglo-saxónica defende os accionistas contra a «rapacidade boer» e, do alto da sua cadeira governamental, Chamberlain denuncia a «tirania ávida e implicativa de Krüger e do seu bando corrupto». O frio Cecil Rhodes perde igualmente a calma e, numa hora má, planeia uma revolta em Joanesburgo e um ataque armado ao Transval. A incursão, comandada pelo seu amigo Jameson, redunda num completo fracasso e Rhodes perde a pasta ministerial e o cargo de director da sua companhia.

Mas foi justamente depois da queda que Cecil Rhodes demonstrou a sua autêntica grandeza, lançando-se então com frenesi na realização do maior sonho da sua vida: a linha de caminho de ferro do Cabo ao Cairo. A primeira vez que pôde falar publicamente da sua grande ideia foi num discurso pronunciado em Inglaterra a 18 de Julho de 1899:

«Quando esta ideia começou a circular pelo Continente, considerou-se como pensamento despropositado, como a impertinência dum homem que pede a Lua. Mas desenvolveu-se e, se esta noite os Senhores me saudam aqui, é porque o projecto passou do reino das ideias para o das realizações práticas».

O projecto de uma linha de caminho de ferro de 11.000 quilómetros de extensão, unindo a ponta extrema da colónia do Cabo com Alexandria, no Mediterraneo, atravessando todo um gigantesco continente inóspito e semidesconhecido, era realmente estarrecedor. Contudo a sua realização colocaria a Inglaterra acima de todos os seus competidores em África, especialmente o Império Alemão e a França, e sòmente isso contava para um construtor de impérios.

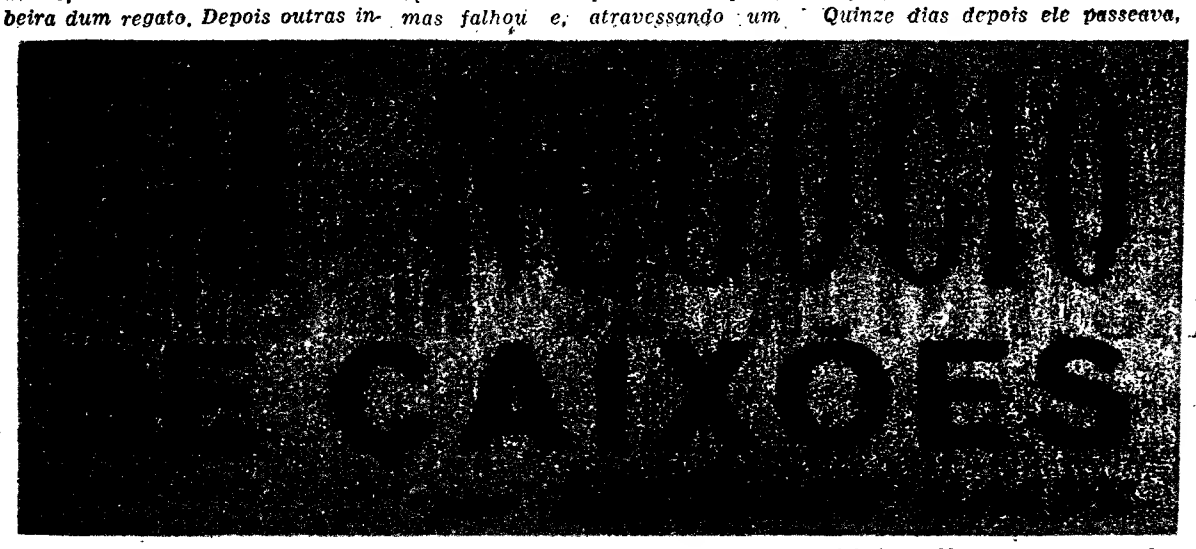
Todas as objecções que se levantaram sobre as despesas, a enormidade do trabalho, o clima, as repeliu Rhodes com estas palavras: «Senhores, este país está nos séus começos e também eu me acho nos meus começos. A minha vida publica acaba de começar... Demonstrei-lhes que temos dinheiro e um projecto... Penso que a empresa absorverá sete ou oito anos da minha existência. Trabalharei para o meu caminho de ferro ao Egipto e os senhores terão de me ajudar nesta obra...».

A esta obra consagrou Cecil Rhodes metade da sua fortuna e o melhor da sua energia. Construiu-a até Salisburg e ás cataratas Vitória, através de 1.500 milhas. Mas a guerra com os «boers» interrompeu todos os trabalhos e, por cruel ironia do destino, foi o próprio Rhodes um dos principais culpados do deflagrar dessa guerra, que deveria fazer malograr o seu desmedido sonho imperialista.

Impossibilitado de prosseguir na sua grande obra, foi para Kimberley e ali dirigiu a defesa da praça sitiada pelos «boers». Um ano depois de terminada a campanha, em 1902, morria inesperadamente.

O seu corpo está sepultado em plena Rodésia, nas alturas dos montes Matoppos. Na lousa cinzenta, que cobre uma cova aberta na rocha a dinamite, pode ler-se a seguinte inscrição: «Here lie the remains of Cecil John Rhodes» (Aqui descansam os restos de Cecil John Rhodes). Nenhum ser humano a cem milhas de distancia, nenhuma flor, nenhuma lágrima de esposa ou de filho. E' por vezes bem triste o fim de um construtor de impérios!

Obras-primas do humor • Obras-primas do humor • Obras-primas do humor



O senhor Lindiger nunca tivera sorte na vida. A coisa começou no dia do baptizado em que um touro furioso esteve a pontos de marrar na mulher que o levava, todo endomingado, para a igreja. Quando lhe vestiram calça comprida, de forma a que, de longe, as pessoas imaginassem estar na presença de um homem, logo no primeiro dia ficou preso a um prego pelos fundilhos, num banco de madeira, á beira dum regato. Depois outras infelicidades e uma extensa série de incidentes se seguiram, uns atrás dos outros.

Por exemplo: caiu do celeiro sobre o mais belo ganso que a mãe possuia, e matou-o.

Não se aleijou e enfeitava-se mesmo para repetir a facécia, pois era bastante gostoso cair em cima dum ganso: uma pessoa julga tombar sobre lã. Mas a mãe não devia ser da mesma opinião, pois Xiquinho provou, pela primeira vez, um marmeleiro que, desde então, entrou nos usos da família.

Seria errado, no entanto, supor que o jovem Lindiger punha sequer um grãozinho de maldade nas suas facécias. As catástrofes sucediam-se sem querer: mal uma desgraça passava, logo outra lhe ocupava o lugar. Na escola, quando, atrás duma porta, esperava um colega para lhe pregar uma partida, sempre lhe sucedia acertar uma reguada no nariz do professor que, por infelicidade, era sempre quem abria a porta.

Mais tarde, na idade em que todo o homem de bem fatalmente se apaixona, ele escolhia ternas donzelas que, por via de regra, lhe puxavam pela ponta do nariz.

Tomou uma duzia de mulheres. Destas, nove casavam-se com outro, depois de haverem jurado casar com ele. Restavam três: uma fugiu com um cavalheiro, outra, por capricho e por engano, borrifou-o com vitríolo e a terceira, por tal sinal divorciada (coisa que ele desconhecia), fez as pazes com o marido.

Quando empreendia qualquer coisa, ela acabava sempre mal. Iniciou a carreira de funcionário. Um dia, á saída da repartição, viu-se ensarilhado numa desordem e, antes mesmo de ter tempo de compreender o que se passava, ei-lo na cadeia. No comissariado encontraram-lhe uma pedra no bolso e, com enorme espanto, soube que lançara pedras sobre a tropa. Apanhou dois meses, perdeu o lugar, apelou da sentença, e agravou a pena para cinco meses.

Montou então um comércio de cosméticos. Instalou-se numa cidadelazinha onde, em 900 habitantes, 280 eram operários de vidrarias. Como é natural, nenhum deles comprou os pós e águas para a beleza da pele, os seus delicados sabões de banho, os seus perfumes, as suas pastas dentífricas e as pomadas perfumadas para o crescimento dos seios e do cabelo. Vendeu, pois, toda a sua mercadoria por uma côdea de pão, a um droguista duma grande cidade, mas ainda não a tinha enviado e tudo ardeu como um fósforo num incêndio que estalou na sua loja.

Resolveu pôr fim aos seus dias. Deitou-se num quarto de hotel, apoiou o cano da pistola á tempora, mas falhou e, atravessando um fino tabique, a bala penetrou no quarto do lado, virou a chávena de chá que um viajante empunhava e foi estilhaçar, na mala deste ultimo o mostruário de licores.

Depois de tantos contratempos não surpreendia ler na cara do sr. Lindiger uma expressão tão triste.

Um dia soube que, por morte do proprietário, um armazém de caixões vendia a existência por baixo preço. Ele não teve necessidade de reflectir muito tempo. Tinha perfeita consciência de que toda a sua mala-pata o obrigava a lançar mão deste tristíssimo comércio.

Imediatamente discerniu a vantagem que teria num negócio de caixões, para que há sempre clientela! «Ora bem — disse de si para si — já vi a morte á frente dos olhos; por que não hei-de, pois, dedicar-me a fazer caixões?» Comprou uma existência bem sortida e procurou local onde se instalar. Um amigo disse-lhe que em Dolmi Opatrovice não existia comércio deste género, nem por grosso nem a retalho e que, além do mais, o clima da região era mau.

Pediu, pois, autorização e três semanas mais tarde, na fachada duma casa de Dolmi Opatrovice, pendurava-se a tabuleta da firma:

FRANCISCO LINDIGER
ARMAZENISTA
Casa especializada em caixões de todos os géneros para homens, mulheres e crianças
Longa experiência

O sr. Lindiger tinha em armazém mais de trezentos caixões, no meio dos quais circulava de sorriso nos lábios. Enfim, uma mercadoria que ninguém podia dispensar.

Uma tarde, no restaurante, no meio dos notáveis do sitio, perdeu um pouco do bom humor: falava-se da epidemia de gripe e ele queixou-se que lhe custava respirar. «Vai passar-lhe num instante — disse um dos convivas — Os ares são muito bons, aqui.

Quinze dias depois ele passeava, cabisbaixo. Nem um comprador para amostra. «Sou um idealista — murmurou — Deus é bom e alguém acabará por morrer». Um mês mais tarde, era uma sombra de si próprio, porque baldadamente tentava atrair compradores, pondo á porta esta inscrição:

VENDAS A PRESTAÇÕES

Todos os passantes tinham a aparência sólida de rochedos. Jazia na loja horas inteiras a suspirar: «Doce Jesus! Como os ares são bons nesta terra!»

As noites, passava-as a sonhar com epidemias de cólera, de tifo; as viuvas lacrimosas e os herdeiros acotevelavam-se á porta da sua loja... Vendia num dia quarenta caixões, depois cinquenta. Morriam famílias inteiras. E ele enviava um telegrama ao fornecedor: «Envie-me 1.200 caixões, grande velocidade».

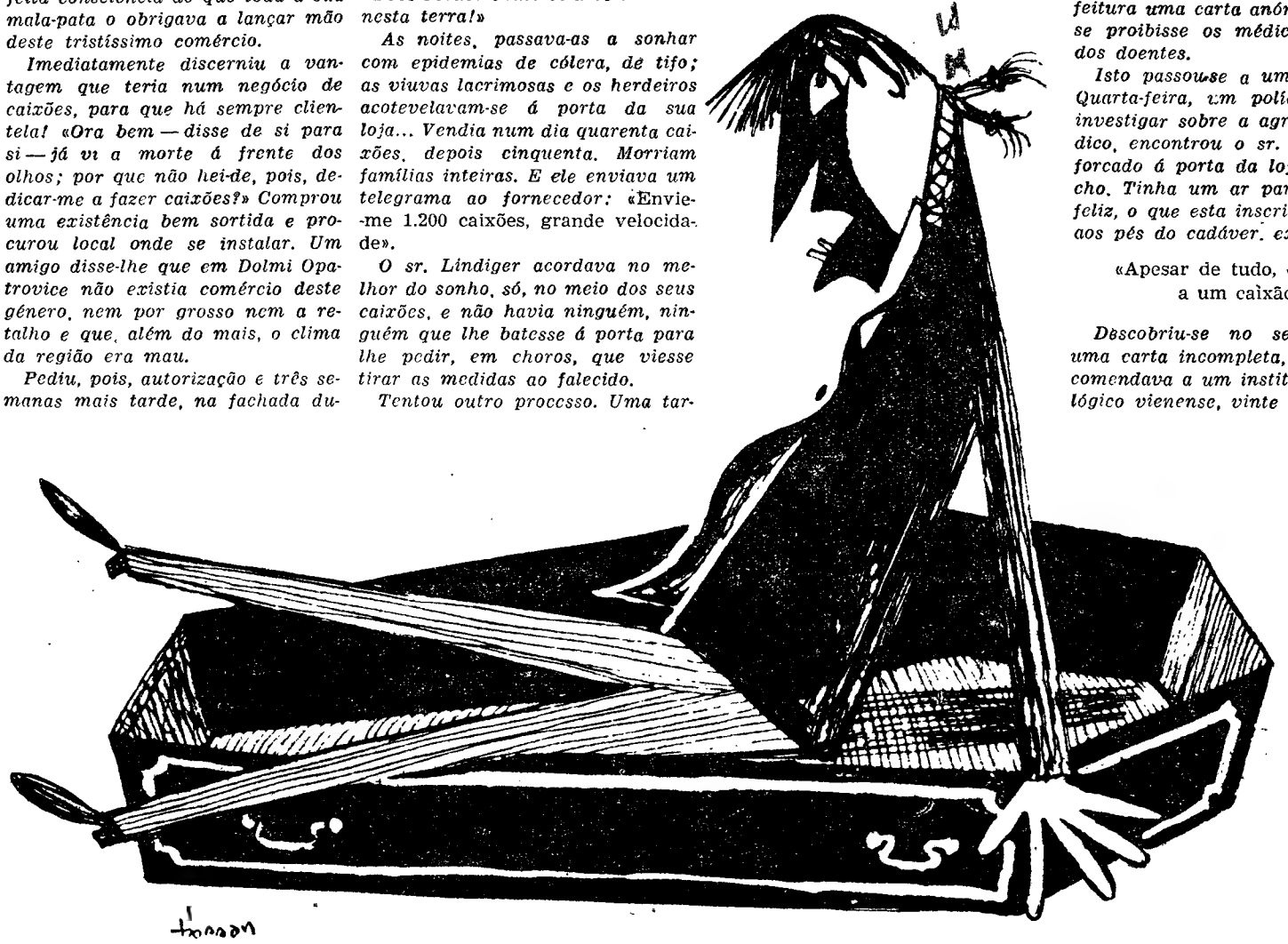
O sr. Lindiger acordava no melhor do sonho, só, no meio dos seus caixões, e não havia ninguém, ninguém que lhe batesse á porta para lhe pedir, em choros, que viesse tirar as medidas ao falecido.

Tentou outro processo. Uma tarde, na conversa do «café», ele pôs-se a contar que, na China, era dos ultimos actos da vida que o homem se ocupa mais. Toda a gente procurava, em vida, adquirir um confortável caixão; o marido oferece-o á mulher, como prenda; os filhos oferecem-no aos pais.

Discursava como um anjo. No fim aprovou este hábito e concluiu, declarando que se deveria fazer o mesmo entre nós e que, pessoalmente, se dispunha a dar um bom exemplo, oferecendo para a quermesse dos pobres, na semana seguinte, um bom caixão de carvalho para ser leiloado. Se o resultado fosse satisfatório, teria muito gosto em dar, como brinde, um caixãozinho para menino a quem lhe comprasse três.

Todos se olharam constrangidos, depois cada um absorveu-se a fitar o seu pires e, por fim, o organizador da festa declarou que só aceitaria objectos que não pesassem mais de um quilo.

Voltou para casa amarfanhado de tristeza e levou a noite a preparar o letreiro que pendurou na montra da loja:



Quem me comprar um caixão, receberá gratuitamente uma linda mortalha de fino pano. Quem me comprar um caixão de criança, receberá gratuitamente uma colecção de belas estampas para pôr no caixão. Toda a encomenda por grosso tem direito a um caixão gratuito por cada dez. Garanto que todo o caixão defeituoso será trocado.

«Se isto não der resultado, já não compreendo nada!» — disse com os seus botões, cheio duma enorme esperança. «Isto», porém, não deu resultado. Tinha alucinações, julgava ouvir soar os sinos... Precipitava-se a perguntar quem morrera e voltava decepcionado.

As coisas chegaram a pontos de ele contar em publico que escrevera ao irmão, médico na Marinha, actualmente nas Indias, onde grassava a peste, para regressar o mais depressa possível.

No «café», afirmava que os pais fariam bem, em prol da saude dos filhos, em mandá-los descalços sobre a neve, para os enrijar.

Um belo dia, despontou radioso. Por infausto acaso, um habitante da cidadezinha atravessara o abdómen com um tiro, na caça, e dizia-se que não resistiria. O sr. Lindiger esfregava as mãos e asseverava que forneceria um caixão como Dolmi Opatrovice jamais vira.

Mas também esta esperança deu em águas de bacalhau. Transportaram o ferido para o hospital de Praga. Lindiger correu grande parte do caminho atrás do carro, a gritar: «Não o levem para Praga! Far-vos-ei 50 % de desconto!» O que ele receava aconteceu, porém: enterraram em Praga, a sua esperança.

Em seguida o médico encarregado da vacinação escolar, recebeu, em plena noite, uma bengalada na cabeça. Correu logo o boato de que o autor não era outro senão Lindiger. Ao mesmo tempo chegou á prefeitura uma carta anónima pedindo se proibisse os médicos de tratar dos doentes.

Isto passou-se a uma terça-feira. Quarta-feira, um policia que veio investigar sobre a agressão ao médico, encontrou o sr. Lindiger enforcado á porta da loja, num gancho. Tinha um ar particularmente feliz, o que esta inscrição, colocada aos pés do cadáver, explicava:

«Apesar de tudo, dei gasto
a um caixão»

Descobriu-se no seu escritório uma carta incompleta, na qual encomendava a um instituto bacteriológico vienense, vinte tubos de bacilos tíficos. Eis um comerciante que não se poupava a esforços.

A FIGURA DA SEMANA

Nikita Kruchtchev

Convidado a visitar Washington, em Setembro, o chefe do Governo soviético viu assim realizada a sua mais ardente aspiração. Quando há quatro anos, em Julho de 1955, se reuniu com o presidente dos Estados Unidos, em Genebra, foi no ambiente de uma conferência internacional em que a sua acção não podia exercer-se com a liberdade de movimentos que lhe dará um diálogo directo e pessoal como o que prepara naquela cidade e que prosseguirá em Moscovo. Pela sua importancia e possíveis repercussões, trata-se de um acontecimento relevante da vida internacional. Poucos poderão equiparar-se-lhe, depois do termo das hostilidades.

E' difícil fazer previsões sobre as suas consequências embora seja opinião corrente que elas contribuirão para modificar o ambiente em que têm decorrido, nos ultimos anos, as relações americano-russas e as relações entre os blocos antagónicos que se formaram á volta dos dois países que emergiram da ultima guerra como superpotências, dispondo de um poderio militar sem precedentes no passado. A ser assim, equivaleria isso a pôr termo á guerra fria a qual domina o Mundo desde o termo das hostilidades em 1954. Como realizar essa tarefa prodigiosa? Seria grave ilusão supor que ela depende de dois homens, por muito poderosos que sejam e por mais discricionárias que sejam as prerrogativas de que gozam. Estas, pelo que se refere ao presidente dos Estados Unidos, são limitadas e condicionadas por um conjunto de instituições e tradições que lhe não permitem a capacidade de iniciativa do seu interlocutor. Além disso, a natureza e gravidade dos problemas que separam o Leste e o Ocidente, os quais dizem respeito a interesses predominantes daquelas potências tornam difícil e morosa a sua solução, se for possível encontrá-la, tendo sempre em vista que a alternativa dessa solução seria a guerra que todos reconhecem ser impossível nas condições actuais. Kruchtchev alcançou, sem duvida, um êxito político; mas pode dizer-se que agora, verdadeiramente, é que as suas dificuldades começam.

EXPRESSO-POPULAR
a VIANA DO CASTELO
por ocasião das Festas da Agonia

Na estação de Lisboa (Rossio) encontram-se á venda bilhetes para um Expresso-Popular que a C. P. realiza no próximo dia 23, de Lisboa (Santa Apolónia) a Viana do Castelo, por ocasião das Festas da Agonia, ao preço de 142$00, por passageiro.

O horário é o seguinte:

IDA—Dia 23: Lisboa (Santa Apolónia), 5.40 p.; Viana do Castelo, 12.18 c.

VOLTA — Dia 24: Viana do Castelo, 2 p.; Lisboa (Santa Apolónia), 8.34 c.

Lotação limitada.

Diario de Lisbôa — De uma semana para a outra

REVISÃO HEBDOMADÁRIA DE FIGURAS E FACTOS

Dia 8

EM PORTUGAL — Regressou do Rio de Janeiro a missão chefiada pelo prof. Caeiro da Mata, que foi convidar o Presidente da Republica do Brasil a visitar Portugal em 1960. ✱ Regressou da Madeira o ministro da Obras Publicas, eng. Arantes e Oliveira. ✱ No Limpopo foi criada uma escola prática de agricultura. ✱ Começaram as festas do Barrete Verde em Alcochete. ✱ Foi inaugurada a estátua do padre Manuel da Nóbrega, em Sanfins do Douro. ✱ Em Galveias, o ministro da Saúde inaugurou um patronato.

NO ESTRANGEIRO — O «Explorador VI» permitirá o envio de um foguetão a Marte, segundo se diz nos meios científicos americanos. ✱ Morreu em Roma D. Miguel Sturzo, que foi figura de relevo na política anterior a Mussolini. ✱ Em todo o Império Britanico se fazem preces por Isabel II e pelo seu bem estar na terceira maternidade. ✱ Na cidade argelina de Tucuman, ocupada por forças militares, houve graves incidentes. ✱ Receia-se em Cuba uma revolta contra Fidel Castro.

Dia 9

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica passou o primeiro aniversário da posse do cargo no hotel do Buçaco. ✱ Na praça de touros da Nazaré foi morto o apoderado El Punteret, quando da apartação do gado. ✱ A Guiné vai oferecer ao antigo governador Sarmento Rodrigues as estrelas de contra-almirante. ✱ Em Angola foi inaugurada uma ponte sobre o rio Lucala. ✱ Está a decorrer a Volta a Portugal em bicicleta, com interesse nas tiradas de montanha que principia agora.

NO ESTRANGEIRO—Em Cuba desembarcaram forças partidárias do antigo presidente Batista. ✱ Há prisões e foram tomadas medidas contra os invasores. ✱ Confirma-se a nomeação do dr. Negrão de Lima para embaixador do Brasil, em Lisboa. ✱ Diz-se que vai ser pedido o título de príncipe consorte para o Duque de Edimburgo, em Inglaterra. ✱ Antes de ir a Moscovo, o presidente Eisenhower pretende conferenciar com os ocidentais. ✱ Chegou á Baía a missão portuguesa ao colóquio luso-brasileiro.

Dia 10

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica recebeu os componentes da missão ao Brasil que lhe deram conta do êxito do convite ao Presidente Kubitschek de Oliveira. ✱ A Procuradoria-Geral da Republica deu o parecer que os funcionários corporativos não podem exercer as suas funções, quando deputados. ✱ Foi nomeado secretário-geral da T. A. P., o eng. Mendes Barbosa. ✱ Foi comemorado o aniversário do despacho 100, que permitiu o ressurgimento da Marinha Mercante portuguesa. ✱ Foi homenageado o poeta Silva Tavares pelos seus 25 anos ao serviço da Emissora Nacional. ✱ Foi inaugurada a carreira de autocarros para o Castelo de S. Jorge.

NO ESTRANGEIRO — Continuam as prisões dos partidários do general Batista, em Cuba. ✱ Uma explosão no porto de Istambul causou quatro mortos. ✱ Em Washington não se esperam decisões finais do encontro Eisenhower-Kruchtchev, mas preparação para a conferência em alto nível.

Dia 11

EM PORTUGAL — O secretário do Comércio censurou publicamente a atitude do Grémio dos Armazenistas de Azeite e o delegado do Governo junto do mesmo. ✱ Foi homenageado o major Sérgio da Silva que deixou o cargo de subdirector do aeroporto. ✱ Foi assinado o contrato colectivo de trabalho da industria farmacêutica. ✱ Apareceu, morto á facada, um vendedor de jornais perto do hospital de Santa Maria. ✱ A guarda fiscal do Barreiro apreendeu 50 contos de contrabando.

NO ESTRANGEIRO — Nas bolsas de Londres e Nova York baixaram os valores de armamento, em consequência da anunciada conferência Eisenhower-Kruchtchev. ✱ O Governo argentino diz-se disposto a reprimir a greve geral proclamada pelos peronistas. ✱ A França fará explodir uma bomba atómica própria. ✱ No Laos, segundo o Departamento de Estado norte-americano, os comunistas procuram suscitar uma situação complicada. ✱ Diz-se que em Cuba se malogrou o movimento contra Fidel Castro.

Dia 12

EM PORTUGAL — Chegou a Lisboa o comandante do colégio de Defesa da N. A. T. O. ✱ Tomou posse o governador de Macau, eng. Silvério Marques. ✱ Na Feira das Industrias, o eng. Brás de Oliveira fez uma conferência á Imprensa sobre a barragem do Cambambe, em construção. ✱ Os corredores da Volta a Portugal, descansaram nas Pedras Salgadas. ✱ O ministro das Finanças concedeu 4.750 contos de empréstimos a várias camaras municipais. ✱ Para a Guiné seguiu uma companhia de caçadores.

NO ESTRANGEIRO—Em Cuba luta-se com armas na mão. ✱ Na Baía começou o IV Colóquio Luso-Brasileiro. ✱ Eisenhower declarou que o convite a Nikita Kruchtchev não representa o abandono da política de Dulles, mas o firme desejo de pôr termo á guerra fria. ✱ Anuncia-se para o Saará uma explosão da bomba atómica francesa. ✱ Archie Moore bateu Ivon Durele e confirmou o título mundial de pesados. ✱ Concluiu a regata Vigo-Lisboa, ganha por Alexandre Black.

Dia 13

EM PORTUGAL — Um pavoroso incêndio destruiu a igreja de S. Domingos, em Lisboa. ✱ Foi baptizado o neto dos condes de Paris. ✱ Alguns ministros estiveram na Escola Técnica da Polícia Internacional. ✱ Foram alterados os preços de alguns adubos. ✱ Anuncia-se a reforma do Ministério do Exército. ✱ Cabo Verde, Macau e Timor vão receber auxílios do continente para a realização do II Plano de Fomento. ✱ O presidente do conselho de administração da C. U. F., D. Manuel de Melo, foi homenageado com um jantar pelos corpos gerentes das empresas que dirige.

NO ESTRANGEIRO — Fidel Castro comanda pessoalmente a luta contra os rebeldes. ✱ Anuncia-se que Eisenhower se avistará com o ministro dos Estrangeiros de Espanha na próxima visita á Europa. ✱ O Governo de Marrocos manifesta-se preocupado com as experiências nucleares francesas no Saará. ✱ Principiou a construção, á entrada do porto de Nova York, de uma ponte suspensa com um arco de 1.278 metros. O comprimento da ponte será de 5 quilómetros. ✱ Na Baía, o prof. Marcelo Caetano foi feito doutor «honoris causa» pela Universidade da Baía.

Dia 14

EM PORTUGAL — Regressou da sua viagem ao Ultramar o sr. tenente-coronel Costa Gomes, subsecretário do Exército. ✱ A Mocidade Portuguesa celebrou o aniversário da batalha de Aljubarrota. ✱ O ministro da Justiça e outros membros do Governo foram felicitados pelo aniversário da sua posse nos cargos.

NO ESTRANGEIRO — Abriu em Santiago do Chile a conferência plenária dos Estados americanos. ✱ O Canadá não tomou ainda decisão quanto a um convite a Kruchtchev para visitar o país. ✱ O êxito obtido pelo satélite «Descobridor» produziu forte impressão no Pentágono. ✱ O Governo de Caracas vai pedir aos Estados Unidos a extradição do ex-presidente Perez Jimenez. ✱ Chegou a Camberra a princesa Alexandra de Kent. ✱ Morreu Henry Garat, que foi galã do cinema há 30 anos. ✱ Alvaro Moreira foi eleito para a Academia Brasileira, na vaga de Olegário Mariano.

Apontamentos de linguística e pitorescos de linguagem

Malha, mágoa, mancha, mácula

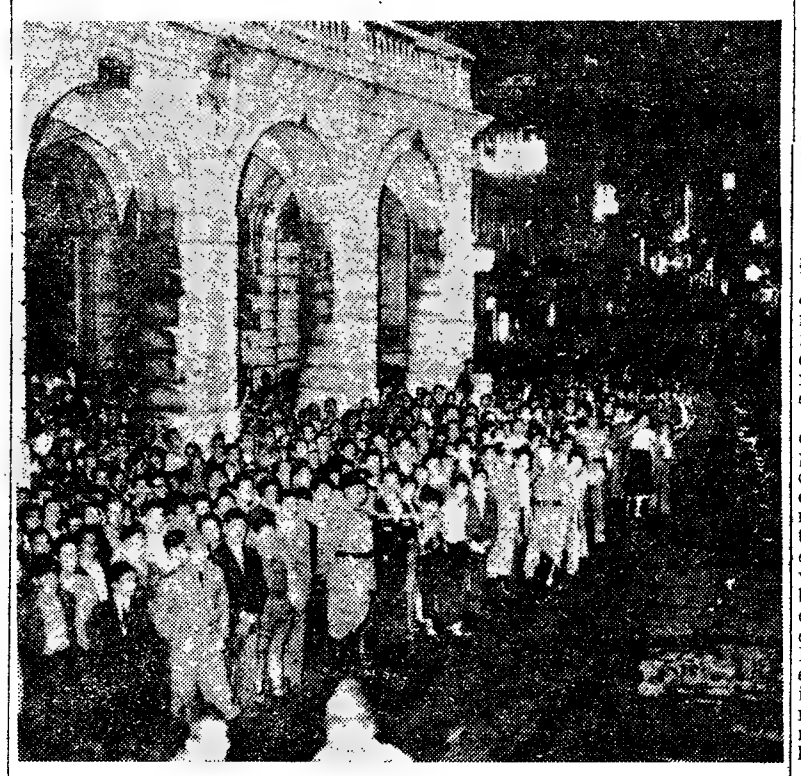
Quatro palavras distintas, uma unica etimologia. Chamam-se estes vocábulos formas alotrópicas. A origem comum é o termo latino *macula* (de onde a forma erudita que lhe mantém a fisionomia intacta: *mácula)*. A palavra *malha* resulta da queda do *u* postónico *(macla)* e da subsequente evolução do grupo *cl* medial para *lh*. *Mágoa* explica-se por sonorização da oclusiva surda intervocálica *c* e queda da consoante lateral *l*. *Mancha*, finalmente, supõe uma nasalação do *a* por influência da consoante nasal inicial, segundo a lei da inércia, a queda do *u* postónico e a evolução anómala do grupo *cl* para *ch*.

A origem dos nomes próprios

São de origem erudita os nomes gregos Cleonte (Klèôn, o glorioso), Platão (Platôn, largo de ombros), como Alexandre (Alèxandros, o inimigo), Péricles (Pèriklês, o muito ilustre), Agesilau (Agèsilaos, o condutor do povo), Demóstenes (Dêmosthênês, a força do povo), etc., e bem assim muitos outros Filipe (Philippos, aquele que gosta dos cavalos), Teodoro (Thèodôros, o presente de Deus), Dinis (Diónisos, o deus do vinho e da alegria). Vêm em contrapartida, do latim os nomes próprios Félix (Feliz), Augusto (o magnifico), Cláudio (de *claudus*, o coxo), Fábio (de *faba*, a fava), Flávio (de *flavus*, o loiro), Tibério (relacionado com *Tibre)*. De origem hebraica são por exemplo, os nomes Jaime, Jacques, Diogo, Diego, Iago e Tiago, James, todos eles provenientes de Jacob, que em italiano deu ainda Jacopo e Giacomo. De origem germanica, Frederico, Francisco, Luís, Matilde, Carlos, etc.

Carecer

O verbo *carecer* (do latim *carescere)*, geralmente empregado como sinónimo de *precisar*, significa, em rigor, ter falta de alguma coisa que já se possuiu.



Pouco antes das 21 horas do dia 13 do corrente as chamas reduziram a escombros a igreja de São Domingos, um dos mais antigos e bonitos templos de Lisboa. As labaredas e o fumo erguiam-se alto, num quadro de tragédia que não esquecerá a quem o presenciou das ruas da Baixa, que se encheram de povo

O RISO DA SEMANA

VIDA FAMILIAR

— Nunca está contente. Agora diz que as luvas de borracha se rouperam!

A verdade dos provérbios

As paredes têm ouvidos mas o pior é terem boca para contar o que ouvem.

*

Maria vai com as outras se as outras vão para sítio que lhe agrada.

*

Amor com amor se paga quando não há outra moeda.

*

O amor é cego, por isso se faz tanta asneira por não ver as coisas como elas são.

*

Não deixes para amanhã o que não podes fazer hoje. Não faças hoje nem amanhã.

*

Antes que cases olha o que fazes ás outras a quem prometeste casamento.

*

Deus dá o frio conforme a roupa de quem tem roupa.

*

Quem dá aos pobres empresta. Adeus!...

Estamos livres e perigo

Podemos estar todos descansados porque, mesmo que houvesse guerra, Lisboa não corria o risco de ser invadida por carros de assalto. Já não há lugar algum para arrumar.

RAZÃO FORTE

— Você não tem vergonha de bater dessa maneira numa criança de seis anos? Qual foi o delito dela?

— Disse que eu era muito parecido consigo.

FILOSOFIA

Pensamento dum grande filósofo:

Se não consegues realizar os teus sonhos, vê se realizas ao menos os teus pesadelos.

UMA GORJETA

Foi em 1911. Tinha acabado de sair a Lei do Registo Civil. O conservador do 4.º Bairro foi, com o seu ajudante, fazer um casamento num palacete dum bairro chique. Casa rica, ricos móveis, riqueza por todos os lados. Grandes «toilettes» de gente bem. Ao fundo do salão um amplo arco dava passagem para outra sala, onde já estava posta a mesa para um riquíssimo copo de água.

No final do acto um dos padrinhos dirigiu-se ao conservador a perguntar quanto teria de pagar.

— O meu ajudante já faz a conta, respondeu o conservador.

Entretanto, muitas das pessoas presentes foram assinando o registo, o que fatalmente aumentava a verba a pagar, á razão de dois tostões por cabeça e, só no fim de todas as assinaturas feitas, foi possível apurar a despesa que, com todas as alcavalas, era de 14$800 reis — ainda não tinha sido feita a reforma monetária.

Com uma grande dignidade o solicito e generoso padrinho se apressou a liquidar a conta, entregando ao ajudante do conservador a quantia de quinze escudos. E como este rebuscasse no bolso os dois tostões de troco, o outro acudiu logo com um gesto impeditivo:

— Não vale a pena. Não vale a pena...

— Não vale a pena, digo eu, acrescentou o ajudante largando sobre a mesa o dinheiro do troco

E não valia realmente a pena tanto incómodo por coisa tão pouca.

— Já te disse que não se mastiga de boca aberta.

Regeneração

Aquele pobre bêbado era um desgraçado. Queria regenerar-se mas não conseguia. Chegou mesmo a estar dez dias sem beber e ficou tão contente, tão contente com a sua resistência ao vício que, para festejar a vitória da sua força de vontade, convidou uns amigos para um beberete e então é que foram elas... Voltou ao princípio.

O pijama trágico

A mulher comprara-lhe um lindo pijama, com as mais lindas e variadas cores que jámais se tinham aplicado em qualquer tecido e esperava ansiosa que o marido chegasse a casa para gozar a alegria do seu deslumbramento ante aquela maravilha.

Qual não foi, porém, a sua decepção quando o marido atirou com o pijama para cima da cama vociferando:

— Eu quero lá isso! Com essas cores berrantes nunca seria capaz de adormecer...

E começou a primeira tragédia conjugal!

Perguntar por perguntar

Um sujeito que anda com a pedra no sapato sente-se maguado?

Um rapaz que faz pé-de-alferes é tão modesto que nunca pensa em fazer pé-de-tenente?

Porque é que as pessoas que sabem adivinhar o futuro não apanham a sorte grande?

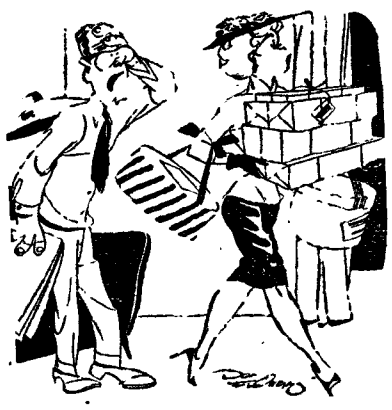
O marido da centopeia quando entra em casa fora de horas trás os 100 sapatos na mão?

Um homem preso por bigamia pode dizer que recuperou a liberdade?

Quando o marido chega a casa de manhã cedo a cara-metade pode acusá-lo de chegar tarde?

O vinho verde pode ser branco?

Que perigo!



— Quê? O teu clube nomeou-te tesoureira?

Filosofia de gatuno

Dizia aquele meliante:

— Já não vale a pena ser gatuno porque a justiça fica por um preço que não compensa. Vale mais trabalhar e ganhar a vida honradamente como os outros.

TRISTE REALIDADE

Discutir com a própria mulher é o mesmo que ler jornais antigos: traz tudo que já estava dito cem vezes e a gente não pode fazer á mulher o mesmo que faz aos jornais velhos.

Verdades como punhos

Se não fosse o calor o Verão era uma linda estação.

Se não fosse o frio o Inverno era a estação ideal.

Se não fossem as moscas o Outono era a melhor estação do ano.

Se não fossem as flores a Primavera era uma estação como as outras, que também não prestava para nada. Até podia ser um simples apeadeiro e ninguém reclamava.

Os bons negócios

Grande negócio: vender um terreno a um cliente e no dia em que ele vier reclamar que o sitio é muito humido vender-lhe uma bomba para chupar a água e dar-lhe de brinde um tubo de aspirina.

Se o cliente não se calar e não quiser usar a bomba é vender-lhe um fato de banho e uma canoa de borracha.

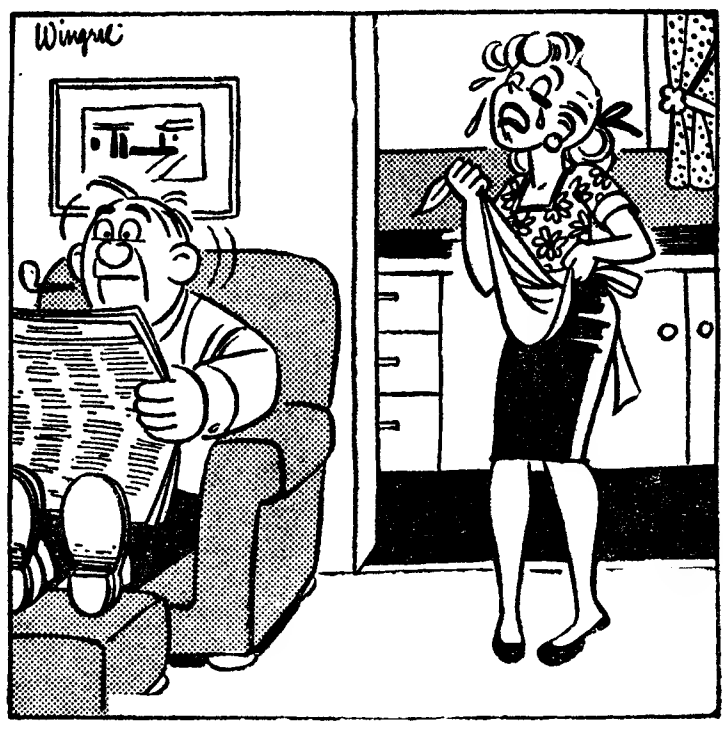
A causa da calva

Disse o barbeiro:

— O senhor está completamente calvo. Já experimentou o novo preparado que se anuncia agora por toda a parte.

— Não foi disso.

VIDA FAMILIAR



— Convida quem quiseres para vir jantar, porque o frigorífico avariou-se...

Hóspeda exigente

— Encontrou um rato no seu quarto? Naturalmente por vinte escudos por dia, queria encontrar um esquilo, não?

Automóveis aéreos

NOVA YORK — A companhia Curtiss-Wright vai começar a produzir em Novembro um «automóvel aéreo» — um veículo sem rodas que se desloca sobre terra ou água num «colchão de ar comprimido», não tem rodas, transmissão ou mudanças e desloca-se a uma altura de 15 a 30 centímetros da terra ou da água. — (R).

Já nunca mais há sossêgo
Lá nos espaços sidéreos
Pois tudo se vai ver grego,
Ao que se diz, pelo emprego
Dos automóveis aéreos.

Essa nova maravilha,
Oriunda de novas modas,
Pode correr muita milha
Sem ter asas, nem ter quilha
E até mesmo sem ter rodas.

Aquilo vai pelo ar
A voar a pouca altura
Sobre terra ou sobre mar,
Se vôo se pode chamar
A tal modo de andadura.

Não toca no mar nem toca
No térreo chão ressequido,
Pois como a notícia foca
Tudo aquilo se desloca
Num colchão de ar comprimido.

E esse é o ponto singular
Que ao invento dá mais fama,
Porque se houver um asar
E o carro se esbarrondar
Já lá estão todos na cama.

A. F.

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

Quase sempre o feitiço se volta contra o feiticeiro

Texto integral do conto de
WILLIAM DE MILLE

A melancolia outonal ia já alastrando pelos campos e as folhas amarelecidas envelavam-se pelos caminhos. Havia no ar um cheiro a terra humida em resultado das primeiras chuvadas, com intermitências de céus lavados, muito transparentes e profundos, e diluvios de Sol em nostálgicas despedidas. Era tempo de voltar á cidade e na pequena casa de campo, acolhida entre as sombras do bosque, faziam-se os ultimos preparativos para o regresso.

Terminadas as férias, o proprietário da vivenda, Judson Webb, empenhava-se nas definitivas arrumações, colocando nos respectivos lugares, bem resguardados, os apetrechos de pesca, a caçadeira e respectivas munições e tudo o mais que contribuia para regalo das suas despreocupadas vilegiaturas. Era todo o seu enlevo aquela casinha rustica, all erguida e mobilada sabe Deus com que sacrifícios; e entrava dentro dele uma turbação magoada quando fechava aquelas portas, despedindo-se até ás próximas férias. Mas tinha de voltar ao trabalho, ao burburinho da cidade, ao enervante ambiente civilizado...

De repente, Judson franziu as sobrancelhas e murmurou quaisquer palavras que denunciavam a sua contrariedade. Estava junto do pequeno *bar*, que all ajeitara com amorável interesse, embora, normalmente, não bebesse. Por isso só agora, já prestes a abalar, reparava no facto que tanto o aborrecia: entre todas as garrafas intactas, havia uma, apenas com metade da bebida—precisamente aquele magnífico *whisky* que nem provara ainda!

Judson ficou furioso, mas dominou o assomo de cólera com um sorriso zombeteiro eameaçador...

— Então, Judson! — advertiu Márcia, a mulher dele —. Está tudo pronto!... E' preciso ver onde pára o Alec, pois são horas de partirmos e não podemos abalar sem que ele venha fechar a água e tomar conta das chaves...

Alec, um camponês das vizinhanças, tomava conta, a troco de pequenas gratificações, daquela ede outras rusticas moradias na ausência dos donos.

— Ouviste? — insistiu a mulher, já no limiar da porta, com uma maleta na mão.

— Ouvi!... Ele deve estar a arrumar os barcos — respondeu Judson, que pegava na garrafa encetada.

Aproximando-se, Márcia não pôde conter a sua admiração:

— Que é isso, Judson? Então vais beber a estas horas? Lembra-te de que ainda nem sequer almoçaste!...

— Estás muito enganada, querida! Não vou tirar nem uma pinga da garrafa!... Pelo contrário: vou lá meter alguma coisa!...

Enquanto dizia isto, Judson, abrindo a mão, deixou cair pelo gargalo da garrafa duas bolinhas brancas.

*

A mulher olhava-o assombrada e transida, pois conhecia-lhe bem o génio e sabia o que significava aquele tom escarninho e o malicioso piscar dos olhos.

Judson falava excitado e ia agitando a garrafa para dissolver o que deitara na bebida:

— Quem quer que foi que teve a audácia de beber do meu *whisky*, há-de voltar a prová-lo, quando estivermos ausentes, e então saberá, por amarga experiência, que melhor fora nunca lhe ter tocado!...

— E' alguma droga que possa fazer mal?... — arriscou ela, inquieta.

— Olá se é!... Só te digo que não haverá antídoto que lhe valha!... E quem beber morre mesmo!

Dizendo isto, com diabólica e premeditada satisfação, Judson arrolhava cuidadosamente a garrafa. Depois, colocando-a entre as outras, intactas, exclamou, brilhando-lhe nos olhos o desejo de vingança:

— Pronto! Sua Excelência, o ladrão, pode vir quando quiser! E que lhe faça muito bom proveito!...

— Judson! — insistiu a esposa, branca como a cal da parede —. E' horrível o que estás a fazer!... E' um assassínio premeditado!

— A lei — volveu ele, rabioso — não me chama assassino, se eu der um tiro num homem que entre em minha casa para me roubar! E, que eu saiba, também não é ilegal utilizar-se a gente de venenos para matar ratos! Se o *rato* vier e entrar, sem meu consentimento, para me roubar, só ele será responsável pelo que lhe possa acontecer. Não poderá dizer que a culpa foi minha...

— Não faças isso, Judson! — suplicou a mulher —. Se a lei não condena o roubo com a pena de morte, que direito tens tu!...

— Quando se trata de proteger a minha propriedade, quem faz as leis sou eu! — replicou ele, num tom de decisão inflexível, que dava ideia do rosnar de um cão ao qual quisessem tirar o osso...

— Mas o grande crime, Judson, resume-se em alguém ter bebido uns goles de *whisky!* E quantas pessoas têm feito o mesmo, sem o mais pequeno castigo?! Ai Judson, Judson!...

— Pois comigo as coisas são de outra maneira! Tanto faz que roubem cinco dólares como cem!... Um ladrão é sempre um ladrão... A importancia do furto não interessa!...

Márcia, profundamente angustiada, fez ainda uma ultima tentativa:

— Ouve, Judson: só voltaremos aqui na próxima Primavera, e eu não poderei suportar a ideia de que fica armada esta ratoeira, com a morte á espreita! Supõe tu que nos acontece alguma coisa. e ninguém sabe deste horror?!...

— Pois sim... mas correremos o risco! Se nunca me tivesse aventurado, não teria conseguido o que consegui!... Vendo as coisas pelo lado pior, suponhamos que morro de repente! Serás a minha herdeira universal!... Que mais queres?

E rematou a frase com uma gargalhada seca, verdadeiramente demoníaca.

*

Era inutil tentar convencê-lo — e Márcia bem o sabia! Judson enfrentava as coisas a seu modo, sem se importar com as opiniões dos outros ou as consequências dos seus gestos, por mais violentos que fossem.

Vencida, mas não convencida, a mulher afastou-se, murmurando:

— Vou indo... Gosto de me despedir desta paisagem com todo o vagar... Quando tudo estiver pronto, vai ter comigo!

E ia pensando, de si para si:

— «Vou adiante, para avisar a mulher do Alec... Alguém terá de saber!...».

Ouviu ainda Judson replicar-lhe, alegremente, com impressionante indiferença:

— Está bem, querida! Vai andando, que eu não tardarei a apanhar-te!... E quanto aos ladrões, não te aflijas! Se o *rato* não cair novamente na tentação, nada lhe sucederá... Tudo depende dele!...

Quando a mulher se afastou, Judson deitou um ultimo relance de olhos pelas suas coisas tão carinhosamente arrumadas... De subito, veio-lhe qualquer coisa á ideia e bateu na testa, para avivar a lembrança: faltava ainda arrecadar as botas altas, que estavam lá fora, a secar... E saiu para ir buscá-las, quando reparou num vulto que surgia na curva da estrada, dirigindo-se para a sua casa. Era Alec, que, ainda lá longe, lhe acenou, jovialmente, com o chapéu de abas largas.

Judson tornou a entrar no compartimento que servia de cozinha e de sala-de-jantar e onde improvisara o *bar*... Ao aproximar-se, porém, da mesa, escorregou no pavimento humido e foi bater desamparadamente, com a cabeça na pedra da chaminé.

Daí a pouco recuperava os sentidos. Amparava-lhe a cabeça dorida e azoinada o braço forte, protector, de Alec, que procurava animá-lo, falando-lhe na sua voz rude de camponês:

— Então, que é isso, patrão!... Que é que foi?... Vamos... não é nada!... O senhor é um homem rijo!... Precisa é de tomar qualquer coisa que lhe dê forças!... Espere... E' só um momento!...

Momentos depois, o rustico ajoelhava, de novo, ao lado de Judson, pegava-lhe suavemente na cabeça e chegava-lhe um copo aos lábios:

— Vamos, patrão! Beba... É *whisky*... e do bom!... Eu que o diga!...

Atordoado, ainda meios consciente, Judson bebeu até á ultima gota o conteudo do copo que Alec enchera com a bebida da garrafa encetada...

VISITA AO ALGARVE E A SEVILHA

Com o fim de proporcionar aos srs. passageiros maiores facilidades para a visita simultanea das provincias do Algarve e da Andaluzia durante a época de Verão, a C. P. fará circular diáriamente os comboios semidirectos 8.011 e 8.012 (os conhecidos rápidos do Algarve) nos seguintes períodos: o comboio 8.011 de 24 de Julho a 5 de Outubro; o comboio 8.012 de 25 de Julho a 6 de Outubro.

São assegurados, nos refridos períodos, também diáriamente as respectivas ligações de barco e autocarro de, e para Ayamonte Huelva e Sevilha

Peça informes e folhetos nas principais estações ferroviárias.

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«AMBOIM» 17 de Agosto	Com escala por Leixões, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes (se necessário), Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.
«VERA CRUZ» 22 de Agosto (às 16 horas)	Para: Luanda e Lobito. Carrega de 16 a 19 de Agosto
«PUNGUE» 29 de Agosto	Com escala por Leixões, para: Principe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçâmedes. Carrega até 27 de Agosto.
«PÁTRIA» 7 de Setembro	Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário). Carrega até 4 de Setembro.
«UIGE» 23 de Setembro	Com escala por Leixões, para: Luanda, Lobito e Moçamedes. Carrega de 15 a 18 de Setembro.
«LUANDA» 26 de Setembro	Com escala por Leixões, para: Luanda, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Moçambique e Nacala. Carrega em Lisboa até 24 de Setembro.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 18 de Setembro (às 12 horas)	Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 28 de Agosto 28 de Setembro (as 16 horas)	Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).

Chama-se atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

4 Rua de S. Julião 63—Telefs 20131 8—PORTO Rua Infante D Henrique, 9—Tell 23342

INDÚSTRIA DE CERÂMICA

LAMINADOR DE 4 CILINDROS

FIEIRAS DE VÁCUO — Doseadores lineares — Destorroadores — Laminadores — Misturadores remolhadores e outras máquinas construidas nas nf Fábricas sob licença de "Le Matériel Céramique Moderne" Marselha - França.

CORTADORES AUTOMÁTICOS — marca "Lingl"

FORNOS — Continuos e Túnel

SECAGEM ARTIFICIAL e ALIMENTADORES PNEUMÁTICOS — sistema "Klostermeyer"

ACTIVADORES DA SECAGEM NATURAL — sistema "Shag"

VENTILADORES — Tiragem forçada, recuperação de calor e arrefecimento de fornos.

FABRICO EM LIGAS ESPECIAIS de: camisas para cilindros — hélices, pás e rebordos para fieiras — agulheiros, registos, válvulas e grelhas para fornos

INSTALAÇÕES COMPLETAS DE FÁBRICAS

ESTUDOS PROJECTOS · ORÇAMENTOS

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

E FÁBRICAS VULCANO E COLARES

RUA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, 5 • LISBOA

PORTO — PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º / TELEFONE 24771

DE VEZ EM QUANDO ...

De joelhos

por João Patrício

Anda por aí acesa a batalha travada á volta de um magno problema da moda feminina, que põe frente a frente dois critérios opostos quanto á colocação das saias abaixo ou acima do joelho. Problema duplamente estético e moral, ele está a revolucionar o mundo feminino e, por reflexo, o mundo masculino, tão intimamente ligado, pelo sexo e os sentimentos, ao clima social da mulher.

A questão, agora posta ao bom gosto estético e ao bom senso da frivolidade feminina, restabelecerá, com o tempo, os animos e firmará as atitudes a seguir pelos adeptos das duas correntes em conflito. Da discussão académica e do sufrágio das opiniões expendidas publicamente tirará, cada mulher, as achegas psicológicas que mais se coadunem com o seu modo de sentir o problema. E as mulheres são, neste como em todos os demais aspectos, insondáveis caixinhas de surpresas. Aquelas que tenham a consciência de possuir uns bonitos joelhos, não deixarão passar a oportunidade, que a moda lhes faculta, de os mostrar, se bem que menos aos homens do que ás outras mulheres. Como, porém, a grande maioria os tem inestéticos, esperaremos que a maior parte das mulheres se vista, no próximo Inverno, com saias abaixo do joelho.

Quanto á atitude dos homens, no fundo, ela poderá reduzir-se ao seguinte, e de certo modo lógico ponto de vista: nas nossas mulheres, saias abaixo do joelho; nas outras, acima dele.

Mas, vendo bem, um joelho humano só atingirá a verdadeira beleza (dentro do superior critério valorativo de beleza, o moral) quando se prosternar, em humilde atitude de piedade e de contrição, ante o altar da crença, sincera, devota, nessa altura, e só nessa altura, o joelho (no caso vertente, da mulher) surge em toda a sua transcendental beleza. Então, ele pode ficar abaixo da saia, porque o cobrirá a roupagem da fé e da virtude.

*

Saias abaixo, saias acima do joelho? «Laissez passer le temps»...

Jornal dos jornais

O Jornal da Madeira — Diário de Coimbra — Diário do Alentejo

Falemos claro

Os jornais publicaram a notícia de que esteve no Porto Santo, a missão encarregada de estudar as bases das obras do aeródromo, acompanhada de alguns representantes de companhias interessadas na sua construção.

Ora, isto não nos alegrou nada, porque corremos o risco de ficarmos mais alguns anos (!!!) sem ouvir falar em aeródromo na Madeira, como outrora, quando vieram os hidroaviões.

Sabemos que o Governo tem boa vontade em nos servir — pois já o ano passado pôs 30.000 contos á disposição da Junta Geral do Funchal, para as expropriações de Santa Catarina.

Até uma certa altura os trabalhos andaram rápidamente, até se chegou a pôr em concurso o fornecimento de areia para a construção de moradias para os expropriados — depois esfriaram e agora não sabemos a quantas andam.

Qual a razão de não terem esses trabalhos continuado com aquele ritmo inicial? Será porque o local não tem as condições necessárias? Será porque o do Porto Santo é suficiente para assegurar as comunicações aéreas com a Metrópole? Ou andará política no caso?

Se Santa Catarina não tem as condições exigidas, porque não se procede imediatamente a trabalhos num outro lugar que dê melhores garantias de eficiência?

O aeródromo do Porto Santo não é bastante para assegurar as comunicações entre a Madeira e a Metrópole devido á distancia que há entre as duas ilhas. Não se diga que se hão-de pôr lanchas de grande velocidade e dotadas de tudo o que há de mais moderno para comodidade dos passageiros, porque ninguém, certamente, estará disposto a viajar durante 3 horas entre Lisboa e Porto Santo e dali á Madeira durante umas incómodas 4 horas.

Se anda política no assunto — o que parece o mais certo — o caso é outro. Os senhores encarregados de estudar e realizar um trabalho tão importante deixem a política para outros assuntos que não prejudiquem uma população inteira.

Antes de mais é preciso não esquecermos que é licito sacrificar o bem particular em favor do bem comum e não o contrário.

Todos os Madeirenses estão a ser prejudicados com a demora do aeródromo da Madeira: as bordadeiras por falta de trabalho; os produtores e operários de obras de vimes por falta de compradores; os que vivem do turismo por falta do mesmo; os que desejam deslocar-se a Lisboa em caso de urgência por falta de transportes e de um modo geral todos sofrem com o atraso de correspondência urgente, que ás vezes demora oito dias entre a Madeira e Lisboa.

Com tudo isto, o que cremos é que o aeródromo da Madeira seja construído o mais breve possível e que o do Porto Santo se realize depois, como em princípio tinha ficado assente, porque pode acontecer que uma vez feito o do Porto Santo a Madeira continue com o seu maior problema por resolver.

A. V. S.

(*Jornal da Madeira*, do Funchal).

Uma americana

fez o 2.º grau em português numa escola de Angra do Heroísmo

ANGRA DO HEROISMO, 30 de Julho — A esposa de um funcionário do comando do destacamento norte-americano estacionado na Base Aérea das Lajes, senhora Marcia Matles, tendo manifestado o desejo de aprender português fê-lo com tão boa vontade que na ultima quinta-feira se apresentou a exame na Escola Infante D. Henrique.

No final do exame o director escolar ofereceu á aluna um exemplar do livro «Descobrimentos portugueses», do prof. Damião Peres, tendo escrito a seguinte dedicatória: «Homenagem ao destacamento americano estacionado na Base Aérea 4, das Lajes, na pessoa de Marcia Matles, no dia da aprovação do seu exame do 2.º grau».

(«Diário dos Açores», de S. Miguel)

Em defesa da classe piscatória

No passado mês de Junho esteve na Nazaré, procedendo a um inquérito, por incumbência da Junta Central das Casas dos Pescadores, o sr. capitão de Mar e Guerra, sr. Marcos Garin.

Este inquérito visa a recomendar e a pôr em prática medidas de carácter transitório que possam minorar as dificuldades com que vêm lutando a numerosa classe dos pescadores. Entre outras pessoas o sr. comandante Marcos Garin, consultou o presidente da direcção da «Liga dos Amigos da Nazaré» que lhe deu algumas sugestões sobre o assunto.

Entre outras medidas sugeriu-se a autorização a conceder a barcos a motor de pequena tonelagem (cercadoras) para a pesca de todas as espécies inclusive a sardinha entre S. Martinho do Porto e Vieira de Leiria.

Esta sugestão que a ser posta em prática viria, segundo cremos, atenuar a crise que se tem verificado na Nazaré em especial no ultimo Inverno, foi escutada com o maior interesse, sendo de crer, e isso esperamos, que venha a ser considerada dentro do conjunto de medidas que a Junta Central da Casa dos Pescadores proporá superiormente para atenuar a crise que nos tem assoberbado.

A «Liga dos Amigos da Nazaré», a quem não pode ser de modo algum indiferente, a sorte da classe piscatória, pôs todo o seu interesse na defesa das medidas que julgou adequadas para atingir o fim em vista.

(«Nazaré», da Nazaré)

4.500 freiras

nativas africanas

A sua conta, só nas Missões das Irmãs Brancas («Soeurs Blanches») trabalham 1.616 Congregações de Irmãs Africanas, distribuidas por 159 Missões. Três destas Congregações são autónomas e uma tem já 30 anos de completa independência.

As Missões de Angola e Moçambique deram já a nota católica e colorida de vocações de raparigas africanas, a participarem no apostolado da vida activa de diversas Congregações.

Mas existem já no Continente Africano também as freiras de vida contemplativa: Carmelitas pretas, no Congo Belga e no Camarão e bem assim as contemplativas da Trapa, nesses mesmos territórios.

(O Domingo, da Beira)

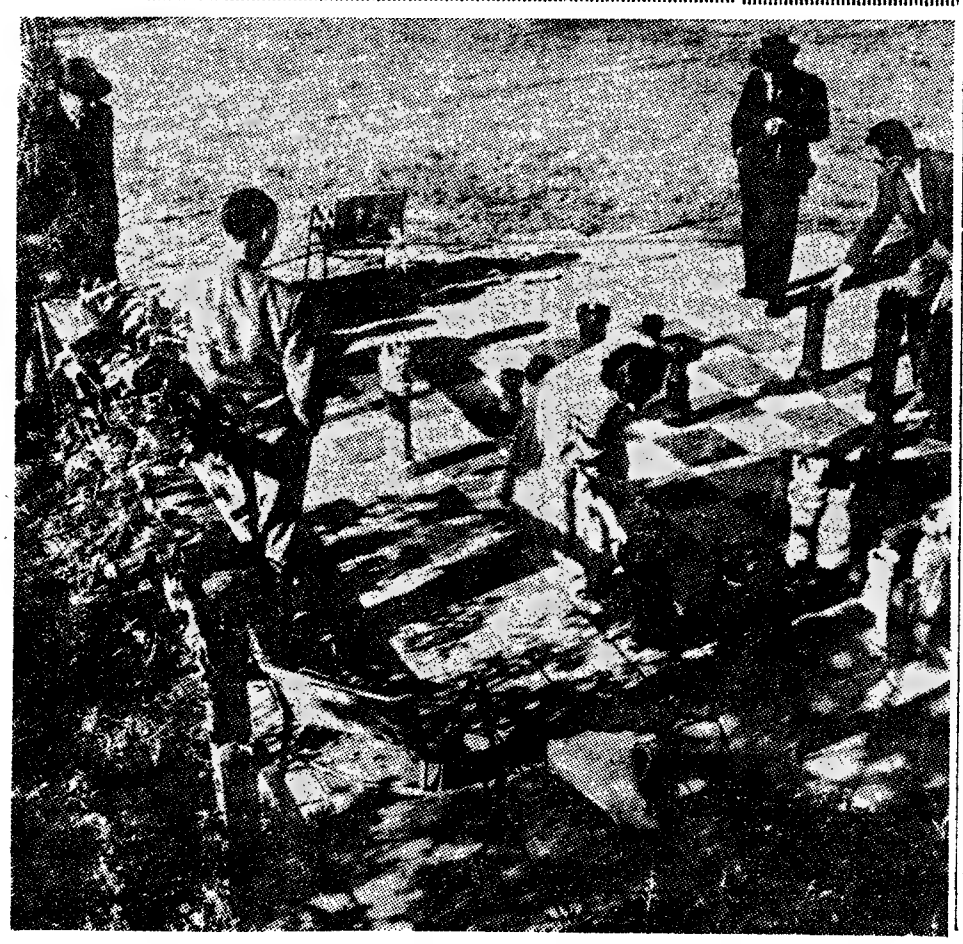
O hotel de Porto Santo

Por estranho que pareça, a verdade é que leva mais tempo a construir e pôr a funcionar um hotel no Porto Santo, do que a fazer um aeródromo.

Várias vezes nos referimos a este assunto, emitindo a opinião de que o hotel deve ser organizado pelas empresas hoteleiras da Madeira, por considerarmos esta solução indispensável ao nosso turismo. Não vale a pena repetir argumentos e voltar a expor razões. Parece-nos porém, ser tempo de começar a construir-se o hotel do Porto Santo.

(«Voz da Madeira», do Funchal)

Xadrez ao ar livre



Especialistas na arte de atrair turistas, os Suíços multiplicam-se em exposições sobre os mais variados temas. A acrescentar á variedade das exposições, o carinho posto na sua realização e a superabundancia de atracções que as rodeiam. Na nossa gravura, apresentamos um jogo de xadrez gigante construido no ambiente plenamente florido da 1 Exposição Suíça de Horticultura. Como se vê, o jogo tornou-se violento e mais espectacular. Depois do futebol de salão, o xadrez ao ar livre...

A volta ao Mundo (13)

Finlândia

SUPERFÍCIE — 337.009 quilómetros quadrados.

POPULAÇÃO — 4.336.000 habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Helsinquia (412.000 habitantes, capital); Turku (112.000); Tampere (117.000); Lahti (42.000); Pari (44.000).

GOVERNO — A Finlandia é uma republica constitucional. O executivo é exercido pelo Presidente da Republica eleito por um colégio eleitoral de 300 pessoas eleitas pelo povo. O Parlamento é constituido por 200 membros, eleitos por 3 anos, em sufrágio universal.

O Presidente da Republica é Urho Kekkonen; o presidente do Conselho, Veino J. Sukselainen.

CLIMA — A Finlandia é em geral plana. O clima é rigoroso com Inverno longo e frio, cheio de neve. O Verão é seco e quente. Clima são.

MONTANHAS — A maior elevação do território é o monte de Halditjokko, com 1.323 metros acima do nivel do mar.

RIOS — Rios importantes são o Kami, com 482 quilómetros de extensão, Oulu, Pyha, Kymi. A par dos rios é de notar os lagos — nada menos de 30.000, que ocupam 44.000 quilómetros quadrados. Os maiores são o Saimaa, com 1.760 quilómetros, e o Paijanne, com 1.574 quilómetros.

EDUCAÇÃO — A educação primária é livre e obrigatória até os 15 anos. Há 373 escolas secundárias e três universidades.

AGRICULTURA E INDUSTRIA — O solo finlandês está aproveitado: 3 % em culturas, 5 % em pastos com 1.827.000 bovinos e 565.000 ovinos, e 33 % de bosques. A industria principal é a das madeiras, seguindo-se a do papel, ferro, lacticinios.

CAMINHOS DE FERRO — 4.953 quilómetros.

ESTRADAS — 63.460 quilómetros.

REDE FLUVIAL — A rede navegável é de 49.900 quilómetros.

RELIGIAO — A grande maioria do país segue a religião luterana. Há liberdade de cultos.

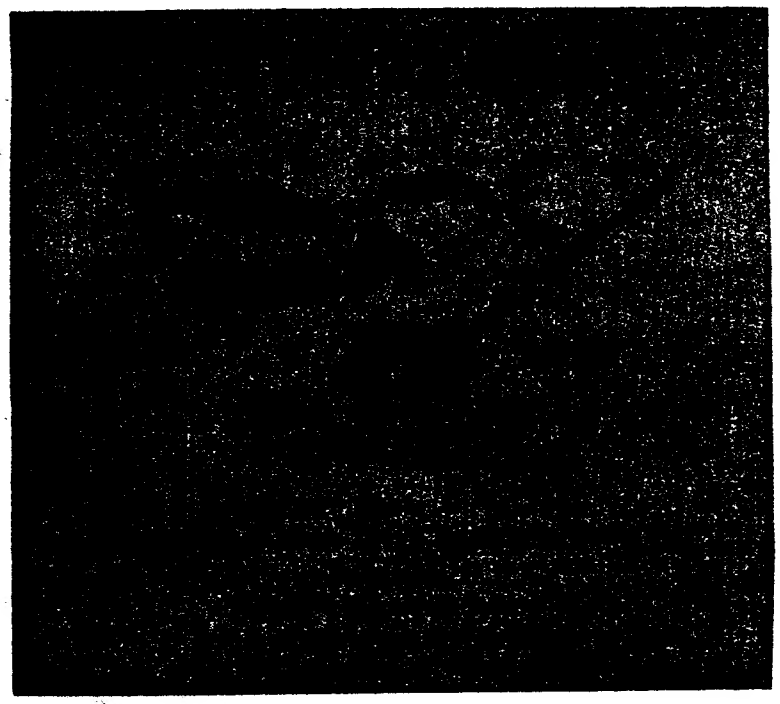
MOEDA — A unidade monetária é o marco finlandês.

LINGUA — O idioma oficial é o finlandês, sendo muito falado o sueco.

LITERATURA — A literatura finlandesa própriamente começa só depois de 1830, uma vez que até então o sueco era a língua dos literatos. Entre os principais escritores contam-se Elias Loennrot, J. Krohn, Ahlqvist, Pietari Paivarinta, Juhani Aho.

ARTISTAS — Entre os artistas finlandeses salienta-se o grande musico Sibelius.

Esta é «mademoiselle» Anne Larrouguère, que em Nova York foi eleita «Miss França da América». Aqui a vemos ao chegar a Paris, onde passará adoráveis férias, como prémio da sua beleza



O QUE PENSAM OS JOVENS DO NOSSO PAIS

Depois de uma série de depoimentos de jovens franceses, vamos hoje, como prometemos, iniciar uma nova fase desta nova e muito apreciada secção do «Juvenil»; vamos recolher opiniões de jovens portugueses, publicamo-las com o comentário de um dos directores do nosso suplemento e continuaremos a atribuir o prémio de dois bons livros á melhor crítica conjunta ao depoimento e ao citado comentário.

Começamos com a publicação de um trabalho do Amigo n.º 367 (velho amigo, portanto), Armando Delfim Hasse Ferreira.

É um jovem com 16 anos, que acaba de concluir o 7.º ano com 16 valores e frequentará no próximo ano a Faculdade de Medicina.

Fora das horas de estudo, os assuntos que mais lhe interessam são a literatura, a arte, o cinema e a filatelia (espécie de férias no intervalo de ocupações mais absorventes). Os seus autores preferidos são Mauriac, Steinbeck, Huxley e Erico Veríssimo. Lê muito pouco autores portugueses.

(Continua na ultima página)

FECHA A JANELA

por Alice Vassalo Pereira

Ela estava sentada á beira da cama. A cabeça entre as mãos, lágrimas nos olhos tristes, ela prolongava o olhar para muito longe, para além da sua janela fechada. Doía-lhe a cabeça. Devia ter febre. Soltou um suspiro vago. E foi então que a outra apareceu.

— O que tu tens é calor!

E chegando-se junto da janela abriu-a de par em par. O luar envolveu aquele quarto escuro. Ela continuava triste. Mas naquela altura levantou a cabeça e olhou para o céu. Estava uma noite linda. As estrelas brilhavam, brilhavam muito e pareciam rir desdenhosas, ciosas do seu esplendor. Lá muito em cima a Lua sorria. Muito redonda, mais parecia uma bola de prata passeando pela imensidão.

A Lua brilhava... As estrelas brilhavam... E ela estava triste! Só ela não sorria, só ela não brilhava!

Tudo parecia fazer troça dela: a Terra, as pessoas, a Lua, as estrelas...

A cabeça continuava a doer-lhe...

Tornou a segurar a cabeça com as mãos e num soluço gritou para a outra:

— Fecha a janela!

RESULTADOS DO CONCURSO PORTUGAL E A JUVENTUDE

1.ª SÉRIE — dos 16 anos em diante.

1.º PRÉMIO — João Jorge Antunes de Matos (Moimenta da Beira): «Os muros do desespero», por Hervé Bazin, da Editora Arcádia, «A verdade em primeira mão», por Joyce Cury, da Ed. Arcádia, «O que é a Física», por Rómulo de Carvalho, da Editora Arcádia, «O homem nu», por Francesco di Franco, da Editora Arcádia, e «A vida nos outros mundos», por Herbert Spencer Jones, da Editora Arcádia.

2.º PRÉMIO — Marília Mendes Soares (Lisboa): «Os muros do desespero», por Hervé Bazin, «A vida nos outros mundos», por Herbert Spencer Jones, «O segredo de Luca», por Ignazio Silone, «O homem nu», por Francesco di Franco, e «Que é a Física», por Rómulo de Carvalho. São todos volumes da Editora Arcádia.

3.º PRÉMIO — Maria Helena e Maria da Graça Duarte Tavares (trabalho de equipa) (Lisboa): «Os muros do desespero», por Hervé Bazin, «Antologia do conto moderno», por João Gaspar Simões, «O segredo de Luca», por Ignazio Silone, «O homem nu», por Francesco di Franco. São todos volumes da Editora Arcádia.

4.º PRÉMIO — José Moura Pimenta (Queluz): «Fonte Amara», por Ignazio Silone, de Publicações Europa-América, «A vida nos outros mundos», por Herbert Spencer Jones, da Editora Arcádia, «O homem nu», por Fran-

(Continua na página central)

A sóbria e triste luz da Lua raiava melancólicamente entre as trevas. O silêncio daquela noite parecia-me mais pesado e infeliz do que nunca. A doca, envolvida na escuridão, estava deserta e desamparada. Um pouco além, o mar agitava-se feroz e cruel, esperando a todo o momento um corpo, uma alma, para vitimar e demolir nas suas severas garras. Mais ao longe, cortando o nevoeiro, um farol cumpria a sua labuta. Os seus raios de luz incidiam rápida e inconstantemente, fiéis ao seu rotativo movimento.

A noite, lentamente, abria as suas portas. A monotonia pairava sobre a natureza.

Lenta e nervosamente, eu ia avançando ao longo do cais. O ruído dos meus passos quebrando as trevas, vincavam a fu]ebre aparência daquela noite. Continuava avançando, melancólica e pesadamente...

...O meu corpo, indiferente a tudo, era um paradígma com o meu pensamento. O meu cérebro trabalhava... tentava repescar algo invisível e misterioso no meu pensamento que pudesse concretizar. Nada porém me surgia. Nada... O meu futuro era negro como a noite...

No dia anterior, ao sair do exílio, onde cumprira penosa mas lealmente a minha pena, não me haviam surgido quisquer obstáculos. Ao transpor as pesadas portas da penitenciária, sentia-me feliz, confiante, tudo me parecia claridade... Sentia-me orgulhoso de mim próprio. Havia-me regenerado, acreditava em mim, acreditava na concretização dos meus novos projectos para a vida. Tolo! Como me enganava... Como me enganava ao pensar que liberdade sintoniza alegria e felicidade... Como me enganava ao pensar que não havia maldade entre os homens libertos e bons... Das inumeras casas onde tinha pedido trabalho, a resposta tinha sido negativa. Desde escriturário a estivador, procurei tudo e... tudo me foi adverso.

Recordava naquele momento de agonia os maravilhosos dias da minha infancia. Recordava os anos que passei pelos bancos do liceu, em que o futuro me sorria, em que todos me adivinhavam o futuro, um caminho sem espinhos, coberto de rosas. Eu acreditava e, afinal... eram tudo esperanças! E um dia Deus quis que eu pecasse... Morreram as esperanças, queimaram-se as ilustões, surgia finalmente a verdade a descoberto na Natureza!

Caminhava agora, penosamente, cortando a noite, com destino desconhecido, pisando eu próprio as alegrias e os sonhos que me haviam florescido. Umas gotas de água rolaram-me pelas faces, causando-me vivos arrepios de medo e de vergonha. Chorava... Com os olhos nublados de lágrimas, olhava através do infinito, do ocaso, como que suplicando perdão, tentando descobrir no vácuo uma luz, uma estrela, que me guiasse, que me indicasse o caminho da verdade e da honra.

— Era incrível — meditei. — Eu que nos meus tempos de garoto cobrira aquelas velhas e agrestes pedras do cais, brincando, dando-lhe alegria, a alegria da minha juventude, fazendo dele o meu lar, arranjando nele carinho e conforto, chorava agora sobre ele, buscando o mesmo conforto, carinho e pão.

Nervosamente, corri enlouquecido, gritando por alguém que me ajudasse, que me desse o perdão dos arrependidos. Ninguém porém surgiu. Corria invariávelmente, acobardado pelo pavor

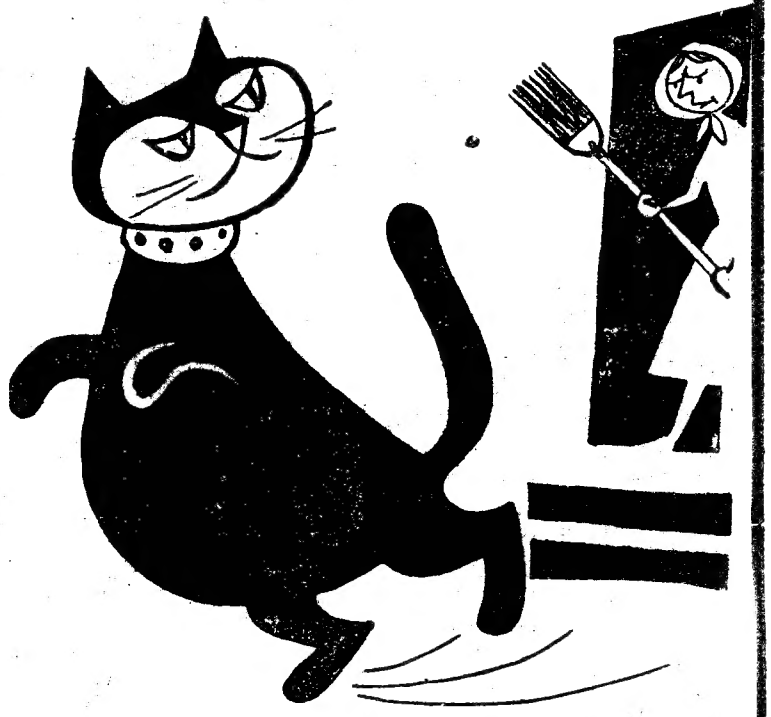
(Continua na ultima página)

ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS...

VALENTIA COBARDE

O «Fly» era um gato excepcional: no tamanho e na inteligência. Tinha um pêlo negro, lustroso, uma barriga enorme que abanava como um leque, quando andava e grandes bigodes façanhudos. E a inteligência, essa só se pode descrever dizendo que parecia... um cão. Não é exagero, não. O «Fly» ia á caça com os donos, brincava as escondidas com as crianças, conversava com toda a gente, claro está no seu miau eterno. Mas fazia-se entender, tal a entoação que dava a esse miau.

Mas o «Fly» tinha um defeito muito grande: era um animal excessivamente amimado. E tal como acontece com as crianças, tornara-se um bichano mal educado, teimoso, insolente mesmo, caprichoso. Só comia sopas feitas com pão do fino e bom azeite



puro de oliveira, o peixe não devia ter espinhas — que as espinhas só servem para os gatos ordinários — e devia ser peixe do bom... compradinho para ele. E da carne, deixava as peles e os nervos, como alguém com dentadura postiça.

A vida sedentária e familiar que levara desde nascença dera-lhe uma visão da vida contrária á dos demais gatos. Não corria atrás dos pássaros, nem mesmo quando os via á mão de semear: olhava-os gulosamente, tremia o queixo e pelas barbas escorria a saliva da gula. Mas nada mais. Das querelas com os outros gatos saía sempre vencido, arranhado e maltratado. E nem de propósito, os outros gatos da vizinhança tinham-lhe um ódio de morte; nascera entre ele e a restante espécie, uma má vontade semelhante á que se adivinha, surda, entre a criança faminta e maltrapilha, mas que conhece a vida, quando vê um menino bem posto, agarrado ás saias da mamã. Sempre que lhes era possível... tareia para cima. Pobre «Fly», a vítima da civilização. Ele que nascera para correr os telhados, para chupar as espinhas, sem querer saber se eram de carapau ou de sardinha, ele que fora feito para lutar pela subsistência quotidiana, vivia como um pachá rodeado de odaliscas que até lhe traziam a comida á boca, quando o apetite faltava...

Ora, um dos maiores inimigos do nosso amigo «Fly» era uma gata que morava mesmo ao lado, porta com porta. Mas esta gata era o contrário de «Fly»: corajosa, caçadora, destemida, corria com todos os intrusos que apareciam á porta. E detestava o pobre «Fly», porque a irritava tanta pieguice. Para ela, a vida era pão, pão, queijo, queijo. Quando se esqueciam de lhe dar de comer, ela mesma o buscava. Um dia chegou até a meter no papo um lindo canário da vizinha. Que panico nesse dia. A infeliz gata que, dos antepassados tinha herdado aquele gosto venatório e o paladar especialmente apurado para as aves canoras, não percebeu porque apanhou do dono, da criada do dono, da vizinha do lado e da criada da vizinha. E não apanhou de mais ninguém, talvez por ter dado ás de Vila Diogo.

Desde esse dia, a inimizade entre os dois bichanos cresceu ainda mais. Nem se podiam ver de longe, sequer. Mas o «Fly» é que ficava mal, em boa verdade. De nada lhe servia o físico alentado. Era como aqueles gigantes de feira, vencidos ao primeiro «round». Levava dentada de criar bicho. E durante horas ficava a bufar, debaixo da cama do dono, arfando desconfiado ao menor ruído de passos cautelosos, verdadeiramente infeliz.

O tempo foi assim escorrendo. O «Fly» a comer boas sopinhas frescas, a gata do lado a caçar muitas vezes para viver, a ensinar os filhos a desconfiar do Mundo e a conhecê-lo. Sim, porque a gata era uma boa mãe, que tratava de ensinar aos filhos o que lhe ensinaram os pais e a estes os pais deles e daí por diante, até a antepassados muito recuados no tempo. Nem ela se lembrava bem, para poder contar aos filhos, nas noites longas de Inverno. Só lhe ficara aquele atavismo que é o de todas as mães.

Um belo dia, a gata-vizinha criava uma bela ninhada de quatro gatinhos felpudos de todas as cores (claro daquelas que os gatos podem ter), o «Fly» acordou mal disposto. Todo o ódio da sua raça felina lhe brotava do coração. Sentia ansias de fazer mal. Mas a quem? A quem odiava ele, com todo o ardor? Nada menos que a pobre bichaninha pacata que tinha a pouca sorte de lhe morar ao lado, mesmo porta com porta. Da varanda, pôs-se á espreita; á espreita bem escondido, sim, porque ele sentia ódio, mas não pensava que isso bastasse para lhe dar coragem ou força. Escondido, viu a gata sair, depois de ter deitado uma olhadela ao caixote onde deixava os queridinhos. Ficavam bem, mesmo debaixo da chaminé, no calorzinho do fogão e das caricias da cozinheira muito amiga dos animais. Lá foi, sem pensar que o inimigo espreitava...

E mal se afastou e nem já o cheiro dela se adivinhava, o nosso amigo (até sinto vergonha de lhe chamar amigo) saiu do esconderijo e entrou, sorrateiro, na casa do lado. Foi á chaminé e... nem lhes conto a feia acção do «Fly», esse gatarrão enorme e cobarde, que não podendo bater na mãe, batera nos filhos indefesos.

E não lhes conto, simplesmente porque na raça dos gatos ainda os há corajosos e dedicados, fieis que nem um cão amigo. E seria, para estes, uma vergonha tornar publico um acto tão cobarde de valentia...

Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Os CAVALEIROS da TÁVOLA REDONDA

VÊS, MISERÁVEL, EM QUE ESTADO ME DEIXASTE?

TODA a noite as atalaias do pequeno exército de camponeses estiveram atentas receando qualquer ataque de surpresa por parte das mesnadas do castelo de Turquino. Mas nada sucedeu: a noite passou-se calmamente. Pela madrugada, mal os galos desfraldaram seus cantos de alegria ante a manhã que vinha crescendo — os companheiros de Tobias Knolett e de Lançarote aprestaram-se para os perigos que em breve teriam de enfrentar.

— Somos tão poucos! — pensava Lançarote com tristeza. Se nos atacarem em vaga, seremos submersos. E se pusermos bem á vista o cadáver de Turquino? Tal espectáculo poderá ter grande efeito sobre os nossos inimigos.

Depois desta ideia, Lançarote sentiu-se mais confiado na vitória do seu punhado de companheiros. Nessa mesma altura o jovem Tobias Knolett, escarranchado na ramada de um carvalho do norte, abrangia com um só relance de olhos o acampamento, os camaradas e as muralhas carrancudas do castelo de Turquino Mão de Ferro. Pousava a vista com amor no vulto de cada um dos amigos. Ali o Jeremias, ali o Manfredo — este, aquele, aqueloutro. Que bons companheiros para levar uma obra difícil até ao seu termo! Bem verdade era o que tinha ouvido dizer em menino a um velho: só sabe lutar contra a dor e a opressão o que verdadeiramente as sente e sofre.

Tobias Knolett fez um trejeito com a boca e, enquanto coçava uma ferida que fizera num calcanhar, dizia para consigo:

— Afinal não somos poucos. Somos os necessários para vencer os nossos opressores. No fim de contas temos o que eles não têm: temos o futuro, que é a justiça. Somos nós quem está do lado da razão e isso nos enche duma força invencível. Eles querem manter a maldade e nós, acabar com ela.

Saltou, lesto, para o chão, deitou a correr para um montículo no meio do acampamento e chamou os companheiros. Em breve se comprimiu um cacho humano á sua roda e Knolett ergueu o braço a pedir palavra, como faziam seus avós, bisavós e trisavós:

— Amigos! — bradou — Vedes aqueles muros? — e apontava para o castelo.

«Aos que encheram o peito oco com medo, eles parecem montanhas por onde não se passa. Nós, porém, queremos acabar com a tirania que nos persegue mesmo quando dormimos. Nada, pois, nos falta para alçarmos a perna por aqueles muros como o fazemos ás pequenas sebes dos nossos campos. Já contamos uma vitória: a morte de Turquino. Agora precisamos de falar sobre o que mais faremos ao diante. Dizei, amigos, cada um por sua vez».

A conversa generalizou-se. Todos iam engrossando cabedal comum com as suas ideias e no fim acabaram por concluir que deviam marchar numa fila de dois, levando á frente a padiola onde dormia o ultimo sono, Turquino, o mais cruel e maldoso cavaleiro que vivera até então sob a rosa do Sol.

Imediatamente a decisão do Conselho dos Camponeses, foi posta em prática e daí a pouco o pequeno exército parava a uns cem metros da muralha do castelo, despegando-se do grupo Lançarote, armado de ferro dos pés á cabeça.

Do cimo da muralha debruçaram-se algumas cabeças. Então Lançarote apontou-lhes o corpo de Turquino. Nada lhes podia valer. Se não se rendessem enquanto era tempo, de toda a parte, de todas as glebas de Inglaterra surgiriam camponeses armados mais do que as ervas e as pragas. Nessa altura já seria tarde para se arrependerem: o mar imenso dos homens que pediam justiça afogá-los-ia sem apelo e não haveria brado piedoso que o fizesse parar.

O discurso de Lançarote e a visão do cadáver do seu chefe pareceu encher-lhes de pasmo. Estiveram a conciliabular. As amcias encheram-se de cabeças curiosas. Depois começou a ouvir-se dentro do castelo forte algazarra — gritos de guerra, de dor, de ódio. E mais fortes do que eles retinia mos ferros. Knolett riu-se.

— Os tiranos estão-se a devorar uns aos outros — disse. Quando soa a sua hora é sempre assim.

E não se enganava. Dentro do castelo fervia a pior das desordens. Todos se chamavam culpados uns aos outros e diziam:

— Vês, miserável, a que estado me levaste?

— Eu? — respondiam — Tu é que tiveste a culpa. Pois não te disse eu, quantas vezes, que era mister prender e justiçar Turquino Mão de Ferro?

E assim começando arremessavam, primeiro, os piores nomes uns aos outros e acabavam por erguer as espadas ou os machados contra os companheiros de há pouco.

Os camponeses, aproveitando a ocasião, deitaram fogo á porta do castelo e entraram, deixando lá fora o corpo de Turquino e os seus soldados bem manietados de pés e mãos. O que viram arrepiou-os: pouca gente viva restava, e esta mesmo debatendo-se com terríveis golpes. Perdidos, os tiranos tinham-se exterminado uns aos outros. E desta forma se fez a justiça mais pronta e mais terrível: uma hora bastara para que nada restasse das terríveis mesnadas de Turquino.

Três dias levaram a enterrar os mortos e a tratar dos feridos. Tiraram das masmorras os cavaleiros da Távola Redonda, traiçoeiramente aprisionados por Turquino e, juntamente, o pai de Rosamunda, que julgava não mais tornar a ver a luz do dia.

Quiseram entregar o castelo a Lançarote, mas este disse que só Tobias Knolett o merecia, como verdadeiro chefe dos camponeses. Pretendeu armá-lo cavaleiro, mas o jovem disse com um sorriso de bondade:

— Amigo, cavaleiro nunca serei, pois não tenho mãos senão para a rabiça do arado, ou a enxada ou o machado. Está bem que fiquemos nós todos com este castelo, já que vós sois um cavaleiro andante e procurais em toda a parte novos feitos de armas. Mas tende como certo que muito nos agradaria que fosseis o nosso chefe, pois, em verdade, não pertenceis á praga daninha dos opressores.

No outro dia pela manhã Lançarote despediu-se de todos com grande amizade e voltou a seguir pelos caminhos desertos á procura de novas aventuras. Levava na alma a ideia de Swein e de Tobias Knolett — um morto e um vivo.

E pensava neles com saudade e amor, quando, no cotovelo dum caminho, lhe surgiu uma jovem a cavalo, sem qualquer outra arma que não fosse a sua beleza:

— Senhor cavaleiro, dizei-me quem sois!... Acaso pertenceis á grande família da corte do rei Artur e da Távola Redonda?

— Adivinhais, senhora minha. Sou o mais indigno de todos os cavaleiros da Távola Redonda, pois me chamo Lançarote do Lago.

A donzela teve um grito de espanto e logo lhe contou muito acodada que havia a uma légua dali um feroz cavaleiro que raptava todas as donas ou donzelas que por lá passassem. Nunca por aqueles sítios cavalgara um homem capaz de lhe fazer frente. Seria ele o primeiro?

— Decerto que serei, senhora. Apontai-me onde é, que prestes lá estarei.

A moça prontificou-se para o acompanhar e os dois seguiram a trote, por entre arbustos altos. De subito atravessou os ares um grito agudo. Era um grito de mulher e novos se seguiram. Depois ouviu-se um estertor abafado e tudo se calou.

Lançarote esporeou o cavalo, que partiu á desfilada. Chegara a tempo! Um cavaleiro vestido de vermelho, com uma jovem na garupa da montada, fazia esforços para segurar a sua presa, de forma a poder seguir sem estorvo.

Lançarote tolheu-lhe o passo, postando-se-lhe na frente, e avançou de espada erguida. O adversário atirou com a jovem para o chão e tentou fugir; mas a espada de Lançarote desceu como um relampago sobre o elmo e o «Roubador de Donzelas» tombou para nunca mais.

VOAY, o crocodilo e TANDRAKA, o porco-espinho

Tandraka, o porco espinho, andava um dia a passear nas margens da ribeira. Ao longe, nas pastagens, pequenos boeiros, guardavam suas manadas de bois, cantando canticos intermináveis e fabricando, para se distrair, bonecos de barro.

A beira de água, muitas plantas balançavam as largas folhas que, sopradas pela brisa, se entrechocavam. No entanto, nem este doce ruído nem a beleza da paisagem conseguiam interessar Tandraka; a tudo isso ele preferia o quase imperceptível ruído dúm daqueles vermes que fervilham na lama, pois bem verdade é que a fome é má conselheira.

E tão cega é a fome que, absorvido a regalar-se com um verme, Tandraka veio cair em cima dum enorme tronco de árvore. Mas eis que esse tronco possuia dois olhinhos pestanejantes e duas queixadas enormes.

Embora muito distraído, o ouriço reconheceu o seu grande inimigo, o crocodilo Voay, e viu que já não podia salvar-se. Tremelicando de medo disse o mais amavelmente possível:

—Querido irmão mais velho, perdoai-me ter-vos interrompido a sesta, mas queria ser o primeiro a apresentar-vos as minhas homenagens.

Voay estava de muito bom humor, pois acabava de comer um excelente almoço. E disse:

— Querido maninho, tenho imenso prazer em conversar convosco. Há por aqui pouca gente esperta com quem se possa conversar, e os poucos fogem de mim, nem sei porquê...

* * *

Dito isto resolveram ser amigos para sempre e cada um convidou o parceiro para um jantar.

Voay, por ser mais velho, foi o primeiro a obsequiar o outro. No dia combinado, lá estava Tandraka, á espera de comer belas coisas. Mas o crocodilo nem disso se lembrara e matou á pressa um boi, imprudente que resolvera meter o focinho todo na água do rio.

Tandraka só comeu um petisquito, pois aquilo não era comida para ele. Além disso, Voay engoliu a presa num abrir, coisa que não estava nos seus hábitos, visto que os crocodilos levam a sua caça para o fundo dos rios e só a comem depois de apodrecer.

* * *

Veio a vez de Tandraka receber o vizinho. Durante dias e dias andou ele — pobrezinho! — a caçar gafanhotos e mais insectos pelos campos. Estava já cansadinho de todo, mas sentia-se orgulhoso pela fina comida que ia oferecer ao terrível hóspede.

Qual não foi o seu espanto quando ouve o crocodilo a bufar de raiva:

—E' isto o teu almoço? Não acredito. Nem cabe na cova dum dente.

— O' meu senhor! — respondeu Tandraka — foi isto o que consegui caçar e peço-vos humildemente que o aceiteis.

— Ès um insolente, um ingrato. Ofereci-te um boi, bem gordo, com que te refastelaste, quase nada deixando para mim. E é isto que me dás? Não quero!

E fechando a boca engoliu tudo quanto Tandraka andara caçando durante mais de uma semana. Nem um insecto deixou! Então, o porco espinho venceu o medo e arreganhou os dentes, tão zangadinho que estava.

— Ah! ainda te zangas — regongou Voay — Em vez de me pedires desculpa ainda refilas? Olha que lindo ficas com esses olhinhos.

—E tu? Mira-te bem, meu paspalho.

* * *

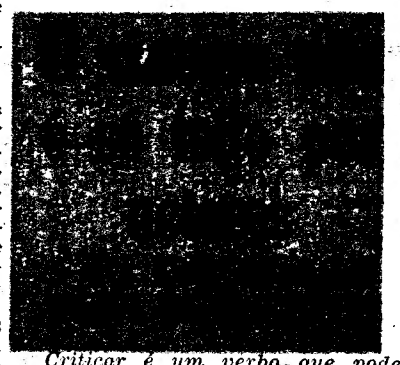
Cego de raiva, o crocodilo nem pensou duas vezes: em vez de arrastar o porco espinho para o seu antro, onde, ao fim de alguns dias, já podre, lhe cairiam os espinhos, Voay abriu as goelas para o engolir. Vendo isto, Tandraka enrolou-se, como fazem todos os ouriços, e atirou-se para a garganta do inimigo, crivando-o de picos que o mataram.

Então o nosso ouriço abriu as mandíbulas de Voay e foi logo para casa — no tronco duma árvore — onde vivia com a senhora Tandraka e os pequeninos Tandrakas. E ensinou-lhes esta canção:

O pequeno triunfou do grande
Eu não tenho medo do crocodilo
E mais vale a inteligência
que a força

Desde essa altura as mulheres Malgaches (de Madagascar) não têm medo de se aproximar da água de uma ribeira desde que vejam a refocilar na lama um porco-espinho. Elas sabem que os crocodilos terão medo de abrir a bocarra...

LENDA DE MADAGASCAR



Criticar é um verbo que pode mudar de significado conforme é aplicado por esta ou aquela pessoa.

A crítica é para uns a destruição sistemática e organizada das ideias apresentadas por alguém, para outros é a reconstrução de um edifício ideal que ameaça ruir mas há ainda quem diga que ela é a construção de uma teoria paralelamente a outra que julgamos errada, estabelecendo, por fim, comparações entre elas. Partilho destas duas ultimas opiniões e só assim concebo a crítica como eficaz. Arrasar é exercício próprio para bárbaros mas corrigir, sublimando, é trabalho util e digno.

E' corrigir, pois, o que me propus fazer...

Leia-se com atenção o artigo de Mlle. Sylvie Weil. E' uma prosa mais ou menos estruturada em que Greta Garbo é assunto predominante. Sobre isto haverá algo a emendar? Acho que não pois não é o assunto principal que devota fraqueza mas sim as ideias secundárias que espaço a espaço surgem no texto.

A leitura da prosa desta jovem francesa leva-nos a pensar que para fazer cinema, ou melhor, bom cinema, só são necessários bons intérpretes, e Greta foi sem duvida uma boa actriz. Ela rodou filmes mudos e sonoros, e o que fez dela a famosa Greta Garbo foi, talvez, a mímica que era necessária nos filmes mudos associada com a voz nos filmes falados. Conhecem algum intérprete dos filmes mudos que não saiba, sem o auxílio da voz, expressar os seus sentimentos? A vossa, como a minha resposta, são por certo negativas.

A Garbo contracenou com os mais variados e famosos galãs «hollywoodescos de então: John Gilbert, Ramon Novarro, Lew Ayres, John Barrimore, Clark Gable e Charles Boyer. Os títulos dos seus filmes são ainda recordados com saudade: «Mata-Hari», «Grande Hotel», Suzanne Lennox», «Maria Walewska», «A rainha Cristina», «Anna Karenine» e o seu ultimo filme «The two faced woman» (A mulher de duas caras).

Mas cinema não é feito só pelos actores, Em cinema há produtores, realizadores, captadores de imagem e som, argumentistas, figurinistas, decoradores, electricistas, etc., toda uma gama de técnicos especializados que só conjuntamente podem levar a efeito um bom filme.

*Quantos figurantes sem valor **têm feito bons papéis dirigidos por bons realizadores? Devem existir dezenas senão centenas de exemplos...***

Sylvie Weil adora Greta Garbo como intérprete e desdenha das actrizes actuais. Porquê? Eis um dos seus grandes pontos fracos. Então actrizes como Ingrid Bergman, Virgina Mackenna, Audrey Hépburn, Maria Schell, Giullietta Masina, Anna Magnani e Silvana Mangano não são intérpretes qualificadas?...

A nossa jovem criticada parece andar muito afastada das plateias dos cinemas de estreia ou então o seu entusiasmo por Garbo é fruto da influência familiar ou qualquer outra...

***O romantismo não morreu, diz ela, e eu afirmo que não morrerá** enquanto viverem «meninas piegas» sem outro conhecimento da vida senão através daqueles livrinhos, género romance cor-de-rosa, que algumas editoras insistem em lançar pelas tabacarias. E é de ver a circulação desses comprimidos amorosos a oito escudos uma centena e tal de páginas...*

Por fim pergunto a mim mesmo qual é a mensagem que Sylvie Weil nos quer fazer chegar. No encontro nada significativo senão um elogio incondicional a Greta Garbo. Todos nós a sabemos boa actriz de uma época do cinema que já passou.

Mas como cineclubista e «jovem do meu tempo» penso que em vez de se olhar para trás há que procurar ver cada vez mais além e levar o cinema a um aperfeiçoamento cada vez maior. Há que educar cinematograficamente o grande publico e isso não se consegue falando entusiástica e unicamente das épocas passadas.

Quanto ao comentário de M. Jean-Louis Curtis acho-o tão descabido que me parece o seu autor saber tanto do assunto como a sua jovem criticada...

* * *

Comentário de Augusto da Costa Dias:

CUIDADO COM O ROMANTISMO!

Estou em grande parte de acordo com o que nos afirma o Luís Manuel Vieira. Apenas dois reparos para não alongar muito estas linhas: o primeiro é a injustiça que pratica com a jovem Silvye Weil, de que publicámos um depoimento, na verdade equilibrado, culto, em que nos revela grande acuidade de observação mesmo quando a realidade é subtil; o segundo refere-se ao conceito do Luís Vieira, segundo o qual o romantismo «não morrerá enquanto viverem meninas piegas sem outro conhecimento da vida senão através dos livros, etc.». Então, amigo, que ideia fazes tu do romantismo? Nesse teu conceito metes Herculano, Lord Byron, Victor Hugo (só para citar três nomes)?

Este nosso amigo pode levantar na Avenida de Roma, 78-2.º esq.º os livros seguintes: «Os melhores Contos Portugueses» — Portugália Editora; «Padrões de Cultura», Livros do Brasil.

QUAL E' COISA QUAL E' ELA?

Eis mais uma adivinha tirada do livro de Fernando Pires de Lima, «Qual é a coisa, qual é ela ?»:

Que é, que é
Que alto está, alto mora
É assim que lhe batem
Logo chora ?

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao dia 21 de Agosto, acompanhadas do nome, morada, data do nascimento dos concorrentes, bem como a indicação dos três artigos que mais apreciaram esta semana.

Soluções dos Concursos do n.º 117
I—GIGANTES DA HUMANIDADE: GOETHE
II—Qual é coisa, qual é ela? A MEIA

VENCEDORES

1.º — Amigo n.º 1 — Isabel Maria Sander Sousa Guerra (Lisboa).

2.º — Amigo n.º 1698 — Marília da Trindade Bento (Reguengos de Monsaraz).

3.º — Amigo n.º 1687 — Manuel Fernando Salazar (Mirandela).

4.º — Amigo n.º 1456 — Maria do Pilar Portas Feijóo (Lisboa).

5.º — Amigo n.º 836 — Maria Fernanda Nunes Leal (Lisboa).

6.º — Amigo n.º 1655 — Maria da Luz Monteiro Videira (Coimbra).

7.º — Amigo n.º 1681 — Francisco Manuel do Couto (Espinho).

8.º — Amigo n.º 1682 — Frederico Abel (Lisboa).

9.º — Amigo n.º 1683 — Artur de Faria Maurício (?).

10.º — Amigo n.º 1692 — Mário Manuel Coelho da Silva (Porto).

PRÉMIOS

1.º — «O POTRO VERMELHO», colecção Miniatura, dos LIVROS DO BRASIL, LDA.

2.º a 4.º — «RATOS E HOMENS», da colecção Miniatura, dos LIVROS DO BRASIL, LDA.

5.º a 7.º — «A VELHA CASA SOMBRIA», colecção Miniatura, dos LIVROS DO BRASIL, LDA.

8.º a 10.º — «SARÇA ARDENTE», colecção Miniatura, LIVROS DO BRASIL, LDA.

... ...

Prémio Especial para o melhor trabalho sobre GOETHE:

11.º — Amigo n.º 1539 — Heitor Fernando Ferreira da Silva (Porto).

11.º — «VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE JOANA D'ARC», por Marcelin Defourneaux, edição de LIVROS DO BRASIL, LDA.

«UM CASAMENTO EM FLORENÇA», da colecção Miniatura, LIVROS DO BRASIL, LDA.

Todos os prémios podem ser levantados na Avenida de Roma, 87-5.º, direito, em Lisboa, cinco dias depois da publicação do sorteio. Os prémios que se destinam á província, continuam a ser expedidos pelo correio. Agradecemos aos premiados da Província o favor de acusar a recepção dos livros, imediatamente, a fim de evitar extravios.

DIÁRIO DE BORDO

Amigo n.º 1.692 — Mário Manuel Coelho da Silva (Lisboa): Ficaste inscrito com este número na futura correspondência. Morada a morada, sim? Nem sei como o «Juvenil» te pode agradecer as tuas palavras de simpatia.

Não podemos deixar de te afirmar que o objectivo do nosso pequeno suplemento é, como dizes «levar ao abandono da timidez, natural na mocidade, á criação de actividades literárias». E nunca peças desculpa de maçadas, porque os amigos do «JJuvenil», nunca, nunca nos maçam. Para eles trabalhos.

Amigo n.º 1.669 — Maria Julite Guimarães (Benfica): Ès tu de facto a contemplada. O engano foi do jornal, porque a ficha está certa. O «Juvenil» sentiu-se muito inchado por lhe teres chamado «magnífica revista». Lá chegará com o tempo; mas por uma coisa luta ele, assim mesmo pequenino: para ouvir palavras como as tuas «com que todos os sábados deliciam a gente nova». Deliciar e ensinar é todo o nosso desejo. Obrigado.

Amigo n.º 1.691 — Ana Maria Silva Louro (Lisboa): Mandaste duas moradas, mas não explicas para onde devemos escrever. Esclarece, sim, para que te possamos mandar as moradas que pedes.

PORTUGAL E A JUVENTUDE

(Continuação da 1.ª página)

cesco di Franco, da Editora Arcádia.

MENÇÕES HONROSAS:

Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro): «O que é a Física», por Rómulo de Carvalho, e «O homem nu», por Francesco di Franco, ambos da Editora Arcádia.

Ana Maria Canhão (Lisboa): «Discurso do método», por Renato Descartes, da Livraria Sá da Costa, e «Scaramouche», por Sabatini, da Portugália Editora.

J. João G. Ventura (Coimbra): «Despedida breve», por José Augusto França, de Publicações Europa-América, e «O homem nu», por Francesco di Franco, da Editora Arcádia.

Carlos Manuel de Almeida: «O homem nu», por Francesco di Franco, da Editora Arcádia, e «A vida nos outros mundos», por Herbert Spencer Jones, da Editora Arcádia.

2.ª SÉRIE — dos 13 aos 15 anos.

1.º PRÉMIO — Joel Eduardo Hasse Ferreira (Lisboa): «As mais belas histórias de animais», «Antologia do conto moderno», «As mais belas histórias do Natal», e «A vida nos outros mundos», por Herbert Spencer Jones, «Que é a Física», por Rómulo de Carvalho, e «O homem nu», por Francesco di Franco. Todos estes livros são da Editora Arcádia.

2.º PRÉMIO — Luís Antunes da Silva (Amadora): «ABC policial», de Publicações Europa-América, «O voo no espaço cósmico», de Publicações Europa-América, «O que é a Física», por Rómulo de Carvalho, da Editora Arcádia, «Corte na aldeia», por Francisco Rodrigues Lobo, da Livraria Sá da Costa, e «Scaramouche», por Sabatini, da Portugália Editora.

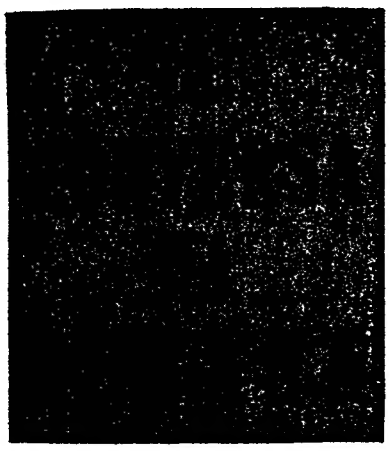
3.º PRÉMIO — Maria Celina Lemos Godinho (Lisboa): «Diálogos de Roma», por Francisco da Holanda, da Livraria Sá da Costa, «As mais belas histórias de animais», «Antologia do conto moderno», e «A vida nos outros mundos», três volumes da Editora Arcádia.

4.º PRÉMIO — Margarida Losa (Porto): «Fonte Amara», por Ignazio Silone, de Publicações Europa-América, «Despedida breve», por José Augusto França, de Publicações Europa-América, «As mãos na Medicina e na Psicologia», de Publicações Europa-América.

3.ª SÉRIE — Menores de 13 anos.

1.º PRÉMIO — Dúnia Rosale e Viegas (Faro): «A gaivota», por Virgínia Lopes de Mendonça, da Portugália Editora, «História do relógio», por M. Ilin, de Publicações Europa-América, «Scaramouche», por Sabatini, da Portugália Editora, «As mais belas histórias do Natal», e «As mais belas histórias de animais», ambos da Editora Arcádia.

2.º PRÉMIO — Maria Manuela Chaves Dias (Lisboa): «Sinais na serra», por Paul Bousquet, da Clássica Editora, «O velho e o mar», por Ernest Hemingway, de Livros do Brasil, «As mais belas histórias do Natal», e «As mais belas histórias de animais», ambos da Editora Arcádia.



Hoje ocuparemos toda esta secção com um depoimento de muito interesse do amigo n.º 169 — Joel Eduardo Hasse Ferreira (15 anos). Resolvemos publicá-lo na íntegra, dado a contribuição que representa para a renovação do «Juvenil». Só desejamos que os nossos leitores discutam estas questões, de forma a que o «Juvenil» corresponda cada vez mais ás suas aspirações.

1

Está fora de duvida para mim que o «Juvenil» tem vindo a melhorar lenta mas progressivamente de numero em numero. Já nele se encontram duas páginas totalmente preenchidas com colaboração de jovens, á excepção do Concurso; e isto sem falar da colaboração que ainda se encontra no interior. Penso que aquelas duas páginas, as exteriores, são as tais para maiores de 15 anos, que definem já uma separação que se tornou agora nítida e que já era anunciada há algum tempo. A própria parte interior está a melhorar, sendo, quanto a mim, de assinalar a colaboração dum jovem de 13 anos, e a Conversa da Semana em que vem inserida uma bem escrita carta do meu amigo Eduardo do Prado Coelho; além disso, tem-me agradado o desvio de tom que o folhetim «Os Cavaleiros da Távola Redonda» tem levado, sendo agora de carácter mais humanístico e por isso mesmo mais interessante do que o tom medievalesco, próprio para Suplemento Infantil e não Juvenil, que dantes apresentava.

Outra coisa de que gostei e que me parece faltar bastas vezes no Juvenil, foi aquele ligeiro esboço sobre Vítor Hugo. Penso que, em geral, o estudante jovem (não confundir com o aluno) tem uma sede de cultura que pudesse abranger a musica, a arte, a literatura, a vida dos grandes homens nesses diversos campos, mas não os seus dados biográficos frios que, pelo menos a mim, me parecem sempre iguais: «Fulano nasceu em tantos de tal, fez isto, aquilo e aqueloutro, celebrizou-se e morreu aos tantos de tal», etc. Não, o que me parece interessante são perfis da personalidade, do sentir, da mensagem legada pelo grande homem á Humanidade, e a mensagem que ele aprendeu dos seus predecessores e contemporaneos. Difícil, na verdade, talvez o seja; mas só desse modo penso eu que valerá a pena conhecer-se as celebridades.

E' certo que me podem dizer que tudo isso vem em livros, em biografias. Porém, quanto a mim, o estudante não pode comprar tudo aquilo que lhe interessa, não tem ao seu dispor bibliotecas onde procure e estude o que deseja. E eu estimava que o «Juvenil» aí desse uma pequena ajuda: «Divulgação cultural para uma juventude mais culta», um esforço a fazer nesse sentido. A cultura é um meio de nos elevarmos, e quantas vezes ela não está ao alcance do jovem. (Não seria mau se voltassem as Notas de Leitura. Interesse maior até teriam se fossem jovens a escrevê-las).

Não sei se este aspecto estará englobado no plano e na missão do «Juvenil». Se não está, apresento as minhas desculpas. Até eu próprio, a princípio, pensei que o fim do «Magazine» em parte fosse esse, mas parece-me que se está a reduzir rápidamente a um genero de «Digest» demasiado superficial, com muitas coisas de que não se aprende quase nada.

E' talvez esse um dos aspectos que quanto a mim está a faltar no «Juvenil, visto que o das Sessões de Cinema está a ser abordado sériamente, pelo que sei. Não sei é se o «Juvenil» terá uma maioria de amigos demasiado cultos, que não precisem já de divulgações culturais...

Outro aspecto que não sei se será razoável da minha parte falar nele é o problema do «Juvenil» como jornal. Então o «Juvenil» não é um jornal? Não, quanto a mim, se bem que isto seja um pouco subjectivo, é uma revista. E porquê? Porque embora inserindo problemas da actualidade e muitas vezes de interesse premente (Teddy-Boys, Arte Moderna, etc.), é silencioso quanto a ocorrências ocasionais. Quantas vezes sucede uma coisa qualquer, muita gente «bota discurso» nos jornais, e os jovens não são ouvidos. Um problema, se bem que não se possa dizer ocasional, mas que apenas é falado durante uma época do ano, é o dos exames, ou mais concretamente o que sucedeu em tal ou tal exame de tal ou tal ano. Isso já é um problema ocasional e quantas vezes acontece, como este ano, ser debatida nos jornais uma dada questão acerca do ponto tal. Muita gente fala sobre isso, mas os mais interessados afinal (os estudantes) não são ouvidos. Todos pensam apregoar as opiniões e os desejos da massa estudantil, e o que ela desejará na verdade. Mas a juventude esclarecida talvez saiba melhor pronunciar-se sobre isso do que as gerações anteriores que nas próprias diferenças entre si não podem achar um padrão comum a imporem aos jovens. Ouçam-se os interessados. Que se diria até a serem os estudantes directamente ouvidos em pormenores na elaboração de estatutos liceais, em críticas á organização de exames, etc. E' claro que eu espero que houvesse pelo menos uma minoria com uma certa seriedade (a que eu penso que pertencem quase todos os amigos do «Juvenil»), que pusesse acima dos seus próprios interesses de passagem de ano, o ideal duma Sociedade de que virá a ser formada por eles próprios, e cuja vida virá a ser honesta e laboriosa na medida em que os jovens que a irão compor trabalhem hoje na sua preparação profissional. E tão pouco se fala hoje disto! Ou, pelo menos, muito mais se devia falar! E o jovem, se não tem o direito, tem motivos para se desinteressar do seu próprio problema. Pois se ele «não tem voto na matéria», como se costuma dizer.

E agora fui eu próprio que deixei de focar os exames como problema ocasional, e os passei a focar como problema geral, ou antes como aquilo que eles deveriam ser: uma prova real e verdadeira de que o aluno sabe o suficiente para poder prosseguir em frente, firmado em sólidas bases. E agora uma pergunta: Acontecerá isto com o aluno de 9,5? Prefiro não responder.

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

O grande escritor que hoje apresentamos é o patriarca da literatura de antecipação. Pela sua confiança no Homem, pela sua crença no progresso, pela sua inabalável certeza de que, por meio da Ciência, o Homem acabaria por dominar não apenas a Natureza do planeta em que vive, mas ainda os espaços longíquos; por tudo isto e pelo seu formidável poder da imaginação e pelo seu optimismo — este grande romancista francês é, ainda hoje, um dos dez escritores mais lidos no Mundo, quer por jovens, quer por adultos.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 21 de Agosto, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento e numero de ficheiro (caso os concorrentes já o possuam) bem como da indicação dos três artigos que mais lhes agradaram esta semana.

Além dos habituais prémios, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o nosso Gigante da Humanidade.

(Continuação da 1.ª página)

da escuridão que me esperava, como um abismo, no caminho da vida. Em vão no entanto... Estaquei. Ofegante e combalido. A fraqueza havia-se apoderado de mim. O mar, agora mais feroz, bramia ruidosamente, procurando a catástrofe. As suas garras famintas procuravam uma vítima, um ente, para saciar a sua ferocidade. Uma onda de vento mais forte, varreu-me da posição instável em que me encontrava. Caído, tentei erguer-me. Porém as forças negaram-se. O pão não entrava na minha boca, havia quase dois dias...

Resignado, e limpando o rosto humedecido pelo suor, que me corria em grossas gotas pela face, olhei indiferente tudo o que me rodeava. A soluçar, orei. E, ao levantar a mão trémula para fazer o sinal da cruz, senti um enorme peso nos ombros. Era o fim, e... Como eu já o desejava...

Ali, amortalhado, jazia sobre o chão um corpo sacrificado pelo infortunio. Ali, jazia um pedaço da Natureza que um passo falso na vida impiedosamente havia atirado, para as malhas da podridão e do desprezo.

Deus, porém, não quis que a minha alma entrasse ainda no seu reino celestial e, hoje, ao escrever estas linhas, calmamente, como vós as estais lendo, recordo essas tristes horas de agonia e, lembro-me ainda das minhas ultimas palavras, antes da perda da consciência:

— Que a maldade dos homens seja perdoada por Deus e que o Divino me inflija a pena do pecador arrependido...

Bibliografias

Muitas vezes os nossos amigos querem adquirir livros, mas não sabem o que comprar. A Guilda Portuguesa do Livro, na sua secção GUILDA DOS JOVENS (dirigida pelos directores do «Juvenil») está a montar uma secção de livraria e de informações sobre livros que põe á disposição dos nossos leitores. Basta dirigirem-se, pois, á

GUILDA DOS JOVENS
Avenida de Roma, 78, 2.º - Esq.

fazendo as suas consultas e encomendas de livros.

Além de uma resposta gratuita ás suas consultas, os Amigos do «Juvenil» terão sempre um desconto nos livros que adquirirem.

Enviam-se livros pelo correio.

Fora do estudo um dos assuntos que mais me interessa é a arte, incluindo a arte contemporanea; uma das coisas que mais me choca é a incompreensão da maior parte das pessoas, incluindo colegas meus, perante a arte moderna, que consideram como coisa ilógica, sem senso e mesmo, por vezes, estupida.

Todos nós sabemos que não só na pintura, mas principalmente, na literatura, ao romantismo sucedeu o realismo.

Uma das características essenciais do romantismo, que aqui me interessa apontar é uma preponderancia da imaginação sobre a realidade, digamos do afectivo sobre o racional.

Das actuais correntes artísticas o abstracionismo é, sem duvida alguma, um dos movimentos de maior importancia e no qual tomam ou tomaram parte dos maiores valores da arte contemporanea.

O abstracionista, fazendo o possível por libertar a pintura de elementos escultóricos e arquitectónicos que lhe são estranhos, na tentativa de atingir uma pintura pura, faz um grande trabalho intelectual, não se limitando a interpretar o modelo que serve á sua obra, pois há um trabalho por assim dizer imaginativo da parte do artista.

Um quadro abstracto não é, como vulgarmente se pensa uma disposição casual de linhas e superfícies num plano — o plano do quadro; obedece a determinados cânones que o permitem distinguir perfeitamente de outras correntes contemporaneas, mas não das outras de todos os tempos, pois, como André Malraux diz «o abstracionismo é a corrente da arte moderna que mais se aproxima dos cânones da pintura clássica».

Esta quase preponderancia da imaginação sobre a realidade é levada ao extremo no Dadaismo e no Surrealismo — palavra que se fosse a tradução literal da francesa que lhe deu origem seria «sobre-realismo» — em que os sonhos são tomados muitas vezes como temas pelos artistas, pois, como André Breton diz em «Les Manifestes du Surréalisme» nós podemos duvidar se aquilo que chamamos sonho não será a verdadeira realidade enquanto que o que chamamos realidade não será realmente o sonho; sendo assim, se normalmente os assuntos das obras de arte são tirados da chamada vida real, existindo para um surrealista a duvida já apontada, porque não «pescar» os seus temas naquilo que para o senso comum é o sonho? Sem sair do campo estético, não me parece fácil solucionar o problema e de modo algum se poderá provar que o surrealismo não é válido (estéticamente, é claro).

Este movimento baseia-se também num cansaço do belo, mas do belo sob o ponto de vista do realismo, pois para Breton «o maravilhoso é sempre belo, qualquer maravilhoso é belo e até além do maravilhoso nada há que seja belo» («Les manifestes du surréalisme» in «Breve Antologia Filosófica», III vol., de Joel Senão e Rui Grácio).

O surrealismo e o abstraccionismo, como várias correntes estéticas modernas, têm, pois, de comum, uma reacção contra o realismo, pois regressa-se em parte ao romantismo com a predominancia do intelectual sobre o real — o surrealismo sem cânones de beleza, porque «qualquer maravilhoso é belo», diferindo do abstraccionismo, que possuindo-os, são tais que levaram A. Malraux a escrever a já citada frase.

E isto focando só alguns aspectos particulares de duas correntes que me parece serem das mais atacadas — quanto a mim injustamente.

O que eu pretendo em resumo dizer é que a maioria das actuais correntes artísticas são o resultado de uma evolução natural e lógica do renascimento clássico e do romantismo, evolução que talvez não se processasse tão rápidamente se não tivesse havido uma guerra mundial no início deste século, guerra que não creio que modificasse fundamentalmente o curso da História e da Arte, mas antes, tivesse contribuido para um apressamento dos factos.

E agora o pequeno comentário de um dos nossos directores.

HÁ UMA ARTE MODERNA, UNA?

Não necessitava deste depoimento do Armando Hasse Ferreira para verificar a seriedade dos seus interesses culturais. Já o conheço há perto de dois anos de contacto com o «Juvenil» e sei que considera a sua formação cultural uma preocupação diária, premente.

Aos problemas que hoje aqui levanta, e que possuem bastante alcance, eu só queria, por hora, chamar a sua atenção para a necessidade de fundamentar melhor as posições que toma. Quando digo «fundamentar melhor», tenho em mente que um estudo mais profundo de problemas de arte pode mesmo fazer-lhe modificar as suas opiniões actuais.

Uma delas é a do abstraccionismo. Ora eu ponho á meditação do Hasse Ferreira este problema: uma arte onde o homem está ausente consegue satisfazer as suas ansiedades de cultura? (A questão de saber se o abstraccionismo renovou a «gramática» das formas artistas não está incluída nesta interrogação).

Quanto ao surrealismo, afirmas que não se pode provar que não seja válido e sentes a necessidade de pospôr a este válido o estéticamente. Pareces admitir a hipótese da sua invalidade noutro ponto de vista. Eis um caso para meditares.

Outro, é o que se me afigura ser uma confusão na forma como opões realismo a romantismo, ou seja razão contra sentimento.

A oposição pôs-se nesses mesmos termos (e falsamente) quando certos historiadores da literatura, tanto liberais como contra-revolucionários, pretenderam que o romantismo viera substituir a «secura nacional» dos grandes vultos do «século das luzes» com a afirmação do primado do sentimento da sensibilidade, do afecto.

A noção era errada. Trata-se de uma forma mecanica de opor razão a sentimento. Os iluministas de mais fôlego, manifestaram-se mesmo contra a «secura intelectualista» das culturas palacianas aristocráticas.

O realismo não é uma visão estreita da realidade. A ele se pode aplicar a aspiração do filósofo: «O nosso ideal não deve ser um Homem mutilado e descarnado, mas um Homem inteiro, real, universalmente e inteiramente desenvolvido».

Para concluir, quero garantir-te que não deixei de ter na devida conta o teu desejo de actualização cultural. Simplesmente; arte moderna não é um bloco unitário; há várias artes modernas: e o abstraccionismo é um dos seus ramos que mais decadência acusa. — A. C. D.

BOAS COMPANHIAS . . .

«Mais vale bem acompanhado do que só». O livro é a melhor companhia que se pode conquistar.

Pois bem, amigos: agora que as férias começam e há muito tempo livre á vossa frente, não vos esqueceis de escolher bons livros — obras de grandes autores, obras de cultura, belos romances.

Quando fizerdes (e fá-lo-eis agora) esse escolha, aconselhamo-vos as colecções de Livros do Brasil:

A VIDA QUOTIDIANA ● VIDA E CULTURA ● ENCICLOPÉDIA L. B. L. ● LIVROS DO BRASIL ● DOIS MUNDOS ● VAMPIRO ● ARGONAUTA ● MINIATURA

LIVROS DE FÉRIAS SÃO LIVROS DO BRASIL